



INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde

**A VISÃO DE ESTUDANTES SOBRE DROGAS:
SUBSÍDIOS PARA AÇÕES EDUCATIVAS ORIENTADAS
PELA REDUÇÃO DE DANOS**

MARIANA ADADE

**Rio de Janeiro
2012**



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

MARIANA ADADE

A visão de estudantes sobre drogas: subsídios para ações educativas orientadas pela Redução de Danos

Dissertação apresentada ao Instituto Oswaldo Cruz como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dra. Simone Monteiro

RIO DE JANEIRO
2012

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca de Ciências Biomédicas/ ICICT / FIOCRUZ - RJ

A191 Adade, Mariana

A visão de estudantes sobre drogas: subsídios para ações educativas orientadas pela redução de danos / Mariana Adade. – Rio de Janeiro, 2012.

xvii, 198 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, 2012.

Bibliografia: f. 151-162

1. Educação/ensino. 2. Drogas e juventude. 3. Redução de danos. 4. Jogos Educativos. I. Título.

CDD 371.784



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

MARIANA ADADE

A visão de estudantes sobre drogas: subsídios para ações educativas orientadas pela Redução de Danos

Dissertação apresentada ao Programa em Ensino em Biociências e Saúde, do Instituto Oswaldo Cruz, da Fundação Oswaldo Cruz, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dra. Simone Monteiro

RIO DE JANEIRO
2012



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

AUTORA: MARIANA ADADE

**A VISÃO DE ESTUDANTES SOBRE DROGAS: SUBSÍDIOS PARA AÇÕES
EDUCATIVAS ORIENTADAS PELA REDUÇÃO DE DANOS**

ORIENTADORA: Prof. Dr^a. SIMONE MONTEIRO

EXAMINADORES:

Prof. Dr^a. Virgínia Torres Schall (IOC-FIOCRUZ)

Prof. Dr^a. Cássia Baldini Soares (USP)

Prof. Dr. Marcelo Santos Cruz (UFRJ)

Prof. Dr^a. Rosane Meirelles (IOC-FIOCRUZ)

Rio de Janeiro, 06 de junho de 2012.



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Aos meus pais, Ana Maria e Manoel,
sem vocês nada seria possível.

Ao Arthur, meu sobrinho, minha
continuidade.

*Minha vida, nossas vidas,
Formam um só diamante
Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas.*

Carlos Drummond de Andrade

Nesse momento de finalização da dissertação, sinto intensa gratidão por tudo que vivi, pelos aprendizados que escolhi colher, pelos caminhos que escolhi seguir, pelo encontro com algumas pessoas que de diferentes formas passaram por mim. Nesse breve espaço tentarei expressar esse sentimento em palavras.

Sou grata pelas oportunidades de estudo e trabalho que me foram concedidas, bem como conquistadas por mim, em um espaço e tempo onde ainda é um privilégio ter acesso à educação superior.

Ao meu pai que, com sua doçura e rigidez, apoiou, de forma irrestrita e incondicional, todas as escolhas que fiz para chegar até aqui.

À minha mãe, minha maior referência de amor pelo que faz, imprimindo sempre comprometimento e paixão no seu trabalho. Pela sua afetividade que transborda pelas mãos e faz música.

Ao Pedro, meu irmão, que eu amo demais e do qual eu vivo com saudades de tudo que vivemos juntos e de outros tantos momentos que ainda iremos viver.

Ao meu tio Alberto Adade Filho, que desde sempre e para sempre, é meu maior exemplo de amor à vida acadêmica. Ele, juntamente com a minha tia Cicléia Adade formam o melhor casal de pais-drinhos e o mais amado do mundo.

A minha prima Camila Adade, pelo incentivo, torcida e inspiração sempre presentes, e por me fazer experimentar o amor e a cumplicidade de uma relação de prima-amiga-irmã.

À Simone Monteiro, minha orientadora, por não me indicar um rumo único e exato a ser seguido, e sim por me estimular, constantemente, a pensar e construir o caminho que me trouxe até aqui. Tal postura é, para mim, exemplo de coerência entre o dito, o escrito e o vivido. Minha enorme admiração e gratidão por todo o conhecimento compartilhado e, principalmente, por ter me propiciado experimentar muitos momentos de confirmação, sempre pautados por um olhar, uma escuta e uma fala, respeitosa e atenta.

À Marcos Chor Maio, por não ter me aceito como sua orientanda. Mais que isso, por ter me convidado a refletir acerca da minha capacidade e questionar as minhas

o da minha trajetória profissional e acadêmica. E,
a da sala 403 sempre aberta.

À Ana Cristina Saád, Carla Mourão, Marcelo Santos Cruz e Salette Ferreira, minhas referências durante a minha estada no PROJAD/IPUB/UFRJ, por orientarem os meus passos iniciais na assistência à usuários de álcool e outras drogas, bem como nas primeiras leituras sobre o fenômeno do consumo de drogas.

À todos os professores, educadores e técnicos das três unidades de ensino pesquisadas, que facilitaram o desenvolvimento desse trabalho. A receptividade de alguns de vocês me trouxe motivação e coragem!

À Flávia Baddinni e Mabel Cortinhas, bem como às suas famílias, por terem contribuído para que o trabalho de campo em Teresópolis tenha sido também momentos de lazer, de reencontro e de confirmação da amizade.

À Priscila Arantes e Juliana Norberto, minhas amigas-irmãs que em qualquer lugar do Brasil ou do mundo se fazem presentes, diariamente, através das nossas diversas formas de comunicação. E à Maria Clara, minha amiga-irmã caçula, agora afilhada, pelo olhar que me abraça e me compreende, e por todas as nossas identificações que me fazem sentir acompanhada nessa vida.

À Cinthia Struchiner por ter participado dessa trajetória, do início - quando o mestrado era apenas uma idéia, passando pela comunicação da minha aprovação - ao fim, celebrando comigo todas as dores e delícias. Esse momento é apenas um recorte de um encontro permeado por amor, cumplicidade, cuidado, humor e outras tantas coisas que partilhamos.

À Clarissa Nicolaiewsky e Luciana Borges, fiéis amigas e companheiras que acompanharam de perto o meu crescimento e desabrochar para o mundo.

À Juliana e Joana Mattos e toda a supremacia Mattos que se configura como um porto de segurança pra mim no Rio de Janeiro.

À Barbara Celi por me fazer experimentar o potencial da diferença quando anterior a ela, o respeito e a admiração nos servem de contorno.

À Lara Gama, amiga querida que, para além de tudo que partilhamos, me auxiliou na leitura dos dados do IBGE. E que junto com Isa Vieira e Tatiana Araújo formam um grupo de amigas que me proporcionam muitas trocas, diversão, apoio e carinho.

formadora e amiga, por ter facilitado tantos

À Maija Goyena, amiga de infância da Finlândia, por ter estado comigo nos momentos mais difíceis e mais leves de 2011. Por todo o carinho e cuidado que trocamos e que ainda vamos trocar.

À Michele Intrator, a amiga que não desistiu de mim. Tanto não desistiu que se tornou minha vizinha e fiel companheira principalmente nos momentos que antecederam a chegada.

Às meninas do LEASö, Carla Pereira, Cláudia Mora e Zilene Moreira, pelas boas conversas, pelo incentivo e pela empatia.

À Livia Fraga e Priscilla Soares, que transcenderam ao posto de meninas do LEASö. À Lívia, pela amizade que surgiu desde o primeiro encontro e que se intensificou a partir do compartilhar de vivências tão similares nesse percurso de vida intitulado mestrado. Pelas risadas, pelas aflições e principalmente pelo que virá. À Priscilla, pelas afinidades musicais, literárias, políticas e astrológicas, que sempre serviram como um bálsamo para amenizar o peso da responsabilidade da vida acadêmica. Grata, também, por toda a ajuda burocrático-braçal sempre disponível.

À Fátima Cecchetto pelo conhecimento partilhado e pela abertura e disponibilidade para a troca. A convivência me permitiu tê-la como referência da combinação entre a firmeza e a leveza acadêmica.

À todos os colegas da Pós-EBS, especialmente à Roberta de Cicco e Sheila Soares, ócalourasö junto comigo. À Luciana Garrido e José Roberto que se tornaram verdadeiros amigos e companheiros que pretendo levar comigo, vida a fora.

Ao Isac Macêdo, secretário da Pós-EBS, pela atenção, disponibilidade e simpatia, sempre presentes em todos os nossos contatos.

À Elaine Cardozo por me acompanhar verdadeiramente.

À CAPES pelo apoio financeiro.



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

õNão há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.ö

Paulo Freire

Introdução	1
Capítulo 1: Referencial teórico	11
Capítulo 2: Procedimentos Metodológicos	27
2. Contribuições da perspectiva sócio antropológica para a abordagem qualitativa ...	27
2.1 Estratégias Metodológicas	30
2.1.1 Entrevista semi estruturada	30
2.1.2 Revisão e atualização do <i>Jogo da Onda</i>	37
Capítulo 3: Resultados e Discussão: com a palavra, os estudantes	42
3. Caracterização dos universos pesquisados	42
3.1 Estado do Rio de Janeiro: notas breves	42
3.2 As unidades de ensino	44
3.2.1 Unidade de Ensino I	44
3.2.2 Unidade de Ensino II	48
3.2.3 Unidade de Ensino III	51
3.3 Com a palavra, os estudantes	53
3.3.1 Perfil dos estudantes	54
3.3.2 Visão acerca da escola	56
3.3.3 Drogas: conceitos	59
3.3.4 Motivações para o consumo	71
3.3.5 Drogas e Mídia	80
3.3.6 Drogas e Legislação	87
3.3.7 Drogas, Sexualidade e AIDS	95
3.3.8 Relacionamentos interpessoais: família, amigos e outros	101
3.3.9 Educação sobre drogas	109
Capítulo 4: Resultados e Discussão: Atualização do <i>Jogo da Onda</i>	116
4.1 Drogas: conceitos e efeitos	118
4.2 Dependência	119
4.3 Família	120
4.4 Metas e Futuro	122
4.5 Relações de Gênero	123
4.6 Religiosidade	123

.....	124
.....	125
.....	128
.....	129
.....	131
.....	132
.....	133
.....	134
.....	135
Capítulo 5: Considerações Finais	144
Referências Bibliográficas	151
Apêndices	163
Apêndice 1 ó Roteiro de Entrevista	164
Apêndice 2 ó Termo de Consentimento/Escolas	169
Apêndice 3 ó Termo de Consentimento/Pais e responsáveis	172
Apêndice 4 ó Listagem das cartas do Jogo da Onda (primeira edição)	174

RESUMO

Frente ao fracasso das políticas preventivas focadas apenas na condenação do uso de determinadas drogas e os preocupantes dados sobre o consumo de substâncias psicotrópicas entre estudantes no Brasil, este estudo teve por objetivo contribuir para o desenvolvimento de iniciativas voltadas para a prevenção do uso indevido de drogas entre jovens escolares, orientadas pela abordagem da Redução de Danos. A pesquisa está calcada no pressuposto de que as ações educativas devem ser elaboradas a partir do conhecimento das informações e experiências da população em relação ao tema tratado e por uma abordagem pedagógica participativa e dialógica, a fim de construir propostas adequadas à realidade do grupo ao qual a ação se destina. Por meio de entrevistas semi-estruturadas, este trabalho teve como objetivo investigar o conhecimento, as representações e as práticas sociais acerca do consumo de drogas lícitas e ilícitas de um grupo de 40 escolares, do ensino médio e fundamental, de ambos os sexos, na faixa de 11 a 19 anos, da rede pública e particular do Estado do Rio de Janeiro. Os resultados da pesquisa, somados à revisão bibliográfica, fundamentaram a atualização do conteúdo do *Jogo da Onda* (FIOCRUZ/ Edições Consultor, 1998), um jogo educativo sobre o uso indevido de drogas, orientado pela abordagem da redução de danos. O jogo já foi avaliado e adotado em programas de educação em saúde no país e se encontra esgotado desde 2008. Os achados revelam que a maioria dos estudantes possuem uma concepção negativa sobre as drogas ilícitas, enquanto as drogas lícitas não são percebidas como de risco; foi observado que os alunos desconsideram a singularidade dos elementos envolvidos no consumo (o sujeito, o tipo de droga e o contexto de uso). A revisão do *Jogo da Onda* permitiu a atualização de parte do conteúdo do jogo e a proposição de novos conteúdos relacionados ao consumo de bens materiais e simbólicos, à discriminação, à educação sobre drogas, às mídias e mediações socioculturais, à motivação e aos relacionamentos afetivos e sexuais. Frente à carência de formação dos profissionais de ensino na área de drogas e de recursos educativos participativos sobre o tema, os resultados do presente estudo poderão subsidiar o incremento de práticas educativas sobre drogas e temas afins, voltados para o contexto formal e informal de ensino.

Palavras chave: Educação/ensino, Drogas e Juventude; Redução de Danos; Jogos Educativos.

ABSTRACT

Faced with the failure of preventive policy focused only on the condemnation of the use of certain drugs and the concerning data on the consumption of psychotropic substances among students in Brazil, this study aimed to contribute to the development of initiatives aimed at preventing drug abuse among young students, guided by the approach of Harm Reduction. The research is based on the assumption that educational activities should be developed from the knowledge on information and experiences of the population on the subject and with a participatory and dialogic teaching approach in order to build appropriate proposals to the reality of the group that the action is intended to. Through semi-structured interviews, this study aimed to investigate the knowledge, representations and social practices on the consumption of licit and illicit drugs of a group of 40 students, from primary and secondary school grades, both sexes, range of 11-19 years of the public and private schools of the State of Rio de Janeiro. The survey results, together with the literature review, founded a base on updating of the contents of the Jogo da Onda (FIOCRUZ / Publishing Consultant, 1998), which is an educational game about the misuse of drugs, guided by the harm reduction approach. The game has already been evaluated and adopted in health education programs in the country and is sold out since 2008. The findings reveal that most students have a negative conception of illicit drugs, while legal drugs are not perceived as risky; it was observed that students do not consider the uniqueness of the elements involved in the consumption (the subject, the type of drug and context of use). The revision of the Jogo da Onda allowed to update the game content and proposals for new contents related to the consumption of material and symbolic goods, discrimination, drug education, the media and socio-cultural mediation, motivation and emotional and sexual relationships. Considering the lack of training of teachers in the area of drugs and participatory educational resources on the topic, the results from this study can support the growth of educational practices on drugs and related topics, focusing on the context of formal and informal education.

Keywords: Education / Education, Youth and Drugs, Harm Reduction, Educational Game



PDF Complete

Your complimentary use period has ended.
Thank you for using PDF Complete.

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1: Caixa, <i>Jogo da Onda</i>	38
Figura 2.2: Tabuleiro; <i>Jogo da Onda</i>	39
Figura 2.3: Cartas, pinos e dados; <i>Jogo da Onda</i>	39
Figura 3.1: Carta 20 do <i>Jogo da Onda</i> , tema "Motivação".....	80
Figura 4.1: Carta 62 do <i>Jogo da Onda</i> , tema "Dependência".....	120

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Quadro 4.1: Temas: versão original e versão atualizada.....	116
Quadro 4.2: Drogas: conceitos e efeitos.....	119
Quadro 4.3: Família.....	122
Quadro 4.4: Tratamento.....	124
Quadro 4.5: Legislação e Violência, tráfico e polícia.....	126
Quadro 4.6: Legislação e Violência, tráfico e polícia II.....	127
Quadro 4.7: Consumo de bens materiais: novas cartas	129
Quadro 4.8: Visão do usuário e Discriminação: novas cartas.....	130
Quadro 4.9: Práticas de Redução de Danos	131
Quadro 4.10: Mídias e mediações socioculturais: novas cartas.....	132
Quadro 4.11: Relacionamentos Afetivos Sexuais: novas cartas.....	134
Quadro 4.12: Baralho dicionário.....	135

AIDS	Síndrome da imunodeficiência adquirida
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
ENPEC	Encontro Nacional de Pesquisadores em Educação em Ciências
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
HIV	Vírus da imunodeficiência humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
OBID	Observatório Nacional Sobre Drogas
OMS	Organização Mundial de Saúde
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PSF	Programa de Saúde da Família
RD	Redução de Danos
SEEDUC-RJ	Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro
SME	Secretaria Municipal de Educação
UPP	Unidades de Policiamento Pacificadoras

Introdução

Ao apresentar este trabalho, se faz necessário expor brevemente o trajeto percorrido até a escolha pelo tema abordado reconhecendo que, assim como todos os eventos humanos, tal escolha se deu de forma processual e traz consigo intencionalidade. Assim, a minha inserção no campo da educação sobre drogas não se deu de forma estanque e descontextualizada. Ao contrário, veio sendo construída e se insere em uma teia de vivências situadas no tempo e no espaço onde me encontro profundamente implicada oferecendo contorno essencial a este trabalho.

Ao longo da graduação em psicologia, ainda na Universidade da Amazônia, em Belém, tive o interesse pelo campo da saúde mental e me inseri, como estagiária, na clínica psiquiátrica de um hospital geral, o Hospital de Clínicas Gaspar Vianna. Dentre as várias experiências, pude perceber na rotina da assistência psiquiátrica a falta de lugar (ou talvez a percepção de um lugar pouco apropriado) para o sujeito que estabelece uma relação de abuso com as drogas. A falta de lugar se refere não só ao manejo pouco adequado, no sentido clínico e medicamentoso, mas especialmente pelo mesmo ser predominantemente atravessado por julgamentos morais acerca do usuário, da droga e do papel que este exerce na sociedade.

Ao concluir a formação de psicóloga, já na cidade do Rio de Janeiro, paralela a minha formação como psicoterapeuta, optei por conhecer a fundo tal fenômeno que muito me inquietava: o consumo abusivo de drogas e os significados atribuídos às drogas pelos sujeitos na contemporaneidade. Assim, ingressei na Especialização em Assistência a Usuários de Álcool e Outras Drogas, no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O curso de especialização se configurou em uma valiosa oportunidade de conhecer o fenômeno a partir de várias perspectivas: dos diversos dispositivos assistenciais ó como o atendimento psicoterápico individual e em grupo (para pacientes e seus familiares) e as oficinas terapêuticas ó à dinâmica institucional de um serviço que é referência no Estado do Rio de Janeiro para o atendimento de usuários de drogas, o PROJAD (Programa de Estudos e Assistência ao Uso Indevido de Drogas). Dando contorno a essa prática, o acesso a uma literatura que contemplava uma visão

do a prática a partir de autores que questionavam o drogasö. Todo esse caminho foi permeado pela relação com profissionais ó professores, supervisores e coordenadores ó, engajados em implementar uma nova perspectiva sobre drogas que considerasse a complexidade de uma realidade, vista predominantemente de forma simplista e preconceituosa.

Na experiência enquanto psicoterapeuta, de pessoas que faziam uso abusivo de drogas, pude perceber que o sofrimento das mesmas não era oriundo apenas das implicações orgânicas do uso e suas repercussões em seus microcosmos. E sim, estava relacionado a questões como a sua relação com a droga e a estrutura social, política e econômica que lhes oferecia contorno, e especialmente os aspectos culturais e simbólicos. Dentre eles, os estereótipos atribuídos ao usuário de drogas, destituindo-os de sua singularidade e encerrando-os em sua complexidade em um rótulo õusuário de drogassö.

Entendi naquele momento que o meu papel era trilhar tais dificuldades, ajudando aquelas pessoas a buscar uma forma de viver mais consciente de suas necessidades e restituindo o engajamento pessoal em prol da satisfação das mesmas, a partir de outros recursos que não fossem somente as drogas. No entanto, ao longo de minha atuação profissional tive interesse em conhecer abordagens preventivas que contribuíssem para evitar o consumo abusivo de drogas, especialmente entre os jovens. Desse modo, procurei me informar sobre ações que favorecessem o acesso a um conhecimento e possibilidades de diálogo sobre o uso (in)devido de drogas, capazes de iluminar a sua complexidade e, facilitar um entendimento crítico da realidade global, atravessada por muitos fatores.

Ao buscar trabalhos e propostas educativas que abordassem o uso de drogas entre jovens tomei conhecimento de estudos orientados por diferentes perspectivas teórico-metodológicas sobre drogas e educação: desde ações que valorizavam um conteúdo predominantemente informativo, como outras que tinham a prerrogativa de evitar qualquer tipo de consumo sendo essencialmente prescritivas. Este levantamento preliminar sinalizou significativas lacunas na área, como a necessidade de criar-se espaços de diálogo não só para o esclarecimento de dúvidas e o repasse de informações, mas especialmente indicou a necessidade de propostas mais afinadas com as diferentes realidades juvenis, no sentido dos jovens poderem se sentir ouvidos sem julgamentos

RÓZ, J.C.F. et al., 2004; HADDAD et al, 2010; SOARES E JACOBI, 2000). Desse conjunto, me interessei particularmente pelo *Jogo da Onda*, um jogo educativo desenvolvido, em 1998, pelas pesquisadoras Simone Monteiro e Sandra Rebello, do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (LEAS) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e editado pela Edições Consultor. Este jogo integra uma linha de pesquisa do LEAS voltada para desenvolvimento e avaliação de estratégias e recursos educativos e de comunicação, por meio de investigações qualitativas sobre representações e práticas sociais em saúde (SCHALL, 2005). O *Jogo da Onda* foi adotado por programas de educação em saúde da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro e da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, dentre diversas outras ações no âmbito público, privado e da sociedade civil (MONTEIRO E REBELLO, 2005). Desde 2008, o jogo está esgotado e existe um demanda contínua pelo material, atestada por contatos dirigidos ao LEAS/IOC, de instituições e profissionais da área da educação e da saúde, da rede pública e privada, de diferentes regiões do Brasil.

É importante ressaltar que o conhecimento do material pode ser aprofundado pelos artigos que relatam o seu processo de desenvolvimento, avaliação e ampliação (REBELLO, MONTEIRO E VARGAS, 2001; MONTEIRO, VARGAS E REBELLO, 2003; MONTEIRO E REBELLO, 2005). A partir dessas publicações foi possível conhecer que o referencial teórico utilizado pelas autoras do jogo se aproximava da literatura que eu tinha como referência, bem como explicitava que a abordagem educativa, que norteou a construção do material, facilitava a livre expressão dos participantes sobre as suas dúvidas, questionamentos e reflexões sobre o assunto. Tal constatação foi determinante para a consolidação do meu interesse em desenvolver um trabalho nessa área.

A partir de contatos com a pesquisadora Simone Monteiro se efetivou a nossa parceria para o desenvolvimento deste trabalho que tem como objetivo analisar o conhecimento e as visões sobre drogas de um grupo de estudantes do ensino fundamental e médio, visando criar subsídios para ações educativas orientadas pela perspectiva da Redução de Danos direcionadas para a juventude.

O interesse pelo campo da educação/ensino sobre drogas se justifica pela importância e atualidade da discussão sobre o uso e o abuso de drogas e seus

atores da sociedade civil e do Estado, figurando em da saúde pública, justiça e educação (BRASIL, 2003). Em função de sua abrangência, dos desafios relacionados ao fenômeno e por incluir questões que estão na convergência de diferentes áreas do saber, este precisa ser visto a partir de várias perspectivas (CRUZ E FERREIRA, 2001). Este fato deve-se especialmente a necessidade de reconhecer e incluir os vários elementos que o compõem: o sujeito que faz uso de uma determinada droga, a droga em si e o contexto sócio-cultural no qual esse uso se circunscreve (MAC RAE, 1999; VELHO, 1999).

Historicamente, grande parte das iniciativas que abordam a problemática do uso e do abuso de drogas tem sido orientada pela perspectiva largamente difundida de guerra às drogas e/ou combate às drogas. Esta obedece às diretrizes da política transnacional sobre drogas capitaneada pelos EUA, incorporando e incentivando um discurso repressivo que se reverte em uma prática preventiva que condena o uso e a comercialização de determinadas substâncias. Como solução para esse problema, propõe-se eliminar algumas drogas da convivência humana (BUCHER, 1994; CARLINI-COTRIM, 1995; CARNEIRO, 2002; HENMAN, 1999). Dito de outra forma, essa abordagem valoriza a dimensão de droga e, em contrapartida, desconsidera a importância do contexto social e dos aspectos individuais, concretos e simbólicos, presentes no processo de iniciação e continuação do consumo de drogas.

Em razão dessas características, somadas às evidências que apontam que ao longo do tempo as ações orientadas por essa visão, durante muitos anos hegemônica, não diminuíram o consumo de drogas no mundo, essa perspectiva vem sofrendo duras críticas. Os questionamentos acerca deste modelo de prevenção, produzidos por diversos campos do saber (como as ciências sociais e humanas, a saúde coletiva, entre outros), tem possibilitado discussões mais abrangentes sobre o fenômeno e a construção de propostas alternativas de tratamento e prevenção, orientadas por uma ideologia mais realista e menos reducionista do consumo de drogas nas sociedades contemporâneas.

Nesse cenário, podemos destacar a presença da abordagem de Redução de Danos (RD), que marca a sua origem na década de 1920, na Inglaterra. Naquela ocasião, esta consistia na prescrição médica de opiáceos a usuários dependentes, com a intenção de diminuir as consequências de um consumo desorientado, propiciando maior estabilidade para uma inserção social mais satisfatória.

(1994), no Brasil, no final da década de 1980, nos países, a RD passou a ser reconhecida como um conjunto de estratégias de saúde direcionadas a usuários de drogas, em função da implementação de programas de prevenção da AIDS. Nessa direção, Canoletti & Soares (2005), ao analisarem as iniciativas da abordagem de RD no contexto nacional assinalam a existência de dois momentos distintos, marcadamente divididos pelo advento da AIDS. Antes da epidemia o desenvolvimento de pesquisas sobre o consumo de drogas era quase inexistente e as restritas ações de prevenção eram orientadas a partir de dados sobre consumo e modelos de atuação que não se adequavam a realidade brasileira. A falta de conhecimento contextualizado e a importação de modelos, somados a inexistência de ações regulares de prevenção, evidenciavam o descompromisso do Estado e das instituições públicas no tratamento da questão do uso de drogas até meados da década de 1980 (BASTOS, 1996).

A partir do ano de 1990, já com a presença da AIDS, iniciou-se uma série de mudanças significativas no campo da educação/prevenção do uso de drogas. Embora tenha havido resistências, estas iniciativas começaram a partir da aceitação de que muitos usuários de drogas injetáveis e portadores do vírus do HIV não conseguiriam ficar abstinente e, possivelmente, compartilhariam seringas, podendo transmitir o vírus para outras pessoas. Desse modo, procurou-se orientar e incentivar práticas de autocuidado no intuito de controlar a disseminação do vírus identificadas como estratégias de redução de danos junto aos usuários de drogas injetáveis (BASTOS E MESQUITA, 2001).

A literatura aponta que apesar da incorporação da RD, no Brasil, ter se dado inicialmente como uma estratégia no campo das doenças sexualmente transmissíveis, atualmente encontra-se em expansão, presente em diversas áreas do saber, servindo como modelo de políticas públicas de prevenção e assistência relacionadas ao uso de substâncias psicoativas (BASTOS, 1996; CRUZ, SÁAD E FERREIRA, 2003).

Devido às várias apropriações e concepções acerca da abordagem de RD, se faz necessário defini-la no contexto desse trabalho. A Redução de Danos refere-se a um conjunto de saberes e práticas acerca do fenômeno do uso de drogas que se fundamenta no conhecimento amplo da realidade histórica e sócio-cultural. Essa compreensão fornece pressupostos que servem de base tanto para as ações educativas, quanto para as

os destacar a evidência histórica de que o uso de história da humanidade, ganhando significados e funções fortemente relacionados ao momento social, político e econômico de cada sociedade. Assim, as práticas de RD objetivam minimizar os prejuízos individuais e sociais associados ao consumo de drogas, a partir do respeito às diversas singularidades, resgatando e valorizando o direito individual de escolha e de acesso aos serviços de saúde.

Para Acserald (2005) compreender a utilização de drogas como uma realidade humana, comprovada historicamente, implica em admitir a ineficiência do impedimento dessa prática e considerar a diversidade e singularidades sócio-culturais envolvidas no uso de drogas. Essa perspectiva, ao invés de proibir, busca minimizar as conseqüências do uso abusivo, estabelecendo como meta essencial das ações educativas não apenas a interrupção do uso, mas as alternativas de uso consciente.

De acordo com Feffermann & Figueiredo (2006), a abordagem de RD oferece uma metodologia inovadora para as ações educativas sobre drogas, especialmente para o público jovem. Ao incorporar uma ideologia menos reducionista do fenômeno, tal abordagem reflete a realidade e a diversidade do uso e abre a possibilidade de aproximação desse público a partir de uma discussão acerca de dúvidas, questionamentos e motivações para o consumo, presente na realidade dos jovens.

Os levantamentos epidemiológicos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicótropas (CEBRID), produzidos durante os anos de 1987, 1989, 1993, 1997, 2004 e 2010, fornecem dados relevantes sobre o consumo de drogas entre os estudantes da rede pública de ensino fundamental (a partir do 6º ano) e ensino médio. O *V Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicótropas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras* (GALDURÓZ et al, 2004), quando comparado aos anteriores, apontou para o crescimento tanto do uso freqüente, quanto do uso pesado de álcool entre os jovens. A primeira experiência com álcool e tabaco ocorre, em média, por volta dos 12 anos de idade. Dados referentes ao Estado do Rio de Janeiro revelaram que 22,3% do total estimado de estudantes das redes de ensino municipal e estadual já tinham feito uso de algum tipo de droga; este percentual era superior aos percentuais das demais capitais brasileiras.

o consumo não foi observada no VI Levantamento
neste ano. Nesta vez incluiu alunos de instituições privadas de ensino. Em comparação com os dados de 2004, constatou-se uma redução expressiva dos relatos de consumo de álcool e tabaco entre os estudantes da rede pública. Houve diminuição do consumo de bebidas alcoólicas (35,1%), e do tabaco reduziu (37,6%) e das drogas ilícitas 49,5%; esse cálculo levou em consideração o uso, continuado ou não, no ano, de solventes/inalantes, ansiolíticos, anfetamínicos, cocaína, maconha, crack e anticolinérgicos. A proporção de jovens que relatou já ter tido alguma experiência com drogas é semelhante nas instituições públicas e privadas de ensino. No entanto, alguns padrões de consumo apresentaram diferenças, como o fato de estudantes do universo particular terem demonstrado maior propensão a cometer exageros ao consumirem álcool, quando comparados aos estudantes de escolas públicas ó apesar da frequência do consumo ainda ser maior entre alunos da rede pública. De acordo com os autores, tal redução do uso de substâncias psicoativas é uma resposta positiva às políticas implementadas nas escolas e na sociedade, como a capacitação de professores, ações junto a lideranças comunitárias, fortalecimento da rede de proteção social, entre outras iniciativas.

Soares (2007) aponta para as limitações dos estudos epidemiológicos no Brasil sobre o consumo de drogas na medida em que os mesmos focalizam a individualidade do sujeito; a inserção social é apenas um fator na cadeia explicativa, onde o contexto social fica como um pano de fundo.

A partir do exposto, entende-se que as práticas educativas, orientadas pela perspectiva da RD e pela concepção de saúde como um bem estar global, alcançado a partir do resgate da cidadania e de um posicionamento social crítico do sujeito no mundo, tem potencial para contribuir para o enfrentamento do uso abusivo de drogas. Dessa maneira, esse trabalho parte do **pressuposto central** que a construção de ações educativas sobre drogas deve ser orientada pelo conhecimento da realidade dos sujeitos a qual elas se destinam e por abordagens educativas dialógicas e participativas.

õConhecer a realidadeö implica em acessar as condições materiais de existência e os aspectos culturais e simbólicos que permeiam a população alvo da ação, bem como o conhecimento e o acesso desses sujeitos aos diferentes tipos de drogas. Dito de outra maneira, estamos interessados no saber e nas interpretações e significados

em relação ao fenômeno estudado, entendendo que
senso inter-relacional.

As **abordagens educativas dialógicas e participativas** convergem com o pressuposto uma vez que compreendem o processo de aprendizagem como um diálogo de saberes entre educadores e educandos e a realidade como um todo complexo, diversificado e multideterminado, onde os acontecimentos não são naturalizados. Assim, as ações educativas dialógicas e participativas buscam facilitar o reconhecimento da intencionalidade das ações sociais e a presença de diferenças socioculturais a partir da problematização e do questionamento do tema abordado de modo a propiciar um estranhamento que se desdobre em um olhar crítico acerca da realidade. Ou seja, o processo de aprendizagem se dá a partir de uma conversa entre saberes: o saber do público alvo e do educador. Ambos participam ativamente de um processo de aprendizagem compartilhada que se dá de forma processual. Tal perspectiva educativa foi identificada no conteúdo e na dinâmica adotada no *Jogo da Onda*, citado anteriormente.

Dessa forma, as **perguntas de investigação** que orientam essa pesquisa são:

“Quais são as representações e práticas sociais sobre o consumo de drogas lícitas e ilícitas de um grupo de estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública e privada do Rio de Janeiro?”

“De que modo as representações e práticas sociais sobre drogas dos estudantes, somada a revisão da literatura, podem ser incorporadas na revisão e atualização do conteúdo do *Jogo da Onda*?”

Para responder as perguntas de investigação, este estudo **objetiva** analisar o conhecimento e as visões sobre drogas de um grupo de estudantes do ensino fundamental e médio, visando criar subsídios para a revisão e atualização de ações educativas sobre drogas no contexto escolar, orientadas pela perspectiva da RD.

Dentre os **objetivos específicos**, investigamos as representações e práticas sociais acerca do consumo de drogas lícitas e ilícitas de um grupo de estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino do Estado do Rio de

sobre educação, saúde e drogas.

Cabe esclarecer que o *Jogo da Onda* aborda o uso indevido de drogas e temas afins como: relacionamentos interpessoais, sexualidade, drogas e seus efeitos, dependência, tratamento, legislação e AIDS. Essa pesquisa seguiu a metodologia de criação e desenvolvimento do jogo, no que diz respeito ao levantamento e análise da produção acadêmica sobre educação, saúde e drogas e a investigação do conhecimento do público-alvo na definição dos conteúdos tratados no material, bem como está fundamentada nos mesmos princípios educativos que orientaram a criação da versão original. Isto significa dizer que a pesquisa é orientada pela perspectiva de Educação para Autonomia, de Paulo Freire e a abordagem da temática ôdrogasô tem o contorno da Redução de Danos. Ambas as perspectivas teóricas serão desenvolvidas no corpo do referencial teórico deste trabalho.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo fornece um panorama das propostas educativas sobre drogas dirigidas para o público jovem desenvolvidas nos últimos dez anos que separam a primeira edição do *Jogo da Onda* do momento atual. Esse tema se desdobra em uma articulação sobre as contribuições da abordagem da Redução de Danos no campo da educação sobre drogas, onde identificaremos os pressupostos pedagógicos que orientaram o desenvolvimento de práticas educativas sobre o tema.

Posteriormente, no capítulo referente ao ôdesenho metodológicoô, expusemos o referencial teórico e as estratégias metodológicas adotadas nesta pesquisa, bem como as temáticas exploradas nas entrevistas e a demais características do jogo em termos dos conteúdos, da dinâmica e dos fundamentos educativos. O terceiro capítulo apresenta um breve panorama do Rio de Janeiro, as características das instituições de ensino que fizeram parte do estudo e os ôresultados e discussãoô dos achados das entrevistas realizadas com os estudantes da rede de ensino pública e privada.

O quarto capítulo está centrado na análise do conteúdo original do *Jogo da Onda* e nas sugestões de ampliação e incorporação de novos conteúdos, a partir das entrevistas e da revisão da literatura.



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

são ressaltados os principais achados e suas
cação sobre drogas. São igualmente assinalados os
desdobramentos desse trabalho a partir de recomendações e perspectivas futuras.

Capítulo 1

Referencial Teórico

A proposta de contribuir para a criação de subsídios para ações educativas sobre drogas, nos remete para a necessidade de contextualizar o lugar de onde partimos.

Droga, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de um sistema, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento.

Segundo o Observatório Nacional Sobre Drogas (OBID) existem drogas utilizadas com a finalidade de alterar o funcionamento cerebral, ocasionando modificações no estado mental dos indivíduos. Essas drogas são denominadas drogas psicotrópicas. Ao ser desmembrado, o termo é formado por duas palavras: psico e trópico. Psico está relacionado ao psiquismo, remetendo a funções do sistema nervoso central; e trópico significa ãem direção aõ.

Neste estudo, ao nos referirmos à droga, estamos falando de uma classe específica de substâncias, as drogas psicotrópicas que são definidas como aquelas que atuam sobre o cérebro, alterando de diversas formas as condições psíquicas e o comportamento das pessoas. Por essa razão, são conhecidas também como substâncias psicoativas e classificadas em função da sua atividade no sistema nervoso central (SNC) em: depressoras, estimulantes e perturbadoras. Essa classificação inclui diversas drogas, de acordo com seus efeitos, como o tabaco, a maconha, o álcool, a cocaína, os benzodiazepínicos, entre outras substâncias.

Partindo do pressuposto de que uma das dimensões centrais da experiência humana é a atribuição de significados, consideramos que nenhum objeto, elemento ou evento inserido em um meio social possui um sentido natural ou abstrato. A todos os fenômenos são sobrepostas diferentes ordens simbólicas construídas socialmente por toda a sorte de motivações. Assim, podemos perceber que um mesmo fenômeno, seja ele uma realidade material, abstrata ou um comportamento, pode ter significados diferentes para pessoas igualmente diferentes. Inclusive podemos considerar que a mesma pessoa pode mudar de perspectiva dependendo do espaço concreto e temporal que está inserida (GEERTZ, 1989; GOODE, 2008).

é ressaltar que o termo drogas possui diversos sentidos e usos, tanto no âmbito da linguagem cotidiana quanto no âmbito científico, na vida de todos nós. A ideia sobre o uso de drogas que nos guia está relacionada com a definição citada acima, apenas para diferenciar as substâncias psicotrópicas dos demais fármacos. No entanto, o desenvolvimento dessa pesquisa se distancia de um olhar sobre drogas estritamente biomédico, uma vez que consideramos o sujeito como um ser social. Assim, nos aproximamos de autores como Mac Rae (1999) e Velho (1999), ao compreendermos o consumo de drogas como um fenômeno complexo, onde a dimensão biológica e individual precisa ser integrada aos aspectos sócio-culturais, históricos, econômicos, políticos, etc.

Segundo Becker (2008) e Goode (2008), conceber todas as dimensões existentes no ato de consumir drogas implica, igualmente, em constatar que as alterações ocasionadas pelas mesmas transcendem o espectro de alterações puramente fisiológicas e envolvem aspectos subjetivos e construções sociais acerca de uma determinada substância. Os efeitos de uma droga dependem dos elementos presentes na complexa interação do sujeito (sua fisiologia integrada a sua dimensão subjetiva e simbólica), consumindo uma substância específica (com suas propriedades químicas e significados sociais) em um dado contexto, levando-se em consideração toda a sorte de fatores presentes no mesmo. Nessa direção, Becker (1977) reafirma essa ideia ao dizer que *o que uma pessoa sabe sobre a droga influencia a maneira como ela usa a droga, a maneira como ela interpreta seus efeitos múltiplos e responde a eles, e a maneira como ela lida com as consequências da experiência* (p.182).

A dificuldade em definir as propriedades e os efeitos de uma determinada droga, pelos diversos fatores que rivalizam nessa complexa interação sujeito-droga, nos remete ao questionamento de quais são realmente os critérios usados para mensurar os efeitos de uma droga ó levando em conta as arbitrariedades ao definir o uso de drogas seguindo apenas as características e efeitos químicos e fisiológicos. De acordo com Escohotado (2004) as definições baseadas em aspectos unicamente farmacológicos perdem a sua consistência tendo em vistas que estas estão atravessadas por questões morais. Tal dificuldade influenciou as autoridades a classificar as drogas em duas categorias: lícitas e ilícitas. As drogas lícitas são de uso legalmente autorizado e as ilícitas, ao contrário, são proibidas. Embora a argumentação para essa classificação esteja fortemente associada a

os efeitos da droga, como já exposto, as razões para não transcendem os prejuízos que as substâncias podem ocasionar e incluem motivações políticas e econômicas (MAC RAE, 1997).

Objetiva-se ressaltar que, nesse trabalho, o que se configura como a questão do uso de drogas não é a **droga em si**, lícita ou ilícita, mas a **relação** que o sujeito estabelece com determinada droga em um dado **contexto**. Por exemplo, o álcool como o tabaco, ainda que classificadas como drogas lícitas, podem causar sérios danos à vida de uma pessoa, dependendo da forma como ela se relaciona com essa droga e a função que a mesma desempenha na sua vida. Essa ponderação visa salientar que a classificação das drogas enquanto lícitas e ilícitas gera consequências, podendo afetar a compreensão dos indivíduos acerca dos prejuízos causados pelas substâncias legalizadas.

Em relação às substâncias lícitas, percebe-se um descompasso das iniciativas de prevenção do consumo de álcool e de tabaco, bem como de medicamentos ó especialmente os medicamentos psicofármacos. Acerca destes, Orlandi e Noto (2005) informam que organizações internacionais, como a OMS (Organização Mundial da Saúde) e o INCB (Internacional Narcotics Control Board), apontam para a super prescrição, a automedicação e o abuso de ansiolíticos. Tal alerta denota o controle ineficaz dessas drogas lícitas, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, ao levarem em conta as estimativas do crescimento do acesso ao medicamento sem receita médica. Mastroianni, Noto e Galduróz (2008) sinalizam que uma das frentes de atuação em relação ao consumo de psicofármacos seria o controle das propagandas dessas substâncias divulgadas aos médicos, visando alertar para a prescrição indiscriminada das mesmas.

Quanto ao uso de tabaco, nos últimos anos este tem sido alvo de campanhas de prevenção e tratamento, largamente difundidas pela mídia, evidenciando os malefícios do consumo continuado e abusivo da droga (NOTO et al, 2003). Somada às essas iniciativas, podemos identificar intervenções legislativas no que se refere à restrição e proibição do consumo de tabaco em diferentes espaços de sociabilidade. Em contrapartida, o tabaco é considerado uma substância legal ainda que seu consumo seja constantemente alvo de campanhas de prevenção. Esses questionamentos não possuem a intenção de tornar o tabaco uma droga ilegal, e tampouco que uma droga legalizada não deva ser alvo de campanhas de prevenção, mas pretende indagar acerca das

... sua possível influencia em termos de consumo e

Outro exemplo ilustrativo acerca das diferentes motivações para a classificação das drogas em ilícitas e lícitas é o caso da maconha. De acordo com os levantamentos realizados pelo CEBRID, com diferentes populações (domiciliar, estudantes e crianças e adolescentes em situação de rua), excetuando-se o álcool e o tabaco, a maconha é a substância ilícita mais consumida. Ao acompanharmos a história da humanidade existem referências sobre o livre consumo dessa droga há mais de 12.000 anos, associada a diferentes significados e funções como rituais religiosos, fins medicamentosos, fonte de renda e sobrevivência através da confecção de cordas, roupas, etc. Em suma, constata-se que a maconha vem sendo utilizada com diversas finalidades (religiosas, artísticas e recreativas) em diferentes culturas e tempos. No entanto, em meados do século XX, o uso da maconha foi proibido por lei em vários países, assim como outras substâncias, pelos supostos efeitos colaterais que a droga poderia causar aos seus usuários. Alguns autores abordam a prevalência de razões políticas e econômicas para a proibição da maconha. O fato é que hoje discute-se largamente os prejuízos e benefícios da maconha em prol de uma possível mudança legislativa que pode vir a resultar na legalização e/ou na descriminalização da maconha, como vem ocorrendo em alguns países (RODRIGUES, 2006; ZALUAR, 1999).

Em relação ao consumo de álcool, podemos perceber movimentos similares, em maiores proporções e com maior evidência. De acordo com Carlini et al (2005), através do *II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil*, realizado com população de 12 a 65 anos, foi estimado uma prevalência de 74,6% de uso na vida de álcool e 12,3% de dependência de álcool. Comparado ao uso na vida de outras substâncias, o álcool é a droga mais consumida no país. Uma análise das informações divulgadas pela imprensa escrita brasileira, sobre as implicações do uso de álcool para a saúde, revela que a maior parte dos artigos enfatiza as consequências prejudiciais do mesmo, como dependência, acidentes e episódios de violência em geral. Em contrapartida, as propagandas de bebidas alcoólicas veiculadas na mídia televisiva associam o uso de álcool à diversão, sociabilidade, beleza, sensualidade, prazer, entre outros símbolos valorizados pela cultura contemporânea. Dessa forma, questiona-se a

aplicações tanto de ordem positiva, quanto negativa (2003).

Segundo Bastos (2008) o consumo abusivo de bebidas alcoólicas e outras drogas se configuram como um problema relevante nas sociedades contemporâneas. Diante do uso abusivo de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, uma das possibilidades de atuação da sociedade é responder a questão através do desenvolvimento de propostas educativas. Essas são formalizadas pelo Estado a partir da criação e implementação de políticas públicas, que contam com a participação de diversos atores sociais, incluindo instituições de pesquisa no campo da saúde e da educação e organizações não governamentais. Dessa forma, o uso abusivo de drogas se constitui como um desafio para várias áreas no sentido de criar diferentes estratégias para abordar o tema e lidar com as conseqüências do uso e do abuso, não só no sentido de propor ações que visem informar e conscientizar sobre o uso de drogas, como questões relacionadas à legislação e políticas públicas de saúde e educação (ACSERALD, 2005).

Em termos de dados epidemiológicos acerca do consumo de drogas no Brasil, como citado na introdução, ao longo dos últimos 20 anos o CEBRID realiza levantamentos sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio. De acordo com o penúltimo levantamento, realizado em 2004, o estado do Rio de Janeiro possui o maior índice de *õuso na vida* para as drogas listadas, exceto o tabaco e o álcool. O *õuso na vida*, de acordo com a OMS, significa que aquela pessoa já fez uso de determinada droga pelo menos uma vez em sua vida. As faixas etárias que encontramos com maior freqüência o *õuso na vida* é a de 13-15 e a de 16-18 (GALDURÓZ et al, 2004).

Para Schenker e Minayo (2005) os jovens são uma população com maior vulnerabilidade as drogas. Tal vulnerabilidade é atribuída ao momento etário de intensas *õtransformações biológicas* que repercutem na vida do jovem como um todo, especialmente no seu comportamento e emoções. Soares (1997) assume uma concepção de adolescência que transcende os aspectos cronológicos e biológicos e ressalta a importância de se considerar os múltiplos fatores que integram e influenciam o comportamento dos adolescentes.

A perspectiva de juventude que orienta esse trabalho se distancia da tendência que concebe a mesma apenas como uma fase universal, influenciada

ões orgânicas, apresentando características juvenis, como: impulsividade, instabilidade, onipotência, entre outras. Parte-se da premissa que a concepção de juventude não pode ser dissociada do universo social, político, econômico e cultural que confere características a mesma numa relação de constituído e constituinte, dado que a juventude atribui sentido ao social, da mesma forma como o social atribui sentido a juventude. Exemplificando essa ideia, muitos aspectos valorizados pelo nosso tempo estão associados à juventude, como a busca pelo não envelhecimento através de estilos de vida ditos saudáveis, a valorização de recursos em prol da manutenção da beleza jovial, a procura por emoções intensas, prazeres, etc. Desse modo, podemos considerar a juventude como uma projeção social (ALMEIDA E EUGENIO, 2007).

Em síntese, embora apresentem aspectos geracionais comuns, os jovens não constituem um grupo etário homogêneo, pois os variados grupos juvenis tem possibilidades distintas de acesso a bens materiais e simbólicos. Dito de outra forma, as peculiaridades do contexto brasileiro, relacionadas à má distribuição de renda, se desdobram em condições desiguais de moradia, acesso à saúde e educação, oportunidades de lazer e trabalho e constituição de subjetividades (FEFFERMANN E FIGUEIREDO, 2006; ZALUAR, 1999). Assim, entende-se que a juventude, qualificada em toda a sua complexidade, e por ser fortemente associada ao tema, pode se constituir como um fator de risco para o consumo de drogas.

Diante do exposto, se faz necessário pensar em propostas educativas sobre drogas voltadas para a juventude que transponham os limites de uma perspectiva simplista do fenômeno, na qual o uso de drogas é visto como sendo sempre problemático e a única forma de preveni-lo é evitar todo e qualquer tipo de consumo pelo viés da proibição e/ou da informação prescritiva e unidirecional. De acordo com essa tendência, o educador ocupa um lugar de destaque por ser o detentor do conhecimento que precisa ser repassado aos receptores, que por sua vez recebem passivamente as informações (MOREIRA et al, 2006).

Segundo Bucher (1994) e Henman (1999) essa ideia de como evitar o consumo de drogas ó de determinadas drogas ó se afina com a perspectiva ainda bastante presente de *õguerra às drogas*. Como citado na introdução, historicamente, as diretrizes das políticas públicas sobre drogas no campo da saúde (tratamento e prevenção) e da justiça,

ctiva largamente difundida, e durante alguns anos, sugere, esta se caracteriza por incorporar um teor bélico ao seu discurso, repudiando determinadas substâncias; as drogas consideradas ilícitas, e toda a sorte de consumo das mesmas, realizado por indivíduos que são vistos como sujeitos fora da lei e/ou adoecidos. Ao identificar que todas as drogas ilícitas são incondicionalmente danosas ó independente do tipo da substância, da forma de uso, da finalidade e do contexto que o consumo se dá ó, tende-se a desqualificar o sujeito como um ser que possui subjetividade e historicidade que fornecem sentido às suas experiências individuais e grupais (MAC RAE, 1997; VELHO, 1999; ZALUAR, 1994).

De acordo com essa perspectiva, a droga se torna um alvo de combate, que precisa ser extinto a partir de ações que são justificáveis com o argumento de exterminar o mal. As pessoas, por sua vez, são vistas como indefesas e passivas diante das drogas ilícitas, e devido a essa vulnerabilidade precisam de proteção e orientação, na maioria das vezes, de autoridades médicas e jurídicas que buscam legitimar seu posicionamento, persuadindo os indivíduos a partir de discursos acalorados de moralidade, baseados em dados tendenciosos, com o propósito de convencer a partir do amedrontamento.

Bucher (1994) acredita que esse discurso, ao omitir partes essenciais no tratamento do fenômeno, ofusca questões de base como as diferenças sociais e culturais que separam os indivíduos e que influenciam visivelmente a forma como estes se posicionam na sociedade. Ademais, comprometem a sua acessibilidade ou inacessibilidade aos bens de consumo, e especialmente a forma como os mesmos irão ou não se relacionar com determinada droga. Assim o discurso moralista, repressor e persuasivo, que se reverte em ações bélicas em prol da responsabilização, única e exclusiva, do indivíduo e da droga, tampona problemas anteriores e paralelos ao consumo de substâncias, favorecendo a manutenção das relações de poder vigentes. Segundo Acserald (2005) as ações de prevenção, orientadas por essa visão, tem como foco evitar todo tipo de consumo de qualquer substância ilícita. O objetivo é impedir o uso, e uma vez já iniciado, a proposta de tratamento está centrada na abstinência da droga sem levar em conta as razões individuais e sociais do consumo.

Em relação aos resultados das iniciativas de prevenção pautadas pelo proibicionismo, foi constatado que as mesmas não estavam surtindo o efeito desejado, qual seja a diminuição do consumo de drogas e dos prejuízos decorrentes do uso

o surgimento de um discurso que se contrapõe a se deu a partir de uma série de constatações da ineficácia das campanhas de prevenção, no que se refere ao consumo e comercialização de substâncias ilícitas. No entanto, podemos dizer que essas razões se localizam na ponta do iceberg. Aprofundando, a motivação principal de propor novas leituras do fenômeno sob outras perspectivas originou-se de profissionais de diversas áreas que, ao compartilharem seus saberes, promoveram uma compreensão mais abrangente da questão. Nessa direção, Birmam (2000) nos auxilia ao considerar que:

õ(...) foi a magnitude político-social que a questão das drogas assumiu e a urgência de soluções no espaço social que impuseram outras leituras para o campo das drogas. Nesse contexto, as drogas constituíram uma nova problemática de pesquisa, superando em muito seu acanhado espaço teórico anterior, polarizado entre a psiquiatria e a farmacologia. Enfim, o estudo interdisciplinar de pesquisa que acabou por se impor foi uma exigência não apenas de ordem teórica e clínica, mas de ordem política, ética e antropológica. (p.220).

Como uma proposta alternativa a esse modelo, a abordagem da Redução de Danos (RD) tem como prerrogativa básica a evidência histórica de que as drogas sempre fizeram parte de qualquer cultura e assim sempre farão. Além disso, percebe-se que por razões políticas, culturais e econômicas as drogas assumem características e papéis diferentes em cada sociedade e, em cada momento histórico. Diante disso, entende-se que as drogas não são naturalmente boas e/ou ruins, lícitas e/ou ilícitas, mas que seguem motivações e regulações diferentes em determinado contexto. De acordo com essa perspectiva, qualquer tipo de droga, bem como qualquer forma de consumo, não é universalmente ruim. Assim, acredita-se na inevitabilidade do consumo e são propostas ações realísticas em prol de um consumo que produza menor prejuízo possível e maior bem-estar e alívio para os sujeitos que fazem uso de substâncias (CARLINI, 2003; CRUZ et al, 2003).

Segundo Feffermann e Figueiredo (2006) ao reconhecer a pluralidade de modos de vida e a diversidade de motivações para o uso e abuso de drogas, as políticas sociais para o uso abusivo devem contemplar a diversidade, entendendo que a maioria dos

... a usar drogas. Essa consideração amplia as diferentes públicos, usos, drogas e contextos.

De acordo com Soares e Jacobi (2000), na perspectiva da RD o consumo de drogas não se restringe a uma droga e a alguém que faz uso dessa droga; quer dizer, o consumo precisa ser contextualizado tendo por base as características globais dos usos e abusos. Para ilustrar esse ponto de vista em relação ao consumo de drogas dos jovens na atualidade, cabe indagar: De que forma ele se dá? Onde ele se dá? Quais as motivações presentes no universo juvenil? Como é o contexto social, econômico, familiar e escolar desses jovens? Quais as informações que eles tem sobre o tema e qual o acesso aos diferentes tipos de drogas? Quais as abordagens educativas e da mídia sobre o consumo de drogas lícitas e ilícitas presentes no contexto atual? Desse modo a RD valoriza a dimensão coletiva do uso de drogas e não apenas responsabiliza, vitimiza e culpabiliza o usuário de drogas como o único responsável pelo seu consumo.

Em suma, a Redução de Danos propõe que se leve em consideração todos os fatores envolvidos no consumo de drogas: o indivíduo, o contexto e a droga. Dessa maneira, as ações educativas devem procurar combinar interesses e motivações das partes envolvidas, valorizando os aspectos simbólicos e dados da realidade sócio-cultural e econômica dos sujeitos envolvidos nas práticas de assistência e educativa.

Santos, Soares e Campos (2010) analisam as concepções que orientam as práticas de RD no Brasil a partir de uma seleção de artigos publicados entre os anos de 1994 a 2006. Foi constatada uma crescente apropriação da abordagem pelo poder público e pela sociedade civil em diversos campos do saber, como psiquiatria, epidemiologia, psicologia, saúde pública, saúde coletiva, ciências sociais, educação, entre outros. Pela diversidade de áreas, a assimilação da abordagem se mostra de forma heterogênea, todavia os autores destacaram que, independente do campo de implementação, é importante que as práticas educativas baseadas na RD sejam ancoradas em um suporte teórico-metodológico que dê respaldo as ações, visando que as mesmas sejam menos superficiais e instrumentais e mais amplas e emancipatórias.

Nessa direção, no campo da educação sobre drogas, Acserald (2005) faz uma aproximação da abordagem de RD com a perspectiva de Educação para Autonomia, de Paulo Freire. Esta perspectiva entende que o processo de aprendizagem precisa acontecer de forma ampla e permeada por um conhecimento crítico sobre a realidade.

enamento de saberes e idéias acerca de um assunto
onstante reflexão sobre a realidade como um todo,
tanto nos contextos de educação formal como não formal (FREIRE, 2008).

Dentre seus fundamentos educativos, a perspectiva de Educação para a Autonomia propõe que o educador e o educando participem ativamente do processo de construção de conhecimento, sendo ambos sujeitos ativos que aprendem mutuamente através de sucessivas aproximações e reflexões sobre determinado assunto, onde as diferentes visões, conceitos e percepções são bem vindas. Dessa forma, a aprendizagem é facilitada pelo educador por meio de técnicas reflexivas e participativas que visam a construção e o estímulo do raciocínio crítico diante não só de um tema específico, mas em relação à realidade social como um todo, e especialmente à própria existência do sujeito nesse contexto.

O processo de aprendizagem global, crítico e emancipatório torna-se possível a partir do reconhecimento do educando como um ser histórico, distante de uma perspectiva determinista e naturalizada não só do seu papel enquanto sujeito social, mas de todos os elementos que compõe o seu cenário de vida. Assim, o educando é visto como um ser de possibilidades e não está fadado a um destino pré-determinado e a assumir saberes, regras e leis como inquestionáveis. Ao contrário, educar é aprender a ser cidadão tanto de direitos quanto de deveres, é estar habilitado para transformar a sua realidade levando em consideração não só os interesses individuais como os interesses coletivos (FREIRE, 2008).

No campo da educação sobre drogas, a combinação dessa perspectiva educativa com a abordagem de RD, se afina e resulta no questionamento e na crítica ao modelo de guerra às drogas ó que prevê a proibição de toda a sorte de uso, de qualquer tipo de droga, como a única possibilidade de lidar com a questão das drogas. A articulação dessas abordagens reforça a fundamentação do resgate da dimensão histórica do sujeito e do uso de drogas quando reconhece que o mesmo sempre existiu e sempre existirá.

A partir do entrelaçamento dessas perspectivas, realizamos um levantamento bibliográfico em bases de dados nacionais e internacionais, como o *SciELO*, *Medline* e *Lilacs*, buscando conhecer as aplicações da abordagem de RD em práticas educativas sobre drogas. Reunimos alguns trabalhos que apresentam críticas aos modelos fechados, que se caracterizam como propostas educativas com abordagens centradas em técnicas

-estabelecidos. De acordo com os autores desses precisam ser construídas junto ao público alvo combinando os conhecimentos, interesses e motivações dos educadores, aos dos educandos, no que se refere aos aspectos da sua realidade social e cultural (CARLINI-COTRIM, 1995; FEFFERMAN E FIGUEIREDO, 2006; LARANJO E SOARES, 2003; SOARES E JACOBI, 2000;).

Dentre os estudos que relataram experiências e análises de práticas no campo da educação sobre drogas orientadas pela Redução de Danos, Feffermann e Figueiredo (2006) apresentam o projeto *Alcoolismo na Juventude*. Desenvolvido em uma escola de ensino médio, em São Paulo, com uma fundamentação construtivista. Esta proposta teve como objetivo trabalhar a prevenção do consumo abusivo de álcool a partir do estímulo para a construção de uma consciência crítica acerca não só das drogas, mas dos eventos sociais, buscando facilitar a autonomia juvenil. De acordo com as autoras, os educadores, educandos e a comunidade construíram coletivamente os significados do alcoolismo na atualidade, sem o uso de definições previamente concebidas, tampouco da supervalorização de condutas apropriadas, e sim focalizaram as possíveis repercussões das escolhas e a responsabilização pelas mesmas.

Soares (1997) analisou a experiência do projeto *Escola é Vida*, um projeto de prevenção realizado nas escolas públicas do Estado de São Paulo entre os anos 1991 e 1994, a partir do relato de supervisores do projeto, professores que foram capacitados pelo mesmo, estudantes que participaram das atividades do projeto e estudantes que não participaram de tais ações. As dimensões analisadas foram os objetivos da prevenção, as concepções sobre drogas e adolescência e a AIDS como um possível prejuízo ao nível do processo saúde e doença. Dentre as diversas conclusões que trouxeram contribuições e implicações para as políticas públicas de prevenção na área de drogas e AIDS, destacamos que os estudantes que participaram da ação educativa mudaram suas perspectivas sobre os usuários de drogas, entendendo que o consumo abusivo se entrelaça com diversas motivações que transcendem o âmbito privado e incluem questões sociais, culturais, políticas e econômicas.

Paglia e Room (1998) ao realizarem uma revisão internacional da literatura avaliativa sobre programas e intervenções na área de educação sobre drogas, constataram a carência de estudos sobre práticas de RD. No entanto, as experiências que

monstraram resultados positivos. Os benefícios das ser considerados apenas quando relacionados à diminuição ou ao não consumo de drogas. Para os autores, a proposta da abordagem de RD está centrada em um trabalho processual de conscientização e emancipação enquanto cidadão, assim, os resultados das propostas precisam ser vistos como cumulativos e associados a outras ações. Daí a importância da criação de ações contínuas e que incluam os jovens no processo de criação e implementação das mesmas, e especialmente a necessidade que estas sejam monitoradas e avaliadas ó como alguns autores brasileiros também reforçam (CANOLETTI E SOARES, 2004; MONTEIRO et al., 2008).

Nessa busca também encontramos estudos que abordam a importância da capacitação de profissionais das áreas de saúde e educação no manejo de temas relacionados à prevenção ao uso prejudicial de drogas em suas práticas profissionais. Soares et al (2011) relataram a experiência de um processo educativo com profissionais da área da saúde com o objetivo de sensibilizar trabalhadores de instituições sociais, de uma determinada região da cidade de São Paulo, acerca do fenômeno do consumo de drogas. Foi realizado um trabalho de sensibilização e conhecimento sobre temas como a distribuição e o uso contemporâneo de drogas; culpabilização individual e familiar; práticas de reprodução da ideologia dominante; preconceitos e estereótipos em relação ao usuário; efeitos das substâncias psicoativas e questões referentes à juventude. Após três anos, os autores analisaram como tais conhecimentos tinham sido incorporados e eram praticados no cotidiano profissional desses participantes.

No que se refere às iniciativas na área de ensino de ciências associadas ao tema do consumo de drogas, realizamos buscas na base Scielo e nos sites de periódicos específicos da área, como *õCiência & Educaçãoö*, *õInvestigações em Ensino de Ciênciasö*, *õEnsaio Pesquisa em Educação em Ciênciasö*, *õCiência e Ensinoö*, bem como nos anais disponíveis do ENPEC (Encontro Nacional de Pesquisadores em Educação em Ciências). As publicações encontradas foram predominantemente no formato de resumos estendidos e nos relatos de experiências em sala de aula.

Dentre os achados, Martins e Amaral (2005) relataram uma experiência com estudantes do ensino médio de uma escola pública do Estado de São Paulo. Objetivando trabalhar os temas transversais, as autoras elegeram os assuntos õalimentaçãoö e

os uma atividade de pesquisa interdisciplinar, e química. O objetivo da proposta foi não só promover a integração entre os campos disciplinares como, especialmente, facilitar que os alunos adquirissem informações sobre os temas e implementassem práticas de vida saudáveis. Para as autoras, o comportamento seguro, livre do uso de substâncias, está diretamente relacionado à compreensão dos mecanismos de atuação das drogas no organismo. Pela descrição das atividades não tivemos acesso à forma como se estabeleceram as relações entre os participantes da proposta, mas ficou evidente o caráter informativo das práticas e o reconhecimento, a partir do relato dos autores, do benefício das atividades para os alunos.

Parte dos trabalhos encontrados privilegiou a discussão acerca do papel do professor, sugerindo que a formação do mesmo deve ser orientada para a integração curricular em prol da superação das disciplinas ministradas de forma compartimentada o que muitas vezes pode destituir o sentido global do conhecimento para os estudantes (BOFF et al, 2009). Neste sentido, Cavalcante et al (2005) investigaram as representações sociais sobre drogas de um grupo de professores da educação básica da rede pública de Ipiauí, no interior da Bahia. Entre os setenta e cinco professores entrevistados, prevaleceram representações negativas acerca das substâncias como algo extremamente maléfico, que produz danos na maioria das vezes irreversíveis para os usuários. Os autores reforçam a importância da formação inicial e continuada sobre o tema, tendo por base as representações dos educadores e uma visão ampliada acerca do fenômeno das drogas. Em outra direção, Santos e Santos (2005) reforçam a importância dos professores criarem atividades que trabalhem o assunto das drogas no ensino de química, através de recursos áudio visuais como captadores do interesse e atenção dos jovens. Flores e Borges (2005) relataram a experiência relacionada à disciplina de biologia, onde prevaleceu a informação sobre as alterações e lesões neurológicas provocadas pelas drogas no organismo humano. As autoras reforçaram a importância do reconhecimento dos limites e possibilidades do desenvolvimento da proposta em uma escola da rede pública de ensino de São Paulo, apontando para questões que podem ser vivenciadas em outros contextos.

No que diz respeito a iniciativas no âmbito governamental sobre educação e drogas, cabe assinalar que, por meio de uma parceria entre o Ministério da Educação e o

a Portaria Interministerial (n.766/GM) que prevê a agrupamento de conteúdos recebe a denominação de *Convívio Social e Ética* e inclui assuntos como meio ambiente, saúde sexual, pluralidade cultural, uso de drogas, entre outros, e integra os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). A legislação designa que é de responsabilidade de cada escola inserir tais temas nos conteúdos programáticos. Em contrapartida, é resguardada a autonomia das instituições para eleger quais as disciplinas e os enfoques metodológicos e didáticos que serão privilegiados na abordagem dos temas transversais indicados no PCN. A portaria sugere que a metodologia seja orientada pelo conhecimento da realidade do público que frequenta a instituição, e que sejam consideradas as demandas individuais dos sujeitos envolvidos e as demandas socioculturais de onde a escola se insere (ARAÚJO, 2001).

De acordo com Feffermann e Figueiredo (2006), o tema drogas psicotrópicas foi inserido nas diretrizes ministeriais por ser um tema próximo da realidade juvenil, estando presente, direta e indiretamente, no contexto escolar. Tendo em vista a função da escola na formação de cidadãos críticos, o PCN prevê que sejam criadas condições para que temas transversais, como drogas, sejam tratados no contexto escolar de forma continuada de modo a suscitar reflexões e formulações críticas acerca desses assuntos; todavia tais indicações possuem limitações. Para Moreira et al (2006), apesar da importância do tema ser reconhecida pelo PCN, e da sugestão feita por especialistas de que o assunto seja tratado no âmbito escolar, os educadores não recebem subsídios para trabalhar com o tema na sua prática educativa. O despreparo oriundo da falta de informação, somado ao preconceito em relação ao usuário (que é uma construção social que também atravessa os professores), geraria uma resistência para trabalhar com a temática. Ou seja, a não conscientização da falta de preparo retroalimentaria a resistência dos educadores assumirem a responsabilidade com a prevenção do uso indevido de drogas na escola.

Entende-se que o incremento da abordagem do tema drogas no contexto escolar está relacionado a investimentos na formação de educadores capazes de estimular a articulação da temática com o conteúdo das disciplinas da grade curricular, somadas a diferentes estratégias educativas que estimulem os estudantes a trocar experiências e adquirir conhecimentos corretos baseadas no diálogo. Nessa direção, o desenvolvimento

não substitua os investimentos na formação e incrementar o conhecimento, a interação e a troca de experiências e saberes na abordagem do consumo de drogas entre a juventude, no contexto formal e não formal de ensino.

Dentre as propostas identificadas, optou-se por focar o *Jogo da Onda* desenvolvido a partir dos pressupostos da Educação para a Autonomia e da abordagem de Redução de danos (MONTEIRO E REBELLO, 1998). A escolha por essas perspectivas teóricas e metodológicas não se deu de forma aleatória, mas buscou combinar fundamentos educativos para a abordagem do tema drogas que privilegiassem um processo de aprendizagem dialógico e participativo. Para tanto, a construção do conteúdo do *Jogo da Onda* foi elaborada a partir do conhecimento e das experiências público alvo e de uma revisão bibliográfica sobre o tema; o desenvolvimento do conteúdo do material foi orientado não apenas pela divulgação de informações corretas sobre drogas, mas a partir da incorporação de situações identificadas pela pesquisa junto aos escolares. Do mesmo modo, a dinâmica do jogo foi elaborada visando propiciar a troca de saberes através do diálogo, entendendo a educação como um processo de aprendizagem compartilhada onde participam ativamente todos os sujeitos desse processo. A proposta lúdica do jogo estimula a construção grupal de um aprendizado e fomenta a reflexão, a discussão e a problematização dos temas expostos, bem como a articulação dos mesmos com a realidade mais ampla e a apropriação de um olhar crítico.

Isso significa dizer que a dinâmica e o conteúdo do o *Jogo da Onda* privilegiam o acesso e o diálogo sobre informações e conceitos relacionados ao assunto, visando uma aprendizagem sobre os efeitos e as possíveis implicações do uso indevido de droga, o esclarecimento de mitos infundados, e a correlação entre uso com outros aspectos da vida cotidiana, que serão abordadas posteriormente. O *Jogo da Onda* aborda a importância de não se polarizar as responsabilidades sobre o uso de drogas, ou seja: não atribuiu somente ao sujeito e nem atribui unicamente como o resultado de uma realidade social. Dito de outra forma, o jogo procura demonstrar que o consumo de drogas é constituído em um contexto, mas ao mesmo tempo procura resgatar a responsabilidade do sujeito pelo uso droga ao falar abertamente das motivações para o consumo e das suas implicações. Dessa maneira, valida os educandos como seres ativos no mundo e não apenas passivos diante dos efeitos devastadores de qualquer tipo de consumo. O



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

amentos teóricos e metodológicos com o propósito
mática principal, mas de todos os temas articulados

e da realidade social como um todo.

Tendo em vista os argumentos apresentados, este trabalho objetiva contribuir para o desenvolvimento de propostas educativas sobre drogas que incorporem uma perspectiva contextualizada, crítica e integrada de todos os elementos e atores que compõem as mesmas. No sentido global, o trabalho tem o intuito de promover uma discussão atual sobre o fenômeno do consumo de drogas e as implicações do mesmo para as ações educativas sobre drogas com a juventude.

Procedimentos Metodológicos

Entende-se a metodologia como a fundamentação do caminho científico que compreende mais do que um conjunto de técnicas e estratégias, mas especialmente o embasamento teórico que norteia e justifica determinadas escolhas, inclusive técnicas, no percurso da pesquisa, e que estão intrinsecamente relacionadas ao objeto de estudo (MARTINS, 2004; MINAYO, 2010).

2. Contribuições da perspectiva sócio antropológica para a abordagem qualitativa

DaMatta (1993) ao situar a antropologia dentro de um contexto científico, expõe as características das ciências naturais e das ciências sociais, diferenciando-as a partir do objeto de estudo e do caminho escolhido para a investigação. Os fenômenos estudados pelas ciências naturais, bem como o método utilizado, tem como marca a objetividade, a sincronicidade e a repetitividade; diferenciando-se das ciências sociais, marcadas pela complexidade do objeto e do tipo de análise escolhida para o fenômeno estudado. Assim, de acordo com o autor, o recorte e a análise de um objeto, a partir das lentes das ciências sociais, busca identificar as características essenciais e constitutivas do mesmo, sendo estas singulares e derivadas de uma realidade circunscrita em um momento histórico e cultural único. Quer dizer, os fatos sociais estudados pelas ciências sociais são oriundos de causas e motivações exclusivas, múltiplas e inter-relacionadas.

De acordo com Geertz (1989) um fato em si ao ser inserido em uma realidade cultural, descrito e analisado como parte da mesma, caracteriza-se como um fato social, uma vez que ganha contornos, valores e significados do contexto. Desse modo, o autor define **cultura** como uma teia de símbolos que incluem religião, moral, lei, ideologia, arte, ciência, senso comum, dentre outros elementos. A cultura é um sistema de significados presente nas regras e valores que orientam o comportamento humano. Assim, não se trata de uma instância concreta, e sim abstrata em que todos os seres humanos estão aptos a receber e dar continuidade a partir da transmissão social. A cultura é fruto de um processo dialético, complexo e reflexivo, onde o sujeito

e a reprodução de respostas, mas que paralelo e/ou a capacidade de perceber a consciência da sua consciência. Dito de outra maneira, o sujeito é capaz de pensar o próprio pensamento, constituindo-se assim em um ser crítico que produz e transforma a sociedade, participando da criação desses sistemas de valores que reproduz e projeta todos os envolvidos nesse cenário (cultura/sociedade e indivíduos). Dessa forma, DaMatta (1993) entende a cultura como um conjunto de mecanismos projetivos produzidos pelos indivíduos que a constituem.

Partindo do pressuposto de que a metodologia eleita para o desenvolvimento de uma pesquisa precisa estar afinada com o objeto de estudo (BECKER, 1994), e considerando as contribuições dos autores expostas acima, identificamos que a metodologia qualitativa, orientada por uma perspectiva sócio antropológica, oferece possibilidades teóricas e técnicas para a investigação das representações sociais e das práticas de vida dos sujeitos investigados nesse trabalho. Tal abordagem compreende a realidade como uma construção social e dialética, uma vez que todo e qualquer fato concreto está intrinsecamente relacionado a uma forma simbólica, constituída no e constituinte *do* campo social. Para conhecer e compreender o caráter subjetivo e interpretativo de aspectos da vida social se faz necessário contemplar as interações sociais (que são atravessadas por esses sentidos e significados), integrando-as com a análise dos contextos social, cultural e material que servem de contorno para os sujeitos da pesquisa (MINAYO, 2010; VICTORA et al, 2000).

O objeto de estudo da pesquisa qualitativa não é o fenômeno em si, mas os significados que são atribuídos ao mesmo pelos indivíduos que o vivenciam. Para além da significação, é importante compreender como os sujeitos investigados experimentam esses símbolos nas relações que estabelecem no mundo social. Esse objetivo se torna inteligível a partir da constatação de que o ser humano possui a capacidade de projetar-se em suas ações e criações, transparecendo os seus valores, crenças, histórias e subjetividades individuais e coletivas. Dessa forma, todas as ações são contextualizadas e possuem uma historicidade, ou seja, não se encerram no momento que elas acontecem (DAMATTA, 1993; GEERTZ, 1989).

A abordagem qualitativa propicia o conhecimento das **representações sociais e práticas** de vida dos sujeitos do estudo. As representações sociais são definidas como

é a realidade compartilhada por um determinado visual do mesmo. Estas são manifestadas através de sentimentos, discursos, pensamentos e ações expressas especialmente a partir da linguagem, sendo esta a mediadora entre os indivíduos e as representações ó ambas facilitadoras da interação social (JODELET, 2001; MINAYO, 2006).

Em termos das estratégias das metodológicas, na investigação qualitativa, o pesquisador é seu próprio instrumento de trabalho, a partir da observação, da descrição e da compreensão sobre o fenômeno estudado. Ainda que o pesquisador esteja fundamentado, teórico e metodologicamente, e compartilhe a õmesma condiçãoo de ser humano com os sujeitos investigados, esses atores (pesquisador e sujeito da pesquisa) se diferenciam por experimentar essa condição de forma singular, uma vez que ambos possuem uma história única, e o olhar do pesquisador para o fenômeno observado é atravessado por tudo que o constitui e o singulariza (BECKER, 1994).

Dessa maneira, a diversidade cultural é reconhecida e, ao longo do processo de investigação, o pesquisador procura manejar com a mesma assumindo uma postura de respeito e aceitação pelo universo cultural do sujeito investigado. O pesquisador precisa alternar a lente pela qual enxerga os fenômenos que se propôs a analisar, e a lente onde estão suas referências pertencentes ao sistema cultural que o orienta no mundo. É necessário estabelecer uma relação dialética de proximidade e distanciamento com o objeto de pesquisa, onde o pesquisador apesar de considerar a possibilidade de encontrar elementos que lhe são familiares precisa olhar para os mesmos com um estranhamento necessário e essencial à prática científica. Essa postura de estranhamento e questionamento diante do objeto de estudo é orientada especialmente por uma revisão bibliográfica adequada sobre o tema de investigação que revela diversos aspectos do universo de pesquisa (BECKER, 1994).

Dentre as opções de técnicas da pesquisa qualitativa para acessar o universo cultural investigado, optamos pela técnica da entrevista individual e pelo registro sobre os contextos investigados a partir de um diário de campo. Thompson (1991) ressalta que as qualidades essenciais para uma boa entrevista são o interesse, respeito e reflexividade do entrevistador diante dos entrevistados. De acordo com o autor, o interesse pelo universo cultural do entrevistado pode contribuir para uma escuta aberta, demonstrando compreensão e empatia pelo sujeito entrevistado. Como pano de fundo, a

a de investigação orienta não só a construção da laboração de questões específicas e embasadas na revisão bibliográfica, associadas a uma ideia clara do objeto de pesquisa. As perguntas que constituem o roteiro de entrevistas devem ser diretas e constituídas a partir de uma linguagem simples que facilite a compreensão e a expressão dos entrevistados.

Todas as atividades referentes a este estudo foram desenvolvidas de acordo com as orientações e normas do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Fundação Oswaldo Cruz, regulamentadas pela Resolução 196/96, tendo obtido parecer favorável sob o número 554/10 para a sua realização.

2.1 Estratégias Metodológicas

Foram realizadas duas estratégias complementares, quais sejam: e 1) Entrevistas semi-estruturadas com 40 estudantes e observações em campo; 2) Revisão e atualização do *Jogo da Onda*.

2.1.1 Entrevistas semi estruturadas

As entrevistas foram organizadas em três etapas. A primeira referiu-se ao processo de construção do roteiro e a seleção das unidades de ensino. A segunda centrou-se na definição do universo do estudo e uma breve caracterização das escolas a partir da interação durante o trabalho de campo. Por fim, a terceira etapa se concretizou com a realização das entrevistas e a transcrição das mesmas.

- **Primeira Etapa: construção do roteiro e seleção das escolas**

A construção do roteiro de entrevista teve por base a revisão da produção acadêmica sobre drogas, educação e saúde e a atualização do roteiro original, utilizado na pesquisa que originou a primeira versão do jogo (MONTEIRO E REBELLO, 2005).

O roteiro de entrevista original abordou diversos assuntos relacionados ao tema central do jogo, tais como: autoimagem, atitudes perante situações de conflito e/ou prazer; relações familiares, sociais, afetivas e sexuais; conhecimento, opinião e experiência a respeito das drogas lícitas e ilícitas. Este continha perguntas organizadas a partir de oito sessões-temas, intituladas: conceito; motivações; visão do usuário; família

No roteiro de entrevista atualizado para o presente estudo, as oito sessões foram mantidas com pequenas alterações de nomenclatura e a inclusão de novas perguntas sobre os mesmos temas. Foram inseridas três sessões-temas com novas perguntas (dados pessoais e aspectos materiais; escola; e drogas e mídia). Assim, o roteiro de entrevista atual inclui as seguintes sessões: dados pessoais e aspectos materiais; escola; drogas: conceitos; drogas e mídia; motivações e prazeres; drogas e legislação; pressão social e dificuldades; visão acerca do usuário; sexualidade, AIDS e drogas; relações interpessoais: família e relações afetivas; e educação sobre drogas (ver roteiro no Apêndice 1).

A sessão-tema *dados pessoais e aspectos materiais* buscou investigar minimamente as condições materiais de existência dos sujeitos entrevistados, como: com quem residem, quem é o (a) responsável pelo sustento da casa e se os estudantes possuem algum tipo de renda oriundo de mesada ou se estão inseridos no mercado de trabalho. Caso estejam, como foi o caso de alguns alunos, pretendemos investigar se os mesmos contribuem para o sustento da casa. A criação dessa sessão se justifica uma vez que as condições concretas e simbólicas de existência revelam o lugar social que os jovens ocupam (e vice-versa), influenciando o acesso a informações, bens materiais, culturais e simbólicos e os fatores de risco e de proteção para o consumo de drogas (SCHENKER E MINAYO, 2005; MALCON et al, 2003; TAVARES et al, 2004). Nessa direção, Souza e Silveira Filho (2007) sinalizam a diferença do consumo de álcool, tabaco e outras drogas entre adolescentes trabalhadores e adolescentes fora do mercado de trabalho. Lachtim e Soares (2009) analisam os potenciais de desgaste e fortalecimento de jovens que concomitantemente exercem os papéis de estudante e trabalhador, buscando identificar os possíveis problemas de saúde ocasionados pela dupla inserção.

Ainda na sessão *dados pessoais e aspectos materiais* buscamos investigar questões relacionadas ao consumo contemporâneo de alguns objetos valorizados pelo universo jovem (ALMEIDA E EUGENIO, 2007), como celular, câmera digital, computador, acesso a internet e participação em redes sociais como *Orkut, facebook e Twitter*.

õescolaö, contem uma pergunta que teve como vida dos estudantes. Sendo uma pergunta aberta, ofereceu-se a possibilidade do tema ser explorado pelo entrevistado com críticas, sugestões e considerações sobre si e sobre a sua relação com a escola, amigos, conhecimento formal e informal, perspectivas futuras acerca de profissão, trabalho, etc. Justificamos a inserção desse tema a partir de Marlatt (1999) que argumenta que um bom vínculo estabelecido entre o estudante e o espaço escolar pode ser um fator de proteção para o abuso de drogas. Em contrapartida, acredita-se que o inverso também pode funcionar como um fator de risco.

Frente à importância dos diversos dispositivos midiáticos presentes no cenário contemporâneo, o papel que os mesmos exercem na formação de discursos acerca de diferentes temas (especialmente acerca do tema drogas), bem como a influência da mídia nas práticas de consumo em geral, incluindo o consumo de drogas lícitas, inserimos essa sessão-tema (Drogas e Mídia) no roteiro de entrevista atualizado (NOTO et al, 2003; RONZANI et al, 2009; LEFÊVRE E SIMIONI, 1999; LACERDA, MASTROIANNI E NOTO, 2010). As perguntas dessa sessão pretenderam investigar os assuntos de interesse dos entrevistados e a forma e os recursos que eles lançam mão para buscar as informações que desejam. Procurou-se identificar a relação que eles estabelecem com a internet a partir do questionamento dos sites visitados. Objetivamos conhecer a percepção dos estudantes sobre as propagandas de bebidas alcóolicas veiculadas pela mídia, a partir de uma pergunta aberta, na intenção que os mesmos tenham a possibilidade de discorrer sobre o incentivo e valorização do consumo de substâncias lícitas e de demais aspectos como beleza, prazer, juventude, prestígio, e outros assuntos.

A sessão original *õdrogas e AIDSö* foi ampliada para *õsexualidade, AIDS e drogasö* e inclui perguntas acerca das práticas sexuais realizadas entre pessoas do mesmo sexo, pelos mesmos ou por terceiros. Tivemos o propósito de conhecer como os sujeitos da pesquisa percebem o olhar da sociedade para essas práticas, bem como para as pessoas que a experimentam. Nesse momento, buscamos investigar situações de discriminação acerca dessa temática. Com o propósito de identificar a presença de posturas discriminatórias e possíveis estereótipos associados às pessoas que usam

acerca do usuário e incluímos uma pergunta com
do discorra sobre ela.

Com relação à seleção das unidades de ensino do estudo, foram estipulados como critérios disponibilidade da direção da escola e dos alunos, possibilidade de acesso e localização geográfica.

Para a seleção de uma escola pública, solicitamos em abril de 2010 a autorização da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) para realização desta pesquisa numa das unidades da rede pública. Na ocasião, foi enviada uma cópia do projeto expondo os objetivos da pesquisa. Em maio de 2010 a SEEDUC-RJ respondeu a solicitação, autorizando a execução da pesquisa em um colégio estadual localizado no município do Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca. A Secretaria foi contatada com o objetivo de esclarecer as razões que motivaram a indicação do colégio e o que foi esclarecido, informalmente, é que devido à localização do mesmo a direção enfrentava muitos problemas com drogas.

Embora este estudo seja de natureza qualitativa, tivemos a iniciativa de buscar justificativas e dados complementares que embasassem a sugestão dessa unidade de ensino, para além de características concretas da região como presença de comunidades, tráfico de drogas, criminalidade e violência, etc. A partir da revisão bibliográfica não identificamos dados específicos sobre o consumo de drogas entre estudantes de regiões do estado do Rio de Janeiro, mas encontramos apenas dados genéricos publicados no *Levantamento Nacional Sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras* (2004).

Na intenção de complementar essa informação, consultamos um especialista no tema drogas, o pesquisador do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz), Francisco Inácio Bastos, que confirmou a inexistência de dados específicos sobre o consumo de drogas nas regiões/bairros do Estado do Rio de Janeiro. Constatação surpreendente, uma vez que existem publicações a respeito de diversos estados como, Salvador, Espírito Santo e São Paulo.

Como a referida unidade acima não possuía o ensino fundamental, fomos em busca de uma segunda escola pública. Nesse momento do estudo uma fisioterapeuta

Programa de Saúde da Família (PSF) realizou contato para obter um exemplar do *Jogo da Onda*. Informamos a mesma que atualmente o material estava em processo de atualização a partir da realização desta pesquisa. Nessa oportunidade a fisioterapeuta sugeriu uma unidade de ensino municipal localizada na Lapa, região central do Rio de Janeiro. A sugestão dessa escola se deu a partir de observações da referida profissional que observou a presença do tema nesse contexto. Enviamos um pedido de autorização para a realização da pesquisa na unidade à Secretaria Municipal de Educação (SME), mas o pedido não foi aceito despeito do atendimento de todos os requisitos solicitados. O argumento exposto foi que a abordagem de redução de danos é usada para pessoas que já tem problemas com drogas, o que não é o caso dos alunos da referida escola. Considerando a concepção inadequada acerca da referida abordagem, retomamos o contato diversas vezes com a pessoa responsável pelo setor de pesquisa, solicitando que disponibilizasse um horário para que pudéssemos conversar pessoalmente sobre a pesquisa, bem como no que consistia a abordagem de Redução de Danos. Depois de diversas tentativas e nenhum retorno positivo, levando em conta o tempo limite que estipulamos para a conclusão dos trabalhos de campo, resolvemos buscar outras possibilidades. Cabe ressaltar que a dificuldade para desenvolver pesquisas sobre drogas no contexto escolar é referida na literatura (CARLINI, 2005).

Através de uma aluna da pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz (EBS/Fiocruz), entramos em contato com a diretora de uma escola no município Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. O trâmite feito nesta unidade se deu de forma similar as demais: visitamos a escola com o objetivo de conhecer o espaço, a direção e especialmente apresentar a pesquisa. A reunião se deu somente com a diretora da escola. Não houve grandes questionamentos acerca dos desdobramentos da pesquisa e a direção prontamente autorizou que a mesma fosse realizada.

A seleção de uma escola particular, a unidade de ensino II, se deu a partir de diversos contatos, com diferentes escolas da rede particular de ensino da cidade do Rio de Janeiro, a partir de e-mails, telefonemas, visitas, cartas de apresentação da pesquisa e das pesquisadoras responsáveis. O processo consistiu em apresentar o projeto de pesquisa e a solicitação da autorização para que a mesma fosse realizada nas dependências da escola. Das cinco escolas que confirmaram o recebimento da proposta

, apenas duas responderam, não autorizando o justificativa para a negativa de uma escola foi que õseria complicado abordar o assunto com os alunos por conta da autorização dos paisõ. A outra escola alegou a não compatibilidade entre a pesquisa e a agenda de provas e demais atividades escolares.

A literatura aponta a dificuldade de inserção e abordagem do tema drogas em escolas da rede particular de ensino. O CEBRID, responsável pela realização e publicação de levantamentos sobre o consumo de drogas entre estudantes de todas as capitais brasileiras desde o ano de 1997, somente na sua sexta edição apresenta dados do universo particular de ensino. De acordo com Elisaldo Carlini, professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), e um dos responsáveis pela realização dos levantamentos, o uso de drogas ainda é considerado um tema tabu nas escolas particulares. *õA maioria delas simplesmente fechou suas portas à pesquisa, o que fez com que ela ficasse restrita à rede públicaõ.*

Dessa forma, a inserção no universo particular de ensino se deu a partir de contatos pessoais das pesquisadoras. Em outubro de 2010 tivemos a autorização para a realização da pesquisa em uma escola localizada no município de Teresópolis-RJ.

- **Segunda etapa: definição do universo do estudo**

Na definição do grupo de estudantes do estudo levou-se em conta: faixa etária, sexo e estar matriculado no segmento fundamental ou médio. Dessa forma, o universo dessa pesquisa compreende 40 estudantes, de 11 a 18 anos de idade, sendo 20 do sexo feminino (10 alunas da escola pública e 10 alunas da escola particular) e 20 do sexo masculino (10 alunos da escola pública e 10 alunos da escola particular), totalizando 10 do ensino médio e 10 do ensino fundamental da rede particular, 20, distribuídos do mesmo modo, da rede pública. Cabe informar na pesquisa que originou o *Jogo da Onda* foram realizadas 56 entrevistas com alunos com características semelhantes, com intuito de abordar o recorte de gênero, etário e curricular.

No projeto apresentado no processo seletivo foi previsto 60 entrevistas, visando aproximar o desenho da pesquisa original. Todavia, a partir das recorrências observadas nas 12 entrevistas iniciais, optamos por desdobrar a pesquisa com a redução do número de escolares para 40 jovens.

sujeitos desse estudo, conforme acordado com os pais e responsáveis, se deu a partir da divulgação da pesquisa nas salas de aula das escolas selecionadas. A divulgação consistiu na apresentação da pesquisadora e da instituição que a mesma está vinculada, no caso, a FIOCRUZ. Procurou-se demonstrar brevemente a importância da pesquisa científica no Brasil e do quanto os seus resultados podem se reverter em melhorias para a sociedade. Apresentou-se visualmente o *Jogo da Onda* e o objetivo de atualizá-lo, esclarecendo que o processo de atualização consistia em conhecer o que os jovens de hoje pensam acerca de diversos temas, tendo em vista que quando o jogo foi criado o cenário juvenil era composto por outros atores, dentre eles, inclusive, a própria pesquisadora. Foram esclarecidas algumas questões essenciais como o instrumento de coleta de dados (entrevista), a necessidade da autorização dos pais e/ou responsáveis, a voluntariedade da participação, a ética e o sigilo diante do conteúdo coletado e a importância da contribuição dos estudantes para futuras iniciativas educativas sobre drogas.

Em cada sala de aula visitada, deixamos uma folha a ser preenchida com nome e contato dos alunos que gostariam de participar da entrevista. Esclareceu-se que a seleção dos participantes seria aleatória, feita a partir do sorteio dos interessados que assinaram a lista. Após o sorteio realizamos o contato, comunicamos ao estudante a confirmação a sua participação na pesquisa e enviamos o termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice 3) aos pais e/ou responsáveis para ser lido, assinado e entregue a pesquisadora. Todos os estudantes selecionados retornaram a escola com o termo devidamente assinado.

No que se refere à caracterização das escolas e do perfil dos estudantes ambos os pontos serão abordados em maior profundidade na discussão dos resultados.

- **Terceira etapa: realização das entrevistas**

As entrevistas aconteceram a partir da interação entre pesquisador e o entrevistado com o objetivo de conhecer e entender a perspectiva do informante sobre os assuntos privilegiados nesta investigação. Todas as entrevistas semi estruturadas aconteceram em um único contato individual. Como o nome mesmo indica, esse formato de entrevista elencou questões essenciais que precisavam ser tratadas nesse estudo, mas não possui uma estrutura rígida. Assim, as aberturas e ampliações foram

informantes tivessem a possibilidade de fluir no seu especificidades contextuais, etc.

As entrevistas foram realizadas nas dependências das devidas unidades de ensino pesquisadas e aconteceram durante o horário de aula. Com a permissão dos entrevistados, as entrevistas foram gravadas.

A organização dos dados coletados nas entrevistas foi orientada pelos eixos temáticos utilizados na criação do roteiro de entrevista. Como dissemos, a organização dos eixos se deu a partir da eleição de temas inter-relacionados que compõem o complexo fenômeno do consumo de drogas na contemporaneidade articulados a aspectos da realidade juvenil.

Atualmente, dada a complexidade que o fenômeno das drogas assumiu, o tema vem ganhando novas leituras notadamente introduzidas pelo campo das ciências sociais e humanas, exemplificados pelos trabalhos como os trabalhos de Gilberto Velho (VELHO, 1999), Alba Zaluar (ZALUAR, 1994) Richard Bucher (BUCHER, 1992; 1994) e Edward Mac Rae (MAC RAE, 1997; 1999), que nos serviram de referência.

No campo das práticas educativas sobre drogas destacamos a densa contribuição de Cássia Baldini Soares (SOARES 1997; 2000; 2007) e Gilberta Acserald (ACSERALD, 2005), ao propor a articulação entre as práticas de RD e a fundação da perspectiva educativa de educação para a autonomia. Nortearam ainda o nosso processo de revisão e atualização do *Jogo da Onda*, os escritos de Simone Monteiro e Sandra Rebello, em parceria com outros autores (MONTEIRO E REBELLO, 2005; MONTEIRO, VARGAS, E REBELLO, 2003). Assim, a análise dos dados foi feita a partir de um diálogo entre os achados e a literatura referida acima.

2.1.2 Revisão e atualização do *Jogo da Onda*

O processo de revisão e atualização do *Jogo da Onda* foi realizado a partir de 3 processos complementares: 1) Análise documental sobre processo de desenvolvimento e avaliação do material; 2) Revisão bibliográfica sobre educação e drogas; 3) Análise dos dados das entrevistas semi estruturadas com os 40 alunos.

Como já dissemos, o *Jogo da Onda* (FIOCRUZ / Edições Consultor, 1998) tem como objetivo incentivar o diálogo entre jovens, profissionais, pais, filhos e amigos

as relacionados ao assunto, bem como ao universo participantes (organizados em duplas) a partir de 12 anos, o jogo pode ser utilizado em contextos relacionados ao ensino formal e não formal, inclusive em programas de assistência ao uso indevido de drogas.

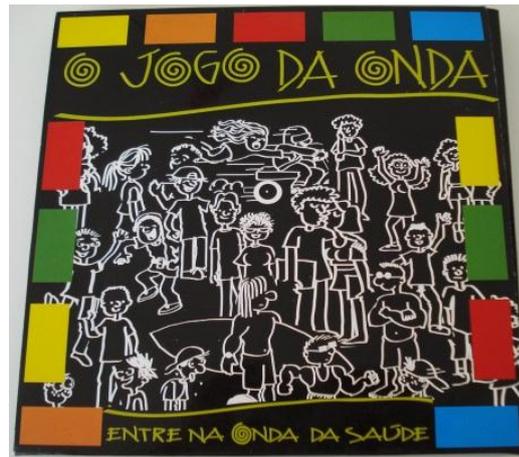


Figura 2.1: Caixa; *Jogo da Onda*.
Fonte: MONTEIRO & REBELLO, 1998.
Nota: Dados adaptados pela autora.

O jogo inclui: um tabuleiro; quatro baralhos coloridos; quatro peças coloridas, um dado simples, um encarte com as regras do jogo, e um manual para educadores, pais e participantes com dicas, textos e sugestões bibliográficas. No tabuleiro é impresso uma pista, no formato de uma espiral, alternando-se ocasasö com cinco cores (azul, verde, laranja, amarelo e vermelho). Nas extremidades do tabuleiro encontram-se quatro espaços correspondentes as cores e ao tamanho das cartas dos quatro baralhos ó onde as mesmas devem ser colocadas no momento do jogo. Os baralhos somam um total de 100 cartas, sendo: 12 cartas laranja, 34 cartas verdes, 31 cartas azuis e 23 vermelhas.



Figura 2.2: Tabuleiro; Jogo da Onda.
Fonte: MONTEIRO & RABELLO, 1998.
Nota: Dados adaptados pela autora.

O baralho laranja é constituído pelas õcartas dicionárioö, com informações e conceitos. As cartas verdes possuem uma pergunta e uma mensagem das autoras relacionada ao tema da pergunta. As cartas azuis são constituídas apenas por uma pergunta. Por fim, as cartas vermelhas possuem uma pergunta e uma resposta para a mesma.



Figura 2.3: Cartas, pinos e dados; *Jogo da Onda*.
Fonte: MONTEIRO & REBELLO, 1998.
Nota: Dados adaptados pela autora.

Coerente com a perspectiva que valida a importância da avaliação de práticas de educação em saúde, especialmente no que se refere às repercussões do uso de materiais

ela passou por uma avaliação após a sua publicação. Não de um material educativo, se faz necessário conhecer a visão do seu público alvo acerca do mesmo. Nessa direção, Rebello, Monteiro e Vargas (2001) investigaram as impressões e experiências de 62 estudantes e 17 educadores em relação ao jogo, especialmente sobre a dinâmica do uso, as temáticas e os conteúdos abordados, bem como a forma com que estes foram tratados. Essa investigação se deu a partir de uma abordagem qualitativa, por meio da condução de grupos focais sobre a temática do jogo com estudantes, da observação direta das partidas do jogo e de um questionário aplicado aos participantes antes e depois da partida.

Os resultados dessa avaliação orientaram o desenvolvimento de novos conteúdos relacionados às temáticas: saúde reprodutiva, relações de gênero, epidemia de HIV/AIDS, iniciação sexual, gravidez não planejada, e consumo de drogas lícitas e ilícitas. De acordo com as autoras, os resultados desse estudo revelam o cenário das experiências e dos desafios possivelmente vivenciados pela juventude contemporânea. Assim, foram criadas e testadas 62 novas cartas (inseridas nos baralhos azul, verde e vermelho) abarcando os temas sugeridos. Estas foram impressas, entregues e/ou enviadas para os proprietários de alguns exemplares. Na ocasião as autoras se propuseram a inserir as cartas em edições futuras do *Jogo da Onda*. No Apêndice 4 foram listadas as cartas das versões do Jogo da Onda de 1998 e 2000.

Tendo em vista que o presente trabalho objetiva contribuir para a revisão e atualização do conteúdo do *Jogo da Onda*, vale ressaltar que, ainda que as cartas mencionadas acima não tenham sido inseridas nas novas edições do material, na medida em que não foram feitas novas edições após o jogo ter sido esgotado, essa pesquisa incluiu as novas cartas no processo de revisão e atualização do conteúdo.

Para a revisão e atualização do conteúdo do jogo tomamos como referência a metodologia de criação do material e a adequamos aos limites e possibilidades do momento presente, descrita pelas autoras (MONTEIRO E REBELLO, 2005). Para tanto, além das entrevistas com estudantes, descritas na etapa anterior, foram realizadas:

- 1) Análise das publicações sobre o processo de avaliação e repercussão do *Jogo da Onda*, em contextos de ensino (REBELLO, MONTEIRO E VARGAS, 2001; MONTEIRO, VARGAS E REBELLO, 2003) e dos relatórios sobre as etapas de

o das cartas do *Jogo da Onda*, disponíveis no

- 2) Revisão bibliográfica sobre o cenário e desafios contemporâneos relacionados ao consumo indevido de drogas, centrado nas informações e pesquisas científicas sobre drogas, políticas públicas na área da saúde e da educação e legislação. O processo de levantamento bibliográfico se deu no portal de periódicos *SciELO* e nas bases de dados *Lilacs e Scopus*, com os descritores: uso indevido de drogas e adolescência, educação ou prevenção, Redução de Danos e adolescência (ou juventude) e outras possíveis combinações. Foram incluídos na revisão artigos, teses e livros que abordassem os temas listados, bem como foi feito contato com profissionais da área em busca de sugestões e indicações bibliográficas.
- 3) O processo de revisão do conteúdo do *Jogo da Onda* se deu a partir da análise do conteúdo da primeira versão do jogo combinada à revisão da literatura atual sobre o tema e os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com os jovens participantes desse estudo. Tal análise visou identificar a atualidade e a defasagem do conteúdo das cartas do material educativo.

Capítulo 3

Resultados e Discussão:

com a palavra, os estudantes

Após uma breve apresentação sobre o estado do Rio de Janeiro, serão descritas algumas características das três unidades de ensino que participaram do estudo. Em seguida serão abordados os achados das entrevistas, organizados a partir de sete eixos, sendo eles: Drogas: conceitos; Motivações para o consumo; Drogas e Mídia; Drogas e Legislação; Drogas, Sexualidade e AIDS; Relações Interpessoais: família, amigos e outros e, por último, Educação sobre drogas.

3. Caracterização dos universos pesquisados

3.1 Estado do Rio de Janeiro: notas breves

Compondo as 27 unidades federativas do Brasil, o Estado do Rio de Janeiro localiza-se na região sudeste. A população total residente no Estado é de 15.989.929 habitantes, com uma densidade demográfica de 291,88 hab./km (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, 2011).

Como marca característica brasileira, o Estado apresenta intensos contrastes econômicos e sociais que remetem às contradições mais amplas, uma vez que o país, apesar de ter um PIB (Produto Interno Bruto) considerado alto, apresenta profundas desigualdades sociais entre os grupos populacionais. Incoerências como estas demonstram que não há uma relação linear entre os macros indicadores de riqueza de uma sociedade (vide o PIB) e os indicadores de condições de vida. Dessa forma, a tão comentada expansão econômica brasileira não remete, necessariamente, a melhorias para o desenvolvimento humano no país (Rede de Tecnologia Social, 2011).

A capital do estado, homônima cidade do Rio de Janeiro, é considerada uma das principais metrópoles do mundo, com 6.320.446 habitantes. Neste município confluem bairros que apresentam altos Índices de Desenvolvimento Social (IDS) com numerosos conglomerados humanos sobre morros (as chamadas comunidades e/ou favelas) e subúrbios que possuem IDS abaixo da média. Estes índices são estipulados a partir de

adores de renda, acesso a saneamento básico, grau
onal.

As estatísticas referentes à segurança pública no Brasil, em geral, e no Rio de Janeiro, em particular, revelam um cenário preocupante: em média, cinquenta mil pessoas são assassinadas por ano o que faz o país figurar entre as maiores taxas de mortes violentas do mundo. Análises sobre o panorama da violência no país revelam que características como idade, cor, gênero e classe econômica são indicadores de risco para mortes violentas, uma vez que é predominante o índice de homicídios entre a população masculina, jovem, negra, pobre e urbana (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, IBASE, 2011).

No caso do Rio de Janeiro, a criminalidade violenta, existente nas diversas regiões metropolitanas, está fortemente combinada ao tráfico de drogas presente em comunidades e bairros, devido aos conflitos entre os grupos rivais que brigam pelo comando do mercado ilegal de drogas e a corrupção de policiais. Os problemas ocasionados pela disputa de controle de território entre os comandos sempre trouxe implicações de diversas ordens (sociais, econômicos, afetivos, etc.) para os moradores dessas comunidades.

Esse cenário produz consequências para a vida social e impõe desafios para as políticas públicas voltadas para a prevenção e assistência ao consumo de álcool e outras drogas. Na tentativa de lidar com a violência relacionada ao tráfico de drogas, tem havido iniciativas como a criação e implementação das Unidades de Policiamento Pacificadoras (UPP) resultantes de parcerias entre as Secretarias de Segurança dos governos do Estado e do município. O que aparentemente pode significar o policiamento regular dentro das comunidades, transcende esse propósito ao levar atendimento de serviços básicos para os moradores como saneamento básico, acesso a saúde, cursos profissionalizantes, propostas de ações educativas, dentre outros. Esse novo modelo de segurança pública tem como objetivo não só recuperar territórios ocupados pelo tráfico, mas promover uma aproximação entre a população e a polícia. No entanto, por se configurar como uma iniciativa recente, não encontramos estudos que avaliassem o impacto e os efeitos da implementação das UPP para as políticas públicas sobre drogas.

A caracterização dos contextos escolares remete a origem escolar dos sujeitos da pesquisa e nos revela, de um modo geral, o perfil sócio econômico dos mesmos e as variações culturais aí implicadas. Assim, esta seção tem como objetivo caracterizar as escolas pesquisadas, combinando informações sobre sua localização geográfica e observações de diversos aspectos colhidos na interação da pesquisadora com a equipe técnica e com os estudantes ao longo do trabalho de campo.

Partindo do pressuposto que o contexto sócio cultural produz forte influência na produção de subjetividades, na definição do universo do estudo foram contempladas três unidades de ensino, duas públicas e uma privada, localizadas em diferentes regiões do estado do Rio de Janeiro, quais sejam: Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, Teresópolis, no bairro do Centro e Caxias, no bairro de Jardim Gramacho. Em todas as localidades existem áreas de tráfico de drogas. Os critérios de seleção para as unidades de ensino, referidos na metodologia, levaram em conta aspectos geográficos e o poder aquisitivo dos alunos, embora não tenham valor amostral.

3.2.1 Unidade de Ensino I

A doravante denominada Unidade de Ensino I, pertence à rede pública de ensino e, como referido na metodologia, foi indicada pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). Esta escola localiza-se na Tijuca, bairro da zona norte do município do Rio de Janeiro. A Tijuca é um dos seis bairros, juntamente com Praça da Bandeira, Vila Isabel, Andaraí, Grajaú e Maracanã, que compõem a Grande Tijuca. A população residente no bairro é de 163.805 habitantes, incluindo pessoas com poder aquisitivo variado. Ao compararmos os valores referentes ao rendimento nominal médio mensal dos três universos pesquisados, a Tijuca apresenta o maior índice, com pessoas ganhando mensalmente, em média, três mil reais (IBGE, 2011), mas existem variações expressivas entre a renda dos moradores, ilustrada pela presença de comunidades de baixo poder aquisitivo, que convivem com o tráfico ilegal de drogas. Essas comunidades possuem subdivisões internas e algumas já foram beneficiadas pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) que prevê investimentos em implantação de redes de água, esgoto e drenagem; obras de pavimentação de ruas; criação de áreas de lazer; iluminação, entre outros, bem como pela instalação da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora).

Unidade de Ensino I e com relatos dos estudantes, bairros e comunidades vizinhas a escola. Inclusive, um dos acessos à escola se dá pelo Morro do Turano, onde existe o tráfico ilegal de drogas, o que justifica o policiamento nos arredores do prédio da escola. As implicações dessa proximidade como o Morro do Turano surgiram nos depoimentos dos estudantes. Um deles, ao ser perguntado sobre quais drogas ele conhecia e como ele soube das informações, relatou:

Estudante: (...) *as informações chegam rápido no morro. Eu vejo! Eu via! Mas quando eu era criança eu sempre via...* (E1, homem, 17 anos).

Entrevistadora: *O que você via?*

Estudante: *A droga circulando e os meninos usando, mas depois quando eu fui crescendo a minha família foi explicando o que acontecia se eu usasse. E agora eu também não fico quase em casa...*

Na primeira conversa com a direção, para a apresentação da proposta de pesquisa, foi revelado que a escola tem muitos problemas com drogas e com homossexualidade. O relato da direção é que existem muitos gays e lésbicas e que seria muito bom se houvesse algum tipo de trabalho para esses assuntos na escola, pois não há nada sendo desenvolvido sobre essas questões pelo fato deles não terem serviço de psicologia.

Os estudantes foram definidos, tanto pela direção quanto por alguns professores, como alunos problemáticos. Segundo a direção, existem várias turmas desengoadas, definidas como turmas com problemas muito sérios, sem solução. Ao ser questionada sobre que tipo de problemas ela estava se referindo, foi elencado o uso de drogas, questões familiares e relações homossexuais. Estas últimas também foram relatadas por alguns professores que observaram que anteriormente se via com mais frequência gays, mas agora percebem esse movimento entre as meninas. Segundo eles, o mais surpreendente, é que em um espaço de tempo que eles consideram curto houve mudanças:

Professora de química: *Em uma semana você vê a menina com o namorado. Na outra você já vê ela aos beijos com a amiga. Beijos na boca, e os meninos*

O fragmento acima retrata apenas uma das dificuldades vivenciadas diariamente pelos professores e o corpo discente e sinaliza o desconhecimento e o despreparo dos educadores para o manejo de questões que são socialmente tratadas como tópicos tabus e presentes no cotidiano escolar.

Os estudantes do universo I, inicialmente, foram mais reservados e aparentemente desconfiados. Durante a divulgação da pesquisa nas salas de aula eles se mostraram pouco atentos e foi limitado o número de estudantes que tiveram dúvidas e/ou questionamentos sobre a pesquisa; tal situação foi semelhante no universo III, igualmente da rede pública, mas diferente da reação dos alunos no universo II, da rede privada. Em quase todas as classes visitadas, o professor responsável pela mesma teve dificuldade de pedir silêncio para que a pesquisadora pudesse se pronunciar.

Em uma das turmas, no momento da apresentação da pesquisa, entrou um grupo de estudantes do grêmio estudantil para divulgar uma manifestação para recorrer sobre a decisão referente ao passe livre. Foi informado que eles se concentrariam em um determinado local com faixas, cartazes e etc. Um aluno perguntou se haveria fuzis também e toda a turma começou a rir, inclusive a professora. Esse episódio, as observações de campo e os relatos da direção sugerem os temas violência, criminalidade e tráfico fazem parte da realidade de algumas escolas públicas (MOREIRA et al, 2006).

Em relação ao espaço físico, a escola inclui laboratórios, sala de informática, biblioteca, quadras de esporte, auditório e cerca de quarenta salas de aula. Somente no turno da manhã há, em média, mil alunos matriculados. Segundo os relatos da direção, as características do espaço físico fazem dessa unidade de ensino uma escola diferenciada, quando comparada a falta de estrutura das demais escolas da rede pública. Entretanto, o amplo espaço físico é subutilizado devido à carência de profissionais (técnicos e administrativos) que possam desenvolver atividades. Desse modo, a direção confessa não ter controle de como as áreas do prédio escolar são utilizadas pelos alunos:

o que os meninos fazem aqui dentro. Quer dizer, a gente sabia que ali perto da quadra de esportes se reunia uma turminha e ficava fumando.

Entrevistadora: E você sabe o que eles fumavam?

Diretora: (risos) não sei. Acho que cigarro. Mas a gente desconfia que não seja só isso.

Entrevistadora: do que vocês desconfiavam?

Diretora: Ah, maconha.

Entrevistadora: É? Mas pelo que vocês acham isso?

Diretora: A gente uma vez passou uma saia justa: eu tava aqui na escola e recebi um telefonema avisando que uns alunos com o uniforme da escola estavam em uma Lan House que tem aqui nos Macacos. Passou a ôbatidaö lá porque teve denuncia de que vendia droga lá também. Foi um caos porque eu e a outra diretora tivemos que largar tudo aqui e ir para a delegacia buscar os meninos. Eles disseram que estavam lá só jogando. Mas a gente nunca sabe, não tem como saber.

Em outro momento, durante uma das visitas para a realização de entrevistas, um grupo de estudantes procurou a direção para relatar que havia descoberto quem são os estudantes que ficam ômatando aulaö em uma das escadarias que dão acesso a escola. De acordo com a direção, esse acesso não é utilizado devido à falta de porteiros e monitores. Nesse episódio a diretora confessou que já não sabe mais o que fazer e que os inspetores que estão na instituição se chamam entre si de ôBombril ó mil e uma utilidadesö.

Durante a divulgação da pesquisa na sala dos professores ó com a intenção de que os mesmos tivessem ciência do estudo e pudessem liberar os alunos ó alguns professores continuaram o que estavam fazendo, conversando, escrevendo, lendo, comendo, etc. Para os que ficaram atentos a apresentação da pesquisa o tema drogas foi apontado como uma demanda muito presente no cotidiano da escola. A partir daí, estes começaram a relatar suas experiências com o assunto e aproveitaram para fazer alguns

le como agir frente ao tema e seus desdobramentos. A primeira receita não existe e ficou a impressão de que os mesmos ficavam desapontados com a falta de respostas prontas. Na verdade o despreparo no enfrentamento da questão está relacionado justamente à busca por respostas rápidas, prontas e descontextualizadas, e a necessidade de se investir na formação dos professores sobre abordagens educativas relativas ao uso indevido de drogas.

Os problemas e carências assinalados, lamentavelmente fazem parte de várias unidades da rede pública. O déficit no quadro de funcionários, a ausência de equipes multiprofissionais, comumente formadas por assistentes sociais, psicólogos e pedagogos, dificultam a busca de solução e comprometem a qualidade dos trabalhos desenvolvidos e especialmente a reflexão, conscientização e a elaboração do mesmo. A baixa remuneração leva muitas vezes a necessidade de acumular dois ou três empregos, como o próprio caso da diretora que trabalhava durante o dia na instituição que realizamos a pesquisa e a noite era professora de educação física em outra escola (MOREIRA et al., 2006; SOARES, 1997). Para além dessas limitações, a proximidade da unidade de ensino com o comércio ilegal de drogas impõe desafios adicionais, seja pelo acesso facilitado, pelas tensões e conflitos entre traficantes e representantes do poder público, como a polícia e os profissionais da escola (SOARES E JACOBI, 2000; SCHENKER E MINAYO, 2005).

3.2.2 Unidade de Ensino II

A segunda escola, doravante denominada Unidade de Ensino II, pertence à rede particular e está localizada na parte central do município de Teresópolis, no Estado do Rio de Janeiro. Situado na Região Serrana Fluminense, sua população residente é de 163.746 habitantes e o espaço territorial é de 770,507 km² (IBGE, 2011). O valor do rendimento nominal mensal das pessoas é, em média, de um mil e duzentos reais e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,790.

Com cerca de trinta anos de existência, a Unidade de Ensino II possui os três segmentos: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. O público, de acordo com a direção, inclui alunos de nível sócio econômico de médio baixo a alto.

para a direção e para os professores se deu em uma
esentes se mostrou receptiva e atenta à explicação e
participou com questionamentos e considerações sobre drogas, sexualidade, entre outros
assuntos. Os professores, a equipe pedagógica e a direção afirmaram haver necessidade
de se abordar o tema drogas na escola, haja vista a percepção que os estudantes estão
consumindo com mais frequência e em maior quantidade bebidas alcoólicas. Atribuem
esse fato ao contexto, uma vez que a cidade de Teresópolis não tem muitas opções de
lazer, sendo *õa única opção é um ir para a casa do outro, fazer churrasco e beberõ.*

Para uma das psicólogas da escola é importante realizar um trabalho com os
pais, pelas dificuldades dos mesmos em lidar com a problemática. A outra psicóloga
relatou um episódio que alunos de uma determinada turma do ensino médio, se
reuniram na casa de um deles para realização de um trabalho da escola e compraram
uma garrafa de *õAbsolutõ* (vodka) que eles acreditam que seria consumida durante a
realização do trabalho. No entanto, durante a compra da bebida o Conselho Tutelar foi
acionado, que posteriormente acionou a escola, uma vez que os jovens estavam
uniformizados. Não foi feita menção ao consumo de outros tipos de drogas, como as
drogas ilegais. Em muitos contextos escolares é comum que os professores e demais
profissionais desconheçam ou ignorem a penetração de drogas, além do álcool e o
tabaco (FERREIRA et al., 2010).

Interessante ressaltar que a despeito desses assinalamentos, a escola não
desenvolve ações educativas sobre o tema, o que revela, mais uma vez, as dificuldades
dos profissionais no manejo das situações relatadas. Além do embaraço, há o
desconhecimento de como lidar com tais questões e a ausência de iniciativas que visem
criar espaços de discussões com a equipe multiprofissional com o objetivo de formular
idéias que orientem suas ações acerca dessa problemática no contexto escolar.

Um fator que deve ser destacado refere-se à tensão entre os limites impostos pela
escola e as posturas dos pais frente às punições impostas, como ilustrado nos casos
descritos a seguir. Segundo relatos de professores e membros da equipe técnica não é
permitido o uso de celulares na sala de aula. Alguns alunos não respeitam a regra e
houve um caso em que o celular foi confiscado pela coordenação. Em seguida, os
responsáveis pelo aluno foram a escola questionar a coordenação pela punição do filho.
Em outra situação o celular de um aluno ficou retido na escola para ser devolvido

responsáveis. No entanto, como os pais do estudante solicitou, via telefone, a sua devolução; diante da negativa da coordenação, a mãe ameaçou denunciar a escola de roubo.

Outro episódio envolveu o consumo excessivo de bebidas alcoólicas durante uma viagem de formatura dos alunos do terceiro ano do ensino médio, para Ouro Preto (Minas Gerais). Um estudante deixou para fora do quarto os outros dois companheiros porque não conseguiu ouvir a insistência da campainha, telefonemas e etc., sendo verificado que o referido estudante havia bebido bastante. O professor responsável pelo grupo e a diretora conversaram com o estudante e definiram que ele não poderia participar do próximo passeio. No entanto, os pais do jovem, que ficaram cientes tanto do uso de bebida alcoólica quanto da punição, solicitaram a diretora que o mesmo fosse liberado para a programação, uma vez que a mesma já havia sido paga.

A coordenadora do ensino médio sinaliza que essa é uma das dificuldades presentes hoje no seu trabalho: estabelecer qual é a medida dos limites dados pela escola e como os pais validam os mesmos, revelando já ter sido desautorizada pelos pais algumas vezes. Para além de outros significados relativos às implicações da falta de limites e a fragilização do poder da autoridade dos representantes da escola, tais episódios revelam a importância de envolver os pais e familiares nos trabalhos educativos. É importante ressaltar que essa questão não foi assinalada nos universos de ensino públicos.

No que se refere ao contato com os estudantes, os mesmos se mostraram receptivos a presença da pesquisadora na escola. Esse contato foi facilitado, dado que nossa entrada na Unidade de Ensino II se deu através de uma relação de proximidade com a psicóloga do ensino médio, que esteve presente na reunião com a equipe técnica e em algumas visitas em sala de aula. Durante a divulgação da pesquisa percebemos que muitos estudantes ouviam atentamente a apresentação e solicitaram o esclarecimento de dúvidas acerca da pesquisa. Foi mencionado o vínculo com a FIOCRUZ, a importância da realização de pesquisas para o melhoramento de certos serviços, etc. Vale ressaltar que o tipo de divulgação foi o mesmo nas três unidades de ensino, que incluía uma referência ao *Jogo da Onda* para que eles pudessem visualizar algo concreto do que estávamos explicando. No entanto, somente os estudantes desta unidade de ensino fizeram questionamentos sobre o jogo e pediram para manipular o material educativo.

de alguns alunos e de dois professores essa é uma ao ambiente de trabalho tranquilo devido às boas relações estabelecidas entre os funcionários em geral, com a direção e especialmente com os estudantes. A partir de informações colhidas no site da escola, a missão é promover a educação global do aluno, considerando a formação acadêmica o meio para o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias para o cidadão crítico, participativo e consciente dos seus direitos e deveres. Constatamos que a escola possui uma equipe multiprofissional bem estruturada, tendo uma psicóloga para cada segmento/turno. No ensino médio, inclusive, os alunos tem a oportunidade de participar de um processo de orientação vocacional.

Os poucos entraves que tivemos para a realização da pesquisa, foram relacionados à tentativa de conciliar os horários das entrevistas com os horários livres dos alunos. A coordenação do ensino médio não permitiu que os estudantes perdessem aula, especialmente os alunos do terceiro ano, sempre justificando que a escola tinha uma preocupação com a preparação para o vestibular e que uma aula perdida poderia significar uma questão no processo seletivo.

3.2.3 Unidade de Ensino III

O município de Duque de Caxias integra a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e está localizado na Baixada Fluminense. De acordo com o IBGE (2011), a população residente é de 855.046 habitantes. Apesar do crescimento econômico dos últimos anos, sendo a indústria e comércio as principais atividades, Caxias está presente na lista dos municípios que possuem o maior número de pessoas vivendo na pobreza. A Unidade de Ensino III situa-se em bairro distante da região central de Caxias. No entorno, prevalece o segmento populacional de baixa renda e as condições de acesso à escola são bastante deficitárias.

Durante a divulgação da pesquisa nas salas de aula os professores e os estudantes foram pouco receptivos: não houve questionamentos acerca da pesquisa, o contato visual era escasso e, em comparação aos outros universos de pesquisa, foi o menor índice de inscritos para o sorteio. Percebemos também os estudantes um pouco arredios no momento do contato para entrega do termo de consentimento, sendo necessário explicar como funcionaria a entrevista. Ao longo de realização das

tes demonstrou dificuldade de compreensão das
de ideias para formulação de respostas.

A temática uso de drogas mobilizou emocionalmente parte dos estudantes entrevistados em função de problemas decorrentes do consumo de drogas no contexto familiar. Uma das estudantes precisou interromper momentaneamente a entrevista por começar a chorar ao expor um problema que estava vivenciando com uma das professoras da escola. Esses episódios demonstraram o quanto às consequências negativas do consumo (abusivo) de drogas é experimentada de forma silenciosa pelos sujeitos. Devido ao tema ser atravessado por juízos de valores, o espaço para relatos como os que ouvimos se torna restrito, uma vez que as pessoas que vivenciam esses problemas não se sentem a vontade para falar a respeito. Faltam espaços e dispositivos que facilitem e estimulem a livre expressão dos jovens, uma vez que compreendemos ser este o caminho, a partir da troca e orientação. Para além disso, falar de si e obter uma escuta atenta e respeitosa pode propiciar o auto conhecimento e organização, bem como reformulação, de ideias e sentimentos.

Ao traçarmos um paralelo entre as três unidades de ensino pesquisadas, podemos identificar algumas diferenças e aproximações entre as instituições e, especialmente, entre seus atores. Apesar de serem localizadas em municípios diferentes e de possuírem alunos com diferenças significativas no que se refere ao acesso a bens materiais e simbólicos, os estudantes das unidade I e II conseguiram se expressar de forma clara e articulada. Assim, não percebemos grandes distanciamentos entre estudantes de unidade pública e privada no que se refere ao manejo e apropriação do tema, bem como ao estabelecimento da relação com a entrevistadora. O fato da unidade I localizar-se em uma região urbana e, de certa forma, central no município do Rio de Janeiro, contribui para que os jovens tenham maior mobilidade se compararmos com os jovens da unidade III, por exemplo, que indicaram algumas limitações na compreensão dos temas da entrevista e na articulação de ideias.

Em relação à estrutura física das unidades, Apesar da unidade I possuir um espaço privilegiado, no sentido quantitativo, faltam investimentos e profissionais para a manutenção do prédio e para o desenvolvimento de atividades em prol do aproveitamento do mesmo.. A unidade de ensino III possui um espaço mais restrito, uma vez que não oferece aos seus alunos muitas opções de circulação e lazer, as

por exemplo, uma sala de informática com dez
taca por reunir as duas características: possui um
espaço físico que oferece a possibilidade do desenvolvimento de diversas atividades,
bem como possui corpo técnico estruturado para que as mesmas sejam viabilizadas.

3.3 Com a palavra, os estudantes

No computo geral, percebemos os jovens disponíveis no momento da entrevista. Salvo algumas exceções, que se pronunciaram de forma econômica, a maioria se mostrou a vontade para expor suas ideias. As entrevistas, em média, tiveram 1h de duração ó a mais rápida durou vinte três minutos e a mais demorada duas horas e quatorze minutos.

No que se refere à compreensão das perguntas e articulação das respostas, houve obstáculos momentâneos para o desdobramento da entrevista, sendo que a dificuldade de entendimento e construção de uma resposta foi mais recorrente entre o grupo de estudantes da Unidade de Ensino III, composto apenas pelo segmento do fundamental, em particular entre os homens. Diante dessas situações, buscou-se reformular a pergunta e fornecer exemplos.

Em relação aos temas abordados ao longo das entrevistas, a maioria dos estudantes se mostrou não só aberta para falar sobre suas visões, como interessada em conversar sobre os temas tratados. Os que mantiveram uma postura mais rígida e reservada, no início da entrevista, pareciam estar atentos ao fato do tema drogas ser proibido, o que o transforma, possivelmente, em algo sigiloso.

O assunto òdrogasõ foi predominantemente exposto a partir do relato de histórias e casos de terceiros: amigos, familiares, conhecidos, episódios divulgados pela mídia, leituras, etc. Em menor proporção, houve depoimentos centrados nas experiências pessoais e familiares com as drogas, em particular relativos ao consumo excessivo de álcool. Essas observações apontam para a presença do uso abusivo de drogas no cotidiano de alguns desses jovens, que serão detalhadas nos itens seguintes.

Por fim, cabe ressaltar que as entrevistas nos três universos pesquisados se constituíram não só como um instrumento de coleta de informações para o pesquisador, mas também como um espaço de diálogo para os estudantes que gerou algumas

As observações sugerem a carência de espaços para
entre eles o consumo de drogas, sinalizando para a
importância da criação e do incremento das ações educativas sobre drogas que
privilegiem a dimensão dialógica das interações.

3.3.1 Perfil dos estudantes

Dentre os 40 entrevistados, **52,5%** eram homens e **47, 2%** mulheres. A **faixa etária** predominante situa-se entre **15 e 17 anos**, que corresponde a **50%** do total de entrevistados, seguida de **12 anos e 15 anos**, com **12,5%**, respectivamente.

Os estudantes da unidade de ensino I e III referiram com maior frequência que residiam com uma família ampliada, constituída a partir do agrupamento de diferentes pessoas com algum grau de parentesco, como por exemplo: avô, tia e prima; tios, irmãos e mãe; etc. O número de pessoas residentes nas casas foi maior, variando de três a onze pessoas. A partir dos relatos foi observado que nesses contextos a responsabilidade pela criação e educação dos jovens é descentralizada, ficando a cargo de todos os membros adultos que residem juntos; alguns estudantes assumem papéis e funções em casa, que incluem ajuda financeira e atividades domésticas. Na unidade de ensino II foram mais frequentes famílias com relações de filiação, ou seja, compostas somente pelos pais e filho (a) ou filhos (as), sendo que 30% dos entrevistados era o único filho de um casal. Em todas as unidades percebemos a formação de famílias a partir de casais que já tinham experimentado outros casamentos e no momento atual constituíam uma nova família com as formações anteriores.

Com relação à renda própria, 57,5% dos jovens não recebem mesada, e referiram que quando precisam de algo solicitam pontualmente aos pais e/ou aos responsáveis. Houve maior concentração desses alunos nas unidades de ensino públicas (I e III). Talvez por essa razão esses estudantes tenham referido em maior quantidade o número de itens que comprariam caso tivesse uma renda individual. Dos 42,5% que relataram receber mesada dos pais e/ou dos avós/avôs, a maioria se concentra na unidade de ensino II.

Em relação à aquisição de bens de consumo, percebemos uma aproximação, no que se refere às escolhas dos objetos, entre as unidades públicas de ensino (I e III). Estes

os sobre as suas necessidades de consumo, quando de de ensino II, tais como: blusas, saias, bermudas, etc. Os meninos, constantemente, mencionaram que comprariam tênis, ôvários tênisö. Um menino da unidade de ensino I foi bem descritivo e disse que compraria *õroupa de sair: blusa de gola ãø, bermuda quadriculada e tênisö*. As meninas contaram das suas preferências, quase sempre relacionadas a itens como maquiagem, *õtudo para o cabeloö*, bijuterias, artigos de papelaria etc.

Os estudantes de todas as unidades disseram investir sua renda em gastos cotidianos, como sair com os amigos, ir a restaurantes, lanchonetes, boates, cinemas, reuniões na casa de amigos, etc. No ensino fundamental prevaleceu o desejo por comprar brinquedos (boneca, bicicleta, jogos). Os demais referiram CDs, DVDs, eletroeletrônicos (câmera, computador, *Ipod*, etc.), bem como compra de créditos para o telefone móvel e/ou para pagar a conta do celular. Aqui, é importante mencionar que 80% dos estudantes relataram possuir celular.

Tanto os estudantes da unidade I quanto da unidade III relataram que caso tivessem uma renda possivelmente investiriam em cursos livres, como de informática, montagem e manutenção de computadores, curso de línguas e curso de cabeleireiro, curso de teatro e aulas de violão. Apenas estudantes da unidade de ensino II e dois da unidade de ensino I incluíram em seus interesses livros. Dentre os oito estudantes que possuem renda a partir de uma atividade laborativa (20%), apenas dois contribuem para as despesas domésticas. Os demais referiram usar o salário somente com gastos pessoais, como: objetos de consumo, reforma do quarto, transporte, alimentação, etc. Esses estudantes relataram trabalhar em redes de *fast-food*, empresas de telemarketing, lojas de departamentos, lojas de algum familiar.

Embora não fosse perguntado diretamente, muitos alunos citaram a profissão dos pais. Na unidade de ensino II as profissões mais comuns foram: engenheiro civil, médico, dentista, advogado, dona de casa e professora. Na unidade de ensino III foram referidas as seguintes profissões: acompanhante, padeiro, gari, babá, empregada doméstica e fotógrafa. Já na unidade de ensino I, apenas um aluno relatou a profissão da mãe de vendedora.

dos, a maioria (92,5%) possui computador em casa e 97,5% possuem meios de transporte familiares. Quanto ao acesso a internet, 82% possuem em casa e 97,5% participam de redes sociais como *Orkut, Facebook e Twitter*.

Foram observadas diferenças em relação ao perfil sócio econômico dos entrevistados oriundos de unidades de ensino públicas e privada, a partir de alguns aspectos como a constituição familiar, a inserção dos pais em funções e cargos mais ou menos valorizados e remunerados, a possibilidade de acesso a práticas de consumo e a oportunidades de lazer e aprendizagem, entre outros. As aproximações entre os estudantes das unidades de ensino I (pública) e II (privada) podem estar relacionada aos parâmetros e referências identitárias compartilhadas por uma geração, como por exemplo, o acesso a internet, a valorização de bens de consumo, entre outros.

3.3.2 A visão acerca da escola

A maioria (92,5%) acredita que a principal tarefa da escola é a **preparação para o futuro**. Estes se referem, em geral, à formação nas suas diversas dimensões, mas alguns mencionaram questões muito específicas e pontuais como os estudos, a preparação para o vestibular e a escolha de uma profissão:

Estudante: *Pra gente saber o que a gente quer para o nosso futuro. Eu quero informática! Então eu tô aqui pra saber matemática, essas coisas. Eu quero fazer faculdade de informática e inglês também* (E1, homem, 17 anos).

Estudante: *Eu acho que a escola não tá aqui para educar e nem disciplinar ninguém, isso tem que vir de casa. Eu tô aqui para aprender os conhecimentos essenciais para a minha vida de estudo* (E2, homem, 14 anos).

Nos depoimentos de grande parte dos estudantes, observa-se a forte presença de um projeto de **continuidade dos estudos** com o objetivo de ingressar na universidade em prol de uma melhor colocação não só no mundo do trabalho, mas na vida como um todo. Entre os estudantes do ensino médio das unidades de ensino I e II a menção ao processo seletivo do vestibular se fez presente durante as entrevistas. De acordo com Sposito (2002) diante das várias atribuições da escola, a preparação para o exame de

das poucas referências que orientam as diretrizes os professores.

Em contrapartida, um número restrito de entrevistados, todos das unidades públicas de ensino, trouxeram a possibilidade de inserção no mercado de trabalho descolada da formação técnica e/ou acadêmica. Acreditamos que esse dado ilustra o quanto as condições de vida influenciam diretamente nas trajetórias juvenis, delimitando as alternativas que muitas vezes se tornam antagônicas, como por exemplo, trilhar o caminho dos estudos ou ingressar no mundo laborativo (SPOSITO E GALVÃO, 2004; UNICEF, 2002).

Diferente do estabelecimento de uma relação instrumental com a escola, ligada predominantemente ao repasse de conhecimento com um fim específico, outros entrevistados ampliaram a perspectiva de formação:

Estudante: *Vai contribuindo para o meu crescimento enquanto ser humano, que é a educação (E2, mulher, 15).*

Aqui, percebemos que alguns entrevistados entendem que o conhecimento repassado pela escola transcende o conhecimento técnico e a sua tarefa é promover uma aprendizagem ampliada de como conviver em sociedade. Alguns estudantes acreditam que o processo educacional precisa acontecer a partir de uma integração entre a escola e a família. Cerca de **30%** valoriza a troca com os grupos de pares, considerando a escola enquanto um espaço de **sociabilidade** e construção de **laços afetivos**.

Estudante: *O bom da escola é os professores, as pessoas. Aqui dentro faz uma família, né? Tem os professores que me consideram como filha, avô [neta] (E3, mulher, 16 anos).*

Estudante: *Eu sempre estudei aqui, desde pequena, eu nunca estudei em outra escola, não me vejo em outra escola. Aqui estão todos os meus amigos. É minha segunda casa (E2, mulher, 17 anos).*

Alguns estudantes (**27,5%**) adotaram uma **reflexão crítica** acerca do papel da escola e da educação. Estes se concentram na unidade de ensino I e II e

édio. Para esses alunos o conhecimento trabalhado somente ensinamentos técnicos como também servir de referência necessária para a compreensão do mundo, da sociedade, da relação com as pessoas, bem como sobre o comportamento humano. Estes estudantes parecem denunciar que, embora a escola se proponha a atuar em prol de uma formação ampliada, e especialmente ter como um de seus papéis a formação de cidadãos, muitas de suas práticas estão distantes e incompatíveis com esse propósito.

Estudante: *A escola não educa para umas questões da vida, nem a faculdade (E1, homem, 17 anos).*

Estudante: *As aulas deveriam politizar a gente, poderiam colocar as coisas na prática: como é que é isso na vida? A escola deveria fazer isso e não preparar só para entrar na faculdade. A faculdade que nos preparasse para a vida profissional! Mas a escola tinha que preparar para a vida como um todo pra gente entender a sociedade, as pessoas, aprendizado sobre a vida. A vida não é só saber fazer cálculo (pausa) É... eu acho tudo muito teórico (E2, homem, 17 anos).*

Ao mesmo tempo em que valorizavam os estudos enquanto uma promessa futura de inserção profissional, no momento presente os estudantes experimentavam a falta de sentido e propósito da educação escolar. Dentre os diversos recursos usados para lidar com essa falta de harmonia, muitos alunos estabelecem uma relação instrumental com os estudos. O jovem abaixo articulou o questionamento com a proposta da pesquisa:

Estudante: *Não deveríamos saber só sobre drogas, mas sobre tudo, sobre esses temas recorrentes dentro da sociedade, sobre a prática de vida e aí entraria a droga, como mais um assunto (E2, homem, 18 anos).*

A sugestão do aluno se afina com a proposta de educação sobre drogas orientada pela abordagem de redução de danos, uma vez que acredita que as atividades educativas devem estar pautadas em fortalecer uma conscientização do seu lugar no mundo e um olhar crítica para o que constitui o mesmo em uma dimensão microssocial e macrossocial. Desse modo, os estudantes estariam sendo preparados para se posicionar

sentido de poder refletir e questionar acerca das
campo oferece.

Essa perspectiva aponta para a importância de ações educativas sobre drogas serem compreensivas ó no sentido de dar espaço para os jovens exporem suas dúvidas e experiências ó mas, igualmente ampliadas e contínuas. Tais pré-requisitos são um convite para uma mobilização global, não só da estrutura e da proposta de educação em saúde, mas principalmente da estrutura do sistema escolar.

3.3.3 Drogas: conceitos

Entre os 40 entrevistados, quase metade (45%) associou a droga a **prejuízos à saúde (global)**. Para eles, o consumo de drogas afeta a saúde física e/ou mental do sujeito. No entanto, alguns consideraram que um dano individual pode comprometer as relações que o usuário estabelece com seus familiares e amigos. Assim, essa categoria se refere a prejuízos a saúde de uma forma global, incluindo comprometimentos relacionais. Os relatos abaixo ilustram os prejuízos de ordem física:

Estudante: *As drogas fazem muito mal a saúde. Eu não sei sobre todas, mas o cigarro pode estragar o sistema respiratório, o pulmão* (E2, homem, 14 anos).

Nesse caso, a concepção biomédica sobre drogas prevalece e reflete a perspectiva presente nas políticas preventivas, orientadas por uma visão antidrogas, que valoriza apenas as alterações de ordem fisiológica que a interação com a droga pode ocasionar. Assim, desconsidera as diferentes dimensões que constituem o sujeito: o contexto sócio-cultural que lhe serve de contorno, seus aspectos subjetivos, etc.

Para alguns jovens o consumo de drogas causa uma alteração mental não só momentânea, mas que pode perdurar, assumindo o caráter de uma doença mental. Outros acreditam que o uso de uma droga impulsiona a pessoa a querer mais e mais a ponto de perder o controle e enlouquecer. Os depoimentos são ilustrativos:

Estudante: *Tem gente que usa droga e fica muito doida, doida mesmo, tipo maluco, sabe?* (E3, mulher, 15 anos).

Entrevistadora: *Mas como você acha que isso pode acontecer?*

... droga e fica perdida no mundo dos efeitos da droga.
... e a mais viver na realidade, deliram.

Estudante: *As pessoas usam drogas e acabam ficando malucas de verdade (...) quando ficam sem droga podem até ir para o hospício (E2, mulher, 12 anos).*

Estudante: *Eu tenho um primo que ele se drogou tem pouco tempo agora. Daí a minha mãe sempre vai pra lá, vai pra casa dele porque ele é filho único. Ela compra um remédio pra ele se controlar, que ele é drogado (E3, mulher, 12 anos).*

Entrevistadora: *Ah é? Me conta como é isso: que remédio é esse que a sua mãe compra?*

Estudante: *É porque uma menina lá da igreja toma um remédio, mas ela não é drogada, ela toma porque ela é maluca. E aí a minha mãe pediu esse remédio a ela, que também serve pra isso, pra gente drogada. Ele fica atacando todo mundo... A minha mãe não deixa a gente ir muito pra lá porque ele se agride, agride a gente.*

A aproximação entre consumo de drogas e problemas mentais reside no status de anormalidade atribuídos a esses comportamentos e nos sujeitos vistos como desviantes (BECKER, 2008). A história compartilhada sobre o uso de medicamento reflete o desconhecimento acerca dos manejos possíveis diante da problemática, bem como que a negatividade dos efeitos da droga extrapola a vida do usuário e afeta seus familiares.

Para alguns jovens, os prejuízos de ordem relacional se somam a outros sintomas da negatividade, como o cometimento de atos moralmente condenáveis:

Estudante: *A pessoa que usa droga rouba sua família pra poder comprar a droga (E2, mulher, 13 anos).*

O poder atribuído à droga e a autonomia que seus efeitos exercem demonstram o quanto o sujeito não é considerado nessa relação ou é visto de forma apenas passiva ao ponto de ser apenas acometido pelos seus prejuízos ó que no relato abaixo se estendem a dimensão física, mental, emocional e intelectual.

quilo que pode fazer mal a pessoa. Pode estar no [a droga] pode acabar o interior tanto sentimental quanto os órgãos. Ela pode acabar deteriorando os seus órgãos como pode também acabar com o que as pessoas pensam, o que ela acha pode ser mudada dependendo das pessoas que ela convive por causa das drogas ou das coisas que ela usa. E até da própria droga pode mudar a opinião dela (E2, homem, 15 anos).

Tal perspectiva pode ser igualmente observada pela relação direta entre consumo de droga, **dependência e vício**, referida por pouco mais da metade (55%) dos estudantes. Para alguns a experiência com determinadas drogas leva automaticamente a dependência ou ao descontrole e a dificuldade do sujeito de se apoderar de si. É importante ressaltar que alguns elementos que caracterizam o consumo de álcool e outras drogas, como a frequência e/ou a quantidade, somados ao contexto social e momento de vida, podem facilitar a configuração de um uso dependente que é caracterizado também como vício. No entanto, coerente com o que intitulamos de visão reduzida, esses estudantes consideram o vício como a única implicação do consumo.

Outros alunos definem uma substância enquanto droga a partir da capacidade do consumo da mesma se tornar um vício e nesse caso, incluem o álcool e o tabaco ó consideradas, por alguns escolares, como drogas somente na condição de causar dependência.

Estudante: *A pessoa que usa a droga ela fica dependente da droga. É só usar, basta uma vez, e depois você não pode viver mais sem ela* (E1, homem, 16 anos).

Estudante: *É um remédio que a pessoa pode tomar e depois que ela toma a primeira vez ela fica querendo mais e mais e isso causa um mal a saúde. (...) É bom nem usar a primeira vez!* (E3, mulher, 12 anos).

A maioria dos jovens entrevistados reconhece a existência de várias drogas. No entanto, especialmente em relação às drogas ilícitas, eles não consideram a possibilidade de diferentes formas de consumo e associam a experimentação sempre à dependência. Foram escassos os relatos sobre a possibilidade do uso de drogas de modo

os próprios estudantes tenham essa experiência, a alcoólica. Essa constatação encontra eco em pesquisas e levantamentos sobre o consumo juvenil de drogas que atestam que o álcool é a droga mais consumida não só por esse grupo etário, como pelos demais (CARLINI et al., 2005).

Percebemos a forte introjeção de que a atitude correta é não ter o primeiro envolvimento com qualquer tipo de drogas, a partir de uma visão genérica que não corresponde à realidade vivenciada por eles. Essa prescrição se afina com a concepção de prevenção primária do uso de drogas. Tal modelo de prevenção é embasado por abordagens tradicionais do fenômeno que tem como a priori apenas os aspectos danosos da droga e a orientação de que o consumo de qualquer droga deve ser evitado. Definida como *guerra às Drogas* (CARLINI-COTRIM, 1992) essa perspectiva vem sendo construída historicamente e está relacionada ao controle social do Estado sobre as condutas humanas nos espaços sociais. Discutiremos esse assunto mais a frente, em maior abrangência. Nesse momento, pretendemos destacar como o discurso de guerra às drogas encontra-se presente nas construções sociais sobre o consumo de substâncias e contribui para que os estudantes formulem suas representações e práticas sociais.

O vício e a dependência também aparecem como uma característica inerente a droga, associado ao descontrole e ao cometimento de ações moralmente condenáveis:

Estudante: *Eu acho que a pessoa quando usa, assim, tudo que você vê pela frente você quer vender para comprar droga, ir apanhar a droga. Aí você acaba experimentando um pouquinho e daqui a pouco você tá viciado ó igual como acontece na novela do *Clone* (E3, mulher, 12 anos).*

Entrevistadora: *O que acontece na novela?*

Estudante: *É que a menina, ela tem um namorado que trabalhava, ele tinha dinheiro e ela pegava o dinheiro dele escondido pra comprar droga... Agora ela tá fazendo tratamento. Tudo que ela via pela frente ela vendeu: vendeu a casa dela, o quarto dela, tudo.*

Entrevistadora: *O que você acha disso?*

Estudante: *Eu acho muito ruim.*

*Você tá me contando de algo que você viu na TV.
fora da TV, na vida das pessoas?*

Estudante: *Acho. A minha mãe é da igreja e ela vai arrumar um grupo e ela vai, em outubro, lá na Central (do Brasil) entregar a Palavra de Deus pra eles, e levar a comida. Ela vai falar com os mendigos, conversar, pra eles não usar drogas.*

O depoimento acima ilustra a representação negativa do consumo de drogas difundida pela mídia, reforçando os aspectos danosos da interação (CARLINI-COTRIM et al., 1995). Reitera-se a visão do usuário como uma pessoa descontrolada, que comete atos criminosos e que pode vir a ser nocivo no convívio social. Nessa direção, Ronzani et al (2009) aponta a existência de um descompasso entre o que a mídia retrata acerca do tema e o cenário real do consumo de drogas, de acordo com estudos epidemiológicos e sócio antropológicos. Segundo os autores, tais incompatibilidades podem corroborar para a manutenção de crenças equivocadas sobre o assunto, bem como influenciar na criação de políticas públicas sobre drogas equivocadas, ao invés de promoverem ações educativas adequadas. Tal assunto será retomado mais adiante.

Alguns estudantes mantiveram a vinculação droga-dependência, mas o critério não foi a substância, e sim a relação compulsiva que o sujeito estabelece com determinada droga:

Estudante: *Quando a pessoa começa a usar e não consegue mais parar, ela é um dependente. E tudo que vicia eu acho que é uma droga. Tudo que é em excesso é ruim, é um vício, é droga (E3, homem, 17 anos).*

A representação da droga relacionada à **destruição e ruína** esteve presente no discurso de cerca de um terço (**30%**) dos estudantes. Esse grupo parece estar convencido de que o consumo de drogas transcende meros prejuízos e produz consequências avassaladoras e definitivas. Essa perspectiva reforça a imagem do usuário como um derrotado.

Estudante: *O único destino da droga é a prisão, é a morte ou ficar pra sempre no meio da rua. (E1, homem, 17 anos).*

dita que entrou na vida desses jovens. Só estraga a
(, 17 anos).

Estudante: *Olha, tem dois tipos: lícitas e ilícitas. Eu acho que as lícitas são aquelas de remédios, assim... e ilícitas são as que geralmente os traficantes usam e geralmente todos morrem* (E2, mulher, 12 anos).

Duas estudantes da Unidade de Ensino III indicaram essa perspectiva a partir de suas experiências. Uma delas revelou que o tio e o primo são alcoolistas e residem na mesma casa que a jovem; o pai mora em outro município e a mãe trabalha em uma casa de família em na zona sul do Rio de Janeiro e encontra a filha somente aos domingos. De acordo com o relato da jovem, o tio é um *õbêbado bonzinho, chega em casa e dormeõ*, mas o primo, fica bastante agressivo quando consome bebida alcoólica, costuma *õfalar gritando, quebrar as coisas e quer bater em todo mundoõ*. O relato da estudante foi permeado por lágrimas, demonstrando intenso sofrimento pelo que experimentava no contexto familiar:

Estudante: *Eu acho que [droga] é uma coisa nojenta que destrói a família, a felicidade dos outros, tudo. Todo mundo fica infeliz vivendo uma coisa dessas, né? Não tem como...* (E3, mulher, 17 anos).

A segunda estudante, que também relatou um episódio familiar relacionado ao uso de drogas, revelou que a droga *õÉ uma coisa péssima, destruidora de vidas. Eu tenho um irmão que morreu dissoõ*. Ao longo do seu relato esclareceu que o irmão tinha falecido, a pouco mais de um mês da data da entrevista, vítima de um assassinato.

Estudante: *O meu irmão era travesti. As pessoas tinham muita inveja dele porque ele era muito bonito. (...) Ele saiu com um policial um dia. Depois os amigos dele falaram que ele já saía com esse homem para o motel, mas acontece que nesse dia o meu irmão foi embora antes do motel porque o policia mandou ele embora porque ia descansar. E parece que ele ficou dormindo e tomou um remédio desses faixa [tarja] preta, sabe? E apareceu morto no motel. Mas o meu irmão não teve culpa de nada! Ele fez tudo direito e foi na delegacia como mandaram pra ele contar o que aconteceu (...). Depois de uma semana o*

em um lixão... foi horrível! E o meu pai nem sabe
de contar. A jovem finalizou: O meu irmão usou
drogas e parou porque aquilo destruiu a vida dele... mas acabou que não
adiantou. (E3, mulher, 16 anos).

Um grupo menor (20%) não atribui o dano predominantemente à substância
em si, mas como um adjetivo que igualmente refere uma negatividade. Ou seja,
a droga está associada a um comportamento prejudicial ou compulsivo, como o vício:

Estudante: *Atitudes podem ser denominadas como drogas. Uma atitude muito
ruim, uma ação em si, pode ser vista como uma droga. Uma pessoa que não
sabe falar com alguém pode agir de uma forma tão ruim como uma droga age*
(E1, homem, 16 anos).

Estudante: *Tudo que afeta a pessoa de uma forma negativa pode ser vista como
uma droga. E aí pode ser uma namorada, um amigo... tem pessoas que fazem
isso com comida, chocolate, etc.* (E2, homem, 17 anos).

Estudante: *Qualquer coisa que vicia, pra mim, é droga. Internet, coca-cola,
chocolate, sexo, remédio. Tudo que é em excesso é ruim, é um vício* (E1, mulher,
17 anos).

Estudante: *A droga não é só químico, não é só a cocaína, maconha, etc. É tudo
que atrapalha a vida da pessoa, atrasa a vida, te prejudica* (E1, homem, 19
anos).

Outro aspecto ressaltado, com menor frequência, refere-se ao reconhecimento de
que a droga produz sensações de alívio diante de um incômodo, atuando como uma
fuga da realidade. Para esse grupo as propriedades da droga permitem que o sujeito
fique alheio ao mundo, e desse modo não experimente possíveis desconfortos, que para
alguns estudantes, é a principal motivação para o consumo.

Estudante: *É uma coisa ruim que as pessoas usam como um refúgio... sei lá,
dos problemas que elas carregam* (E2, mulher, 17 anos).

a aqueles que a vida não tem sentido. Então, para
soas estão morrendo por causa disso (E1, homem,

17 anos).

É possível concluir que grande parte (**85%**) dos estudantes entrevistados revelam **concepções negativas** acerca do consumo de drogas. As representações expostas resultam de uma **visão reduzida** acerca do fenômeno, onde o consumo individual é descolado de seu contexto. O uso de drogas é sempre visto de forma problemática, uma vez que ocasiona prejuízos de diversas ordens: pessoal, relacional, social, etc. Dessa maneira, as drogas precisam ser evitadas, ou seja, todo e qualquer tipo de droga e de consumo é danoso. Como citado, essas concepções fazem parte de uma racionalidade técnico-científica, por muitos anos dominante, pautada em um discurso de *Guerra às Drogas*. As metáforas bélicas são compatíveis com a forma e a intensidade que a questão do consumo de drogas é tratada, desconsiderando os diferentes contextos e finalidades, como os rituais religiosos, as funções curativas e medicinais, etc. (BUCHER, 1994; CARLINI-COTRIM, 2001; HENMAN, 1999).

A supervalorização negativa da droga dificulta a formulação de uma concepção mais abrangente sobre os diversos elementos presentes na interação entre o sujeito e o chamado *consumo de drogas*. Consumir uma droga remete, necessariamente, a **um tipo e uma quantidade de droga (lícita ou ilícita)**, a **um sujeito** que consome e a **um contexto** onde tal interação se concretiza ó elementos desconsiderados por essa perspectiva que historicamente orientou as diretrizes das políticas públicas sobre drogas no campo da saúde e da justiça (MAC RAE, 1997; VELHO, 1999; ZALUAR, 1994).

Outro elemento bastante peculiar da perspectiva de *Guerra às Drogas* é a difusão de um clima de amedrontamento sobre o consumo de drogas, a partir, por exemplo, de situações de extremo sofrimento, que mobilizam as pessoas e provocam muito mais alarme e medo do que esclarecimento e conscientização acerca das reais implicações, dos diferentes contextos de consumo, dos possíveis danos, etc, conforme revelam as avaliações sobre os efeitos dessas abordagens dentro e fora do contexto escolar (CARLINI-COTRIM, 1992).

as diferentes mídias, exercem diversas funções. Percebemos recentemente um movimento das novelas incorporarem no seu enredo temas polêmicos, e até então pouco abordados, como as relações homossexuais, alguns transtornos psiquiátricos, o consumo de drogas ó mais notadamente o alcoolismo ó, entre outros. A justificativa situa-se na tarefa educativa e informativa que a mídia vem buscando exercer. No entanto, como dissemos anteriormente, por vezes, as situações dramatizadas acabam sendo atravessadas, muitas vezes, por idéias preconceituosas e alarmistas (CARLINI-COTRIM et al, 1995; RONZANI et al, 2009).

Cabe ressaltar que a mesma estudante que narrou o episódio da novela compartilhou a história familiar do primo usuário de drogas que estava sendo õtratadoõ, sem orientação médica, com um õremédio de malucoõ (que acreditamos ser um medicamento psicofármaco). Assim, podemos considerar que o clima de temor que o assunto é abordado deixa as pessoas mais vulneráveis e desprovidas de informações consistentes acerca dos tipos de droga, dos efeitos das mesmas, das modalidades de uso, e especialmente, nesse caso, em como lidar com as pessoas que vivenciam as consequências de um consumo abusivo de drogas. Essa situação nos remete para a ausência de crítica em relação à automedicação. A maior ênfase e a universalização dos prejuízos causados pelas drogas ilícitas tamponam os possíveis efeitos nocivos do consumo de drogas lícitas, como os calmantes, os anorexígenos, os anabolizantes (quando administrados sem a orientação médica), e especialmente, o álcool (BUCHER, 1994).

Paralelo à legitimação e ao incentivo ao consumo de álcool, existem mobilizações para restringir o consumo, como por exemplo, a popularmente conhecida õLei Secaõ, decorrente da alteração na legislação de trânsito (Lei 11.705/2008). Tal modificação no Código de Trânsito Brasileiro visa restringir o consumo de bebidas alcoólicas ao estipular uma determinada quantidade de álcool por litro de ar expelido no exame do bafômetro. Por meio de outros dispositivos legais objetiva-se controlar o consumo de álcool em situações e períodos específicos, como por exemplo, a restrição da venda para menores de dezoito anos. Apesar dessas iniciativas virem surtindo um efeito positivo no que se refere às consequências da embriaguez (como o declínio dos

que outras frentes de atuação estejam trabalhando de ensino, entre outras.

As ações em prol da contenção do consumo de tabaco acontecem de forma mais homogênea, vide as iniciativas na área da saúde e no âmbito legal ó como a lei federal para locais públicos livres do consumo de cigarro, a restrição da publicidade de produtos de tabaco, entre outras. As diversas práticas em diferentes áreas, vêm contribuindo para a divulgação de que o consumo dessa droga, ainda que lícita, causa prejuízos à saúde dos usuários e dos seus pares. Almeida et al (2010) e Monteiro et al (2007) assinalam que as práticas de prevenção da iniciação e o estímulo a interrupção do consumo de cigarro vêm produzindo uma diminuição significativa da prevalência de fumantes dessa substância no Brasil em um espaço de tempo de quase dez anos, marcadamente entre 1989 e 2008.

Dados epidemiológicos sugerem que apesar do forte controle em relação ao consumo de cigarro, há uma possível migração, especialmente entre os jovens, para outros produtos derivados do tabaco fumado, diferentes do cigarro. Estes produtos podem ser adquiridos nos mesmos postos de venda do cigarro e são difundidos ilegalmente através de diferentes mídias, como a internet, tendo acesso ainda mais fácil a juventude (SZKLO et al, 2012). Essa migração e substituição refletem a necessidade dessas iniciativas virem acompanhadas de ações complementares, como as práticas educativas sobre drogas, uma vez que a proibição sozinha pode gerar mudança de comportamento para algumas pessoas, mas para outras tantas é necessário um trabalho mais ampliado de conscientização. Até porque, como os mesmo autores acima expõem, a indústria de tabaco, diante das várias limitações que lhe são impostas, vêm buscando diferentes estratégias para atingir novos mercados consumidores.

Embora, tenham prevalecido concepções predominantemente negativas sobre o consumo de drogas, houve relatos que apresentaram representações diversificadas acerca do uso de drogas, do sujeito que o realiza, etc.

Dentre os 40 entrevistados, um grupo mais reduzido (**15%**), composto por cinco meninas e um menino da Unidade de Ensino II expressou uma **visão ampliada** sobre o tema. Esses jovens nominam e qualificam os diferentes tipos de drogas, incluindo o reconhecimento sobre a classificação de drogas lícitas e ilícitas e suas implicações.

... desde o cigarro até a droga mais perigosa, como crack, tudo é droga. Álcool é droga (E1, mulher, 16 anos).

Estudante: *É muito sem sentido pra mim: o álcool é uma droga lícita e a maconha é uma droga ilícita, mas os dois, digamos, tem o mesmo objetivo que é fazer a pessoa se sentir bem nem que seja por cinco minutos* (E1, mulher, 14 anos).

Um ponto importante e coerente com a perspectiva mais abrangente sobre o consumo de drogas é a noção de que existem várias motivações e diferentes efeitos provocados pelas drogas ó ambos não só de ordem negativa. Essa diversidade está diretamente relacionada às diferentes singularidades ó subjetivas e contextuais. Uma concepção ampliada sobre o consumo de drogas contempla a possibilidade de se experimentar uma determinada droga, por diversas razões, e não se tornar, automaticamente, dependente de uma substância. Assim, reporta para a possibilidade do sujeito de fazer escolhas conscientes. A dimensão dos efeitos positivos do consumo é manifestada no discurso desse grupo que resgata a presença de sensações de bem-estar como produto dessa prática:

Estudante: *Eu não tava mal quando coloquei um cigarro na boca, eu tava bem e só queria experimentar, só isso* (E2, mulher, 14 anos).

Estudante: *Droga dá prazer, sim! Prazer é a pessoa se sentir bem!* (E2, homem, 17 anos).

Estudante: *Ninguém ia usar droga se ela não te desse o mínimo de prazer* (E2, homem, 14 anos).

Estudante: *Eu me sinto muito bem quando eu bebo e eu não sou viciada. Se eu continuo bebendo é porque eu me sinto bem e não porque eu estou infeliz ou desiludida. Nem todo mundo bebe por causa de problemas* (E2, mulher, 14 anos).

Reafirmando que existem diferentes formas de consumo, compatíveis as diversas motivações, esse grupo dilui o estereótipo de que o usuário de drogas sempre faz um uso descontrolado de determinada substância e com isso corre o risco de destruir

...e a percepção da jovem está diretamente atrelada a
...n todos os estudantes que fazem um uso recreativo
de droga referem à diversidade de motivações e modalidades de consumir drogas.

A maneira como os integrantes desse grupo se posicionaram diante do usuário de drogas demonstrou uma atitude de compreensão que parece, de acordo com o contexto geral das entrevistas, estar presente em outras situações da vida cotidiana. Assim, para esses estudantes, a pessoa que faz uso de determinada droga não se resume a sua ação:

Estudante: *Eu tenho amigos que usam e eu não julgo eles por isso, porque eu acho que você não pode limitar uma pessoa e julgar ela porque ela usa drogas. Por exemplo, os meus amigos que usam, eu continuo sendo amiga deles porque eles continuam sendo boas pessoas mesmo com isso* (E2, homem, 17 anos).

Estudante: *Você não pode achar que uma pessoa é ruim porque ela usa droga. Tudo bem que ela pode cometer erros quando está bêbada, mas quando ela está lúcida ela é normal, amiga. A professora de português pode ser viciada, fumar e beber. Já pensou? Mas e aí se na escola ela é amiga e boa professora?* (E2, mulher, 15 anos).

A liberdade para realizar escolhas é ressaltada por esse universo de estudantes:

Estudante: *Ninguém tem o direito de dizer ôpára de andar com aquela menina porque ela é estranha, ou porque ela usa droga e está errado. Uma coisa é você ser amiga daquela pessoa, outra coisa é você fazer as mesmas coisas que ela tá fazendo* (E2, mulher, 17 anos).

Identificamos algumas tentativas de contemplar a dimensão contextual do consumo de drogas, incluindo a referencia a aspectos do âmbito macrossocial que integrariam esse fenômeno, como as desigualdades sociais, a negligência com alguns grupos populacionais, o tráfico de drogas, os interesses econômicos, entre outros:

Estudante: *Por uma falha do governo essa pessoa começa a usar drogas porque ela não tem emprego, não tem plano de saúde, o filho não tem escola, tá*

o também falha quando permite que essas drogas
(E2, homem, 15 anos).

Estudante: *Eu sei que tem muito playboy que vira traficante, mas as razões dele são diferentes (...). Tem muito menino de favela que só tem esse caminho pra ser alguém na vida, nem que seja rápido, sabe qual é? Porque ele vai morrer, a gente sabe disso, né?* (E1, homem, 17 anos).

Estudante: *O tráfico sempre vai existir, o estado nunca vai conseguir acabar com todo o movimento de drogas de um país inteiro* (E2, homem, 16 anos).

Em certa medida há uma tentativa de contemplar tanto a dimensão microssocial, quanto a dimensão macrossocial do fenômeno. Os estudantes conseguem perceber, ainda que com frases soltas e alguns argumentos não tão fundamentados, que o consumo de drogas é uma questão que envolve diversos aspectos, dentre eles, inclusive, econômicos, por identificarem a droga como uma mercadoria de consumo, que a mobiliza interesses e movimenta muito dinheiro.

3.3.4 Motivações para o consumo

No que se refere aos fatores desencadeadores da experiência inicial com as drogas, os estudantes mencionaram, com maior frequência (31%), a **influência de pares** ó amigos, conhecidos, namorados, etc. Para eles, a iniciação ao consumo está diretamente relacionada à pressão social de grupo ó nos remetendo para a importância que eles atribuem à interação social nesse primeiro momento. Assim, referem à necessidade de pertencer e/ou de continuar pertencendo a õgaleraõ, bem como de compartilhar experiências e hábitos:

Estudante: *Tem umas pessoas que vão porque todo mundo faz, que acha legal isso, e pra se incluir no grupo faz também* (E3, mulher, 12 anos).

Estudante: *Algum amigo que não entende fala: õah, vai que é bom, não vai fazer nada com vocêõ. E a pessoa vai e experimenta achando que não vai acontecer nada de ruim. Eu acho que a pressão dos amigos* (E2, mulher, 11 anos).

... tá bebendo e aí vem o amigo e fala: ah, você já tá
... go, é bom! (E3, homem, 14 anos).

Estudante: *Isso é do ser humano: o que o outro faz, eu vou fazer também* (E1, homem, 16 anos).

A influência dos pares na iniciação ao uso de diferentes tipos de drogas tem sido assinalada pela literatura (ACSERALD, 2005; ALMEIDA E EUGÊNIO, 2007). Apesar dos relatos apontarem para uma perspectiva generalista de influência e do estudante, ao usar a primeira pessoa ter (pelo menos verbalmente) se incluído nessa afirmação, a maioria dos jovens não falaram de si diretamente. Outros estudos igualmente constataram o foco na experiência de terceiros e a ausência de relatos de experiências pessoais com drogas (REBELLO, MOTEIRO E VARGAS, 2001; SOARES, 1997). Houve poucas exceções, como indicado a seguir:

Estudante: *A pessoa nunca descobre [a droga] sozinha. ãAh, hoje eu estou com muita vontade de fumar maconha!ö, e daí sobe no morro e compra a droga sem nunca ter usado. A pessoa nunca faz isso! Ela sempre é influenciada. Ela não pega um cigarro por livre e espontânea vontade. Alguém influenciou, com certeza! (...) O que me levou a beber foi a influência dos meus amigos. Quase todos os meus amigos bebem! Assim, se eu continuo bebendo é porque eu me sinto bem. Eu sou uma pessoa com muita opinião, muitas vezes, e acho que as pessoas não tem o direito de só me influenciar. Eu fui influenciada, mas eu quero continuar fazendo. Eu me sinto bem se eu faço alguma coisa desse nível. É porque eu não sinto que estou prejudicando as pessoas fazendo isso e também não estou me prejudicando* (E2, mulher, 14 anos).

Julgamos necessário relativizar o que é considerado como ãmotivaçãoö, uma vez que *o que motiva a ação* não necessariamente se dá a partir de uma relação linear e mecânica entre fatores, e sim através de uma teia de fatores. A iniciação do consumo de drogas, bem como a continuação do uso, se dá a partir de vários elementos que rivalizam na construção de uma situação tanto de uso recreativo, quanto abusivo. É bem verdade que a opção do sujeito por experimentar uma droga revela aspectos de sua

nhhecidos, mas estes não podem ser descolados dos social que a pessoa integra. Cabe levar em conta as diversas razões presentes no ato de consumir drogas. Dito de outra forma, as dimensões microsocial e macrosocial precisam ser contempladas e integradas (ACSERALD, 2005; SOARES E JACOBI, 2000).

Para 22% dos estudantes a **diversão** e a **sociabilidade** são as razões principais para as pessoas começarem a consumir drogas. Almeida e Eugênio (2007), ao realizarem uma análise comparativa do consumo de drogas sintéticas nos contextos de contracultura contemporâneos, ressaltam o atravessamento de valores presentes no cenário atual que transcendem o uso de drogas e se presentificam nas diversas experiências humanas. A valorização do prazer e a intensa busca por sensações de bem-estar fazem com que os jovens de hoje busquem nas drogas um *õturbamento para a açãoo* (p. 383). Quer dizer, a droga funcionaria tanto como um elemento de sociabilidade, associado à intenção de promover a interação em um determinado espaço social, como um recurso para intensificar as sensações e emoções, como podemos ver nos relatos a seguir:

Estudante: *Ela quer ultrapassar, ela quer ser mais divertida. Ela acaba usando pra ver mais graça naquilo que ela está fazendo* (E2, mulher, 16 anos).

Estudante: *As pessoas vão para a balada, festas, e começam a beber. Às vezes as pessoas vão para uma droga mais pesada, começam a usar maconha, mas isso acontece porque elas querem ficar animadas* (E1, homem, 17 anos).

Estudante: *Mas eu vivo em um meio que as pessoas bebem, muito menor de idade bebe, eu bebo. Os churrascos que a gente faz, as festas, e às vezes na boate, todo mundo bebe, nem que seja um pouco. Mais nos churrascos, na verdade* (E2, homem, 14 anos).

Estudante: *Eu bebo porque eu gosto do gosto, mas hoje a maioria dos jovens bebe pra ficar bêbado e não porque eles gostam. Bebe porque nas festas todo mundo bebe* (E2, homem, 17 anos).

Os diversos contextos de sociabilidade juvenil referidos foram: *õbaladasö*, *õnightsö*, *õchurrasö* (churrascos), e afins, apareceram como forte influência para o

nteração em um contexto específico, e não somente
: podemos ressaltar é a tentativa de, a partir do uso
de álcool, alcançar o status de *õparecer adultoö*, *õdono do seu narizö*, etc. O estudante
ressaltou em vários momentos da sua entrevista o quanto consumir bebida alcoólica em
excesso, ainda que pontualmente, pode ter uma função simbólica nos contextos
recreativos da juventude.

Uma frequência menor de estudantes (17%) relacionou a **curiosidade** como um
fator motivacional para o consumo de drogas. De acordo com os estudantes a vontade
de conhecer e experimentar as drogas se dá, muitas vezes, pelo fato da mesma ser
amplamente abordada, em diversos fóruns: nas conversas entre amigos e
recomendações de pais e professores, nos dispositivos midiáticos, etc.; bem como do
seu consumo ser bastante comentado e divulgado.

Estudante: *Dá vontade de usar para saber (...), se tanta gente usa, deve ser bom. É uma incógnita que fica na cabeça* (E2, mulher, 16 anos).

Estudante: *Eu tenho amigos que usam perto de mim e me dá muita vontade de saber como é. (...) falam que faz mal, mas muitas pessoas têm curiosidade, poxa! Mesmo sabendo que não é bom as pessoas tem curiosidade* (E2, mulher, 17 anos).

Entrevistadora: *E isso já aconteceu com você, de sentir curiosidade?*

Estudante: *Eu sinto muita.*

Ao longo de sua entrevista, a estudante revelou que tinha uma motivação pessoal para o consumo de outras drogas além do álcool, como *ecstasy* e maconha, mas que estava õtentando segurarö.

A maioria dos entrevistados tende a privilegiar elementos relacionados ao entorno social mais próximo para justificar as razões que motivariam as pessoas a iniciar o uso de drogas. Dessa forma, os jovens reconhecem somente a presença de elementos da dimensão microssocial, como as mediações sociais (entre os amigos, os familiares, e outros) e características pessoais, como baixa autoestima, *õpersonalidade fracaö*, *õMaria vai com as outrasö*, etc. A valorização de aspectos relacionados ao contexto mais próximo, além de responsabilizar, e muitas vezes culpabilizar, somente o

r drogas, desconsidera toda a gama de elementos de
sentes, ainda que não tão evidentes. Dentre eles
podemos citar o incentivo ao consumo de diversos bens (dentre eles, as substâncias
psicoativas), as diferentes condições sócio econômicas dos grupos populacionais, que
influenciam diretamente na construção de hábitos e atitudes ó como no caso de opções
de lazer, de diversão, nas formas de lidar com os problemas, frustrações, etc. ó entre
outros.

Podemos exemplificar essas considerações com um dos relatos expostos acima.
Apesar da jovem se remeter a um contexto mais próximo, relacionando o início do
consumo de drogas à influência do grupo de amigos, não se pode perder de vista que
todos os envolvidos compartilham valores de uma época e de uma determinada classe
social. Muitos aspectos valorizados na contemporaneidade estão associados à juventude,
como a busca pelo não envelhecimento (através de estilos de vida ditos saudáveis), o
investimento em recursos para a manutenção da beleza jovial, e especialmente a busca
por emoções intensas, prazeres e impulsividade (FEFFERMANN E FIGUEIREDO,
2006). Desse modo, precisamos reconhecer que os jovens são atravessados por esses
valores e crenças que são atribuídos a juventude e que influenciam em alguma medida
as suas escolhas.

O não reconhecimento de aspectos contextuais, como por exemplo, a pressão
social, o acesso facilitado às drogas, etc., podem vir a vulnerabilizar os estudantes no
sentido dos mesmos não legitimarem as possíveis influências presentes nos seus espaços
de circulação. Ademais, corrobora para a manutenção do estereótipo do usuário de
drogas como o fracassado e o desviante, facilitando a construção de posturas
discriminatórias e dificultando a percepção da condição de usuário de drogas. Dito de
outra maneira, a percepção dos estudantes acerca dos usuários de drogas pode se
configurar como um obstáculo para o reconhecimento de um uso abusivo, bem como ao
pedido de ajuda para manejar a problemática.

Seguindo a tendência dominante de considerar as motivações individuais como
determinantes para a iniciação ao consumo, alguns estudantes acreditam que pessoas
que ão não tiveram uma boa criação e/ou que apresentam problemas de auto estima estão
mais vulneráveis a influência dos amigos:

influenciando e os outros vão usando. Se a pessoa
e vai ficar na droga (E2, mulher, 11 anos).

Para esse estudante, a experiência inicial com as drogas pode levar, necessariamente, ao uso descontrolado das mesmas. Percebemos, novamente, a desconsideração dos diversos fatores que influenciam a experimentação inicial e seus desdobramentos e a presença da crença proibicionista de que o uso prejudicial e/ou abusivo é uma qualidade intrínseca de determinadas drogas ó leia-se, das drogas ilícitas.

As frustrações pessoais e a necessidade de ser aceito e incluído foram referidos pelos estudantes a partir das experiências dos outros e não deles, indicando uma certa fraqueza ou incapacidade da pessoa em lidar com as pressões sociais:

Estudante: *Já vi muitas pessoas serem o õpatinho feioõ da turma, o õnerdõ, o chato e elas começam a se envolver com más companhias (...) usam drogas e estão amigas dos mais populares do colégio. Isso acontece, muito! Eu acho meio ruim porque as pessoas não precisam ser outras pessoas para serem aceitas. Mas elas usam drogas e são aceitas, elas acham isso, né?* (E2, mulher, 14 anos).

Estudante: *Eu acho que é estupidez usar droga para isso [ser aceito no grupo]. É errado se dar o trabalho de se deixar usar drogas para ficar menos tímida, por exemplo. Ou a pessoa tem a ver com o lugar ou ela não deveria estar ali ou é porque também ela não é õpraquiloõ. O problema não precisa ser só dela, pode ser do lugar, daquelas pessoas* (E1, homem, 19 anos).

Estudante: *Cada um é de um jeito: tem uns que são mais tímidos, tem outros que são mais alegres, outros mais quietos (...) e eu acho que nenhuma droga vai mudar isso* (E2, homem, 14 anos).

Estudante: *Pra mim as pessoas não precisam disso. Não tem necessidade! É bom saber que as pessoas reconhecem você por outra coisa, não porque ele tem um cigarro na mão ou porque ele bebe pra caramba* (E2, homem, 17 anos).

Ainda dentro dessa perspectiva, para 22% dos entrevistados a motivação para a iniciação ao consumo de drogas está relacionada à **fuga da realidade e/ou problemas familiares**; ou seja, a tentativa de afastar-se de situações conflitantes, aflições,

peso de responsabilidades e encargos, entre outros. concepção negativa sobre drogas, reconhecem a capacidade delas de aliviar o desconforto e promover sensações minimamente prazerosas.

Estudante: *Tem umas pessoas que fazem porque tá triste, tá mal e quer esquecer de tudo. Vai lá e fuma, usa a droga* (E3, homem, 15 anos).

Estudante: *As pessoas vão buscar fora delas uma solução, pode ser no chocolate, na comida e pode ser na droga* (E1, mulher, 17 anos).

Estudante: *Às vezes a pessoa tem um problema no trabalho, tá se sentindo sobrecarregada e para ela se sentir melhor ela vai usar aquela droga para dar algum tipo de prazer na vida dela, pra ela esquecer um pouco* (E2, mulher, 12 anos).

Dentre os **problemas familiares** elencados, destacamos: brigas e conflitos com os pais, situações de negligência, humilhação, abandono, excesso de proteção, ausência de diálogo, falta de reciprocidade afetiva, falta de limites e perdas familiares.

Estudante: *Se ela vive em um lar de sofrimento. A mãe fica esculachando o filho, e [ele] vai jogar tudo ôproö ar: encontra algum amigo e vai pra favela! Daqui a pouco já tá morando com pessoas ruins, fazendo coisas ruins (...) usando droga* (E3, mulher, 17 anos).

Estudante: *Olha geralmente a pessoa perde a família, daí ela começa a usar droga. Isso faz ela parecer melhor assim... Às vezes, também, quando ela é zoadada, excluída da família, ninguém fala com ela. É assim, mas geralmente é mais perda de família* (E1, homem, 16 anos).

Estudante: *Acho que a mãe não explicou direito o que é [droga]* (E3, homem, 15 anos).

Alguns estudantes mencionam que abordagens do tema drogas permeadas por um clima de amedrontamento e medo, podem vir a estimular a curiosidade, conforme discutido por alguns autores (ACSERALD, 2005; CARLINI-COTRIM, 1992).

...roga também porque eles vêm tentando ser contra,
curiosidade. Eles falam que faz mal, mas muitas
pessoas tem curiosidade mesmo sabendo que não é bom as pessoas tem
curiosidade (E2, homem, 16 anos).

Um grupo restrito de estudantes, composto predominantemente por meninas da unidade de ensino II, apresentou uma visão ampliada sobre drogas, que abarcava a dimensão macrossocial do fenômeno como: a desigualdade social, a proximidade com o tráfico de drogas, os interesses de ordem econômica, etc.

Estudante: (...) *outras pessoas começam a se envolver com as drogas para conseguir dinheiro, para sobreviver. Às vezes nem usa, mas é morador de morro e precisa disso para conseguir dinheiro e se envolve com a droga, usando ou não* (E2, homem, 15 anos).

Todavia, a possibilidade real de envolvimento com as drogas como um meio de sobrevivência se materializou no discurso de um dos nossos entrevistados:

Estudante: *O meu pai foi bandido. Na verdade ele entrou porque ele tinha perdido o emprego dele e se tornou bandido pro tráfico. Ele tinha sustentar a gente, a minha mãe... mas ele morreu quando eu tinha seis anos. Todo mundo diz que ele não tinha jeito pra bandido (risos). Deve ser por isso que ele morreu!* (E1, homem, 17 anos).

A constatação de que a maioria dos entrevistados não referiu suas motivações para a iniciação do uso de drogas nos aponta para algumas direções. De acordo com os relatos, o consumo pessoal de drogas se restringiu ao álcool. E apesar destes revelarem que as bebidas alcoólicas são drogas, essa concepção não foi incorporada nas suas experiências, pois, em geral, responderam que não faziam uso de drogas. Ou seja, o consumo de drogas os remete ao uso de drogas ilícitas. Depreende-se que para estes jovens o uso de álcool, de modo recreativo, e muitas vezes, de forma descontínua, não é passível de causar maiores prejuízos e tampouco de tornar-se um uso abusivo. Dessa forma, a maioria demonstra não reconhecer o consumo indevido de drogas como um

que qualquer pessoa pode vivenciar os danos do consumo de drogas, não se vêem alvos da pressão social presente no contexto grupal e, o consumo indevido e dependente está sempre associado a terceiros e não a eles. Destacamos assim a presença da noção de autocontrole referida pelos entrevistados.

Em suma, grande parte dos estudantes reconhece a presença da pressão social, mas referem os seus pares sem levar em consideração elementos contextuais, como o acesso facilitado às diversas drogas, as diferentes formas de inserção social e econômica dos sujeitos, os mecanismos de ãconquistaõ usados não só pelo tráfico de drogas, como pelo estímulo ao consumo de bens materiais e simbólicos, etc. Paralelo a isso, não podemos perder de vista que o enaltecimento das qualidades negativas da droga, como os prejuízos, favorece esse descolamento entre o discurso e a experiência, bem como entre a droga, o sujeito que faz uso e o contexto que dá contorno a experiência. Esse paradoxo fica evidenciado a partir dos relatos dos jovens entrevistados quando referem ter experiências de bem estar ao consumir drogas, mas o discurso hegemônico sobre drogas valoriza somente os danos e os prejuízos do consumo.

A pesquisa que deu origem a primeira edição do *Jogo da Onda* igualmente identificou a tendência dos jovens de não abordarem o tema a partir de suas próprias experiências. Foi observado que os estudantes reconheciam a existência da pressão social, mas não se sentiam atravessados por esta ó em parte, por conta da sensação de autocontrole diante das drogas.

Coerente com a fundamentação teórica e prática do material educativo, que combina a perspectiva de Educação para Autonomia com a abordagem sobre drogas orientada pela Redução de Danos, o desenvolvimento do conteúdo do jogo se deu a partir de aspectos presentes na realidade do seu público alvo. Quer dizer, o jogo não só abordou e incorporou temas que surgiram de uma demanda da comunidade como implementou uma dinâmica que facilitasse a participação dos jogadores. Assim, as autoras, diante do reconhecimento de que os jovens tinham dificuldades em falar sobre o assunto partindo de experiências próprias, optaram por privilegiar, no conteúdo das cartas, situações envolvendo terceiros que discutissem diferentes aspectos do consumo de drogas e temas afins. Como exemplificamos na página seguinte:

Os pais de Maria são separados. Ela mora com a mãe, com Mário (o segundo marido da mãe) e o irmão (filho desse segundo casamento). Ana vive com seus pais e dois irmãos. Clara mora com sua mãe, uma irmã e sua avó. Quem você acha que tem mais possibilidades de usar droga: Maria, Ana ou Clara?

Mensagem: A estrutura familiar (ou grau de parentesco), por si só, não determina o consumo de drogas. O consumo depende mais da maneira como cada uma destas pessoas lida com a sua história familiar, marcada por separações ou não. O que importa numa família é a qualidade das relações e a comunicação entre seus membros. Dificuldades de relacionamento e de diálogo podem levar ao consumo abusivo de drogas. Dê a sua contribuição!

Figura 3.1: Carta 20 do *Jogo da Onda*, tema ãMotivaçãoõ.

O conteúdo exposto na carta estimula os sujeitos a pensar como se eles estivessem experimentando tal situação. Expor situações de terceiros, especialmente desconhecidos, facilita a exposição de conhecimentos e representações dos jogadores que, ao se colocarem no lugar do outro, inevitavelmente expõem opiniões e percepções pessoais sobre o tema. Assim, cria-se um terreno propício para a reflexão, bem como, a partir da mensagem das autoras, o questionamento das ideias preconcebidas. Tais aspectos serão retomados no capítulo seguinte, referente à atualização do conteúdo do material.

3.3.5 Drogas e Mídia

A internet foi o meio de comunicação mais utilizado pelos estudantes (82%) para obterem informações, seguido de televisão, impressos ó revistas e jornais. Dentre os sites mais acessados, foram mencionados com maior frequência: *Youtube*, *Wikipédia*, *Globonews* e *Vida de Merda*. Os entrevistados disseram acessar diariamente as redes sociais *Orkut* e *Facebook*, e usar o *MSN* para conversar com os amigos.

es da internet, esta é usada para estudar, baixar is, jogar e realizar pesquisas em geral. Não identificamos diferenças significativas sobre o uso da internet entre os entrevistados das unidades de ensino I e II. No entanto, os alunos da unidade III foram os que demonstraram menos entrosamento com a rede, dando respostas pontuais sobre a utilidade da mesma em suas vidas. Muitos estudantes revelaram usar a rede para a realização das tarefas da escola, sendo que os alunos da unidade de ensino II também utilizam o site da escola para se comunicar com os docentes e discentes.

No que se refere às **propagandas de bebidas alcoólicas** veiculadas pela mídia televisiva, mais da metade dos estudantes (**72,5%**) acreditam que elas influenciam os telespectadores a consumir álcool. De acordo com estes jovens, a influência se dá predominantemente pelo fato das propagandas utilizarem elementos valorizados socialmente, como: diversão, reunião entre amigos, pessoas famosas, bonitas e bem sucedidas, *õclima de seduçãoö* e, em alguns casos, recursos cômicos:

Estudante: *Eles querem passar que beber cerveja é bom, que vai ter um monte de mulheres do seu lado, um monte de amigos e você vai ser feliz! É isso: cerveja é bom! Compra!* (E1, homem, 17 anos).

Apesar de alguns estudantes terem uma visão linear e causal sobre a influência na mídia no consumo de bebidas alcoólicas (*õquanto mais tem divulgação, maior o consumoö*), outros assumiram uma postura reflexiva e ampliada sobre o papel da mídia na sociedade. Para estes as mídias podem vir a influenciar nas práticas de consumo de diferentes bens materiais e simbólicos:

Estudante: *As propagandas hoje em dia só levam as pessoas a consumir. Eu não sei se era diferente antes, mas hoje eu acho que isso é o principal objetivo deles. Eles fazem isso até com as crianças mostrando brinquedos, um parque novo (...). Eu acho que eles criam modas de roupa, de festas, de tudo.* (E2, homem, 14 anos).

Estudante: *Mas hoje, sei lá, hoje a bebida é muito divulgada. É surreal porque você vê mais propaganda de bebida do que, sei lá, de um livro. É muito mais fácil você vê um adolescente entrando em um bar para comprar uma cerveja do*

Um estudante faz uma aproximação entre as indústrias de cerveja e o mercado ilegal de drogas ressaltando a lógica econômica que rege ambos os segmentos:

Estudante: *Os traficantes precisam vender porque eles vivem disso igual aos donos de empresas de bebidas. Eles precisam vender mesmo sabendo que é ruim, que é perigoso, mas eles precisam vender* (E1, homem, 19 anos).

Os jovens conseguem ampliar o olhar acerca do fenômeno e reconhecem as diferentes dimensões, papéis e interesses:

Estudante: *Eu penso pelo ponto de vista do consumidor e pelo ponto de quem quer vender. Para quem quer vender quanto mais você publicar, independente do alvo que ele quer alcançar, melhor pra ele. Os vendedores de cerveja não estão nenhum pouco preocupados se são adolescentes que vão comprar, beber e causar acidentes ou se são os adultos que vão beber. E até parece que só porque é adulto vai beber com discernimento* (E2, mulher, 15 anos).

Estudante: *Se eu não fosse tão presa aquilo [tv], se eu pudesse eu deixaria de ver televisão. O que você vê na televisão é uma forma de mostrar a vida tão ilusória que você acaba sendo seduzido* (E1, mulher, 17 anos).

Estudante: *(...) às vezes as coisas que merecem mais atenção nem sempre são as mais relatadas pela mídia* (E2, homem, 17 anos).

Alguns entrevistados relativizam a influência da mídia resgatando a autonomia dos indivíduos para escolher:

Estudante: *Eu acho que as propagandas influenciam, mas não completamente. É da mesma forma que você tem a propaganda de carro, de roupa, etc. Você tem para as bebidas. É um assunto mais polêmico porque o uso não é liberado para todas as idades* (E1, mulher, 16 anos).

Um estudante da unidade de ensino II fala a respeito da influência da mídia e depois reflete sobre como a mesma o influencia:

Estudante: *Eu acho que influencia, mas eu mesmo não me sinto muito influenciado por ela em alguns casos, entende. Colocar uma mulher bonita vai me fazer olhar mais para a propaganda, mas isso não necessariamente vai me fazer sair da minha casa, comprar uma cerveja e beber a cerveja (...). Eu compro o que eu quero, o que eu gosto e o que eu sei que vou usar. Os meus pais sempre falam sobre isso comigo. Mas eu não sei se as pessoas tem essa orientação. Eu acho que não (E2, homem, 14 anos).*

Para os jovens não é a propaganda em si a *õ grande vilãõ*. Eles apontaram para a necessidade de um preparo anterior para que os sujeitos sociais possam lidar não só com as informações repassadas pela mídia, mas assumirem uma forma crítica de se colocar no mundo:

Estudante: *O que acontece é que as pessoas deveriam ter mais educação pra saber melhor o que elas querem para a vida delas e não as propagandas serem proibidas porque aí mexe com a liberdade de expressão das empresas e das pessoas também, né? (E2, mulher, 17 anos).*

O restante dos entrevistados (22,5%) referiram que as propagandas mostram uma falsa idéia do que é o consumo de bebidas alcoólicas. Nesse grupo estão incluídos alguns jovens que vivenciam no contexto familiar as consequências do consumo abusivo de álcool:

Estudante: *Sempre mostram o lado bom, e o lado ruim? (E1, mulher, 17 anos).*

Estudante: *Eu não sei... Eu percebo assim, o meu tio é viciado em cachaça, e às vezes ele chega em casa e fica arrumando confusão (E3, mulher, 17 anos).*

e o futuro das propagandas de bebidas alcoólicas, acreditam que elas deveriam continuar existindo, mas que sugerem que elas incorporem novos formatos e conteúdos:

Estudante: *Deveriam ser menos alegres, mais sérias* (E1, mulher, 12 anos).

Estudante: *Eu acho que elas deveriam ser feita por uma pessoa do AA (Alcoólicos Anônimos) e retratando uma história porque ao invés de instigar a pessoa a usar ela deveria orientar a não usar* (E2, homem, 16 anos).

Estudante: *Eu nunca vi as propagandas da Bohemia fazendo isso, de festas, eu não me lembro. Você se lembra? Eles sempre mostram nas revistas uma casa velha dizendo que a cerveja existe desde tal, falam da produção, vão pelo lado histórico da cerveja, os feitos que elas já tiveram. (...) Dizem que as cervejas vem ficando cada dia melhor. Porque as empresas não ressaltam porque elas são boas? Os produtos que eles usam? Eu não bebo, mas eu queria saber como é a produção. Eles poderiam mostrar a fábrica, por exemplo. Eu acho isso muito legal! Mas só que eu acho que não alcançaria o público porque hoje em dia o consumo está relacionado com o que elas mostram, com a diversão* (E2, homem, 14 anos).

Estudante: *(...) depois vem na propaganda ãbeba com moderaçãoõ ou então ãse beber não dirijaõ, eu acho tudo isso muita hipocrisia. Acho que cada um sabe o que faz. Eu sou contra a divulgação assim* (E2, homem, 15 anos).

Parte dos estudantes conseguiu identificar a relação existente entre mercado, mídia e entretenimento. Apesar de reconhecerem a forte influência da publicidade para o consumo de bebidas alcoólicas (e de outros objetos de consumo), observaram que há, especialmente, interesses econômicos, e de outras ordens, anteriores ao objetivo de simplesmente influenciar pessoas. Essa perspectiva crítica acerca da mídia pode estar atrelada ao fato dos jovens pertencerem a uma geração que é herdeira de todo um aparato midiático em constante expansão e experimenta um processo de socialização mediado por esses dispositivos (ALMEIDA E EUGENIO, 2007), vide o entrosamento que muitos estudantes demonstraram ter com a internet e outros meios de comunicação.

a a relação indissociável entre informação, mídia e de comunicação contemporânea que é orientada e retroalimenta a cultura de mercado ao incentivar os sujeitos a consumirem. As práticas de consumo conferem aos sujeitos um lugar social ativo, uma vez que os objetos possuem não só um significado concreto, mas especialmente simbólico ao estarem associados a estilos de vida, grupos sociais, entre outros. Para que os objetos possam ter lugar junto ao público é necessária a legitimação dos mesmos, e as campanhas publicitárias participam desse processo. Assim, toda a produção contemporânea de bens materiais está profundamente atrelada ao universo simbólico que torna a produção capitalista uma grande indústria cultural. Os objetivos das propagandas não visam necessariamente ter um sentido claro para o telespectador, mas especialmente passar mensagens subliminares que possam minimamente influenciar os sujeitos. Estes se tornam meios para fins que, apesar de perceberem tal objetivo, paradoxalmente agem como se não soubessem dessa rede de consumo (FONTENELLE, 2002).

É importante considerarmos que não existe uma lógica absoluta operante nas decisões e escolhas realizadas pelos sujeitos no mundo. Paralela à racionalidade existem outras motivações atreladas, como as representações, os sentimentos e valores que rivalizam no momento de tomada de decisão para a prática do consumo de uma determinada droga ou qualquer outro objeto (PAULILO E JEOLÁS. 2005). Com isso, queremos dizer que apesar dos jovens possuírem uma visão crítica sobre o papel da mídia, este não é o único elemento que os deixaria alheio à lógica dos discursos midiáticos. No entanto, estaríamos nos contradizendo se tivéssemos uma perspectiva linear de influencia, uma vez que acreditamos que são vários os elementos presentes para a escolha e formação de um determinado comportamento.

Nessa direção, ressaltamos que os entrevistados reconheceram que as propagandas de bebidas alcoólicas podem influenciar o consumo das mesmas, mas que os sujeitos são dotados de certa autonomia para escolher. Esse posicionamento foi um tanto flutuante já que, em outros momentos da entrevista, os jovens expuseram opiniões ambíguas e contraditórias a essa que acabamos de expor. A ambiguidade é uma característica presente em discursos que são atravessados por diferentes ideias e perspectivas e precisa ser abordada nas práticas educativas. Alguns entrevistados

proibição enfática das drogas ilícitas e o discurso
mo de substâncias lícitas.

Noto et al (2002), ao analisarem um conjunto de informações difundidas pela imprensa escrita ao longo do ano de 1998, identificaram que a gama de informações sobre as substâncias ilícitas apareceram em maior quantidade e associadas a violência, tráfico e danos do consumo. No que se refere às drogas lícitas, especialmente o álcool, apesar de alguns artigos enfatizarem os riscos do consumo abusivo da droga, o mesmo era difundido através de sofisticadas propagandas que incentivavam o uso a partir de vários recursos. Os autores sinalizam que os psicoativos, apesar de similares em várias características farmacológicas, são classificados, legalizados e divulgados de modo diferenciado, o que pode gerar, por sua vez, conhecimentos e práticas incoerentes. Esse fenômeno continua presente nos dias de hoje, como bem apontaram os nossos entrevistados; esse descompasso transcende o discurso midiático e é fruto de uma construção histórica do fenômeno do consumo de drogas.

A partir de uma análise não sistematizada, mas realizada regularmente nas mídias digitais e impressas desde janeiro de 2010 (nos jornais: *Folha de São Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, e sites: *Coletivo Desentorpecendo a Razão*, *Psicotrópicus*, *NEIP - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos*, *Growroom*, *REDUC - Rede Brasileira de Redutores de Danos*, *RELARD - Rede Latino-Americana de Redução de Danos*, entre outros), identificamos o crescimento de discursos heterogêneos sobre drogas nos diversos veículos de comunicação. Tal difusão se deu e vem se dando a partir de artigos jornalísticos e científicos na *web*, revistas impressas e virtuais, *blogs*, filmes e documentários que abordam a temática. Acerca da última categoria, podemos citar: *Notícias de uma Guerra Particular*, *Falcão ó meninos do tráfico*, *Super High Me*, *Tropa de Elite I e II*, *Fumando Espero*, *Quebrando o Tabu*, *Cortina de Fumaça*, entre outros.

As informações e conhecimentos sobre o consumo de drogas estão historicamente associados a um discurso reducionista que problematiza exclusivamente o consumo de drogas ilícitas, supervalorizando a substância em detrimento dos outros elementos presentes nessa interação (o sujeito e o contexto social do qual ele faz parte). Quando reconhecida, a pessoa que faz uso de drogas ilícitas muitas vezes é vista como doente ou criminosa, revelando assim o caráter conservador e amedrontador dessa

s contra hegemônicos encontrados em nossa análise
to e difusão de discursos pautados em perspectivas
ampliadas sobre o fenômeno das drogas que reconhecem as várias dimensões que
constituem o consumo: a droga, o sujeito e o contexto social, econômico e histórico
(BUCHER, 1992; SOARES et al, 2011).

Nessa direção, consideramos que as mídias podem funcionar como dispositivos
educacionais sobre drogas ao propagarem conteúdos contra hegemônicos que revelem a
rede multicausal do fenômeno do consumo de drogas. Apesar de evidências e estudos
apontarem para os limites das intervenções preventivas baseadas em informações sobre
drogas, as mesmas são um ponto importante a ser considerados em tais iniciativas,
sendo, no entanto, uma das dimensões, e não a única, que as ações educativas sobre
drogas precisam contemplar.

Em resumo, as diferentes mídias podem auxiliar na expansão de práticas
educativas de diversas formas e a partir de diferentes recursos, como através de
informações jornalísticas, campanhas publicitárias, programas interativos, entre outros.
No entanto, quando ressaltamos a complexidade do fenômeno do consumo de drogas
estamos dizendo, igualmente, que reconhecemos a importância não só da construção de
conhecimentos, bem como de práticas, oriundas de diversas áreas e que assumam
diferentes frentes de trabalho. É necessário somar iniciativas no campo da saúde, da
educação, da justiça, uma vez que nenhuma delas consegue de forma isolada abarcar a
profundidade da temática.

3.3.6 Drogas e Legislação

Pouco mais da metade dos entrevistados (52,5%) conseguiu diferenciar, de
forma breve e superficial, as drogas lícitas das drogas ilícitas, Esse número se
concentrou nas unidades de ensino I e II e não houve uma diferença expressiva entre os
homens e as mulheres. Em relação aos segmentos de ensino, percebemos que os
estudantes do ensino fundamental, especialmente da unidade de ensino III, não
possuíam acúmulo sobre os temas questionados nesse eixo.

Muitos entrevistados questionaram as razões para a discriminação entre as
substâncias psicoativas. Em busca de uma possível justificativa para tal classificação,

ida, de que as drogas lícitas assim são denominadas
us usuários. Os possíveis danos causados por essas
substâncias estariam relacionados à quantidade consumida e não a droga em si.

Estudante: *O que é permitido e o que não é permitido. Mas eu não sei de onde vem isso* (E3, mulher, 15 anos).

A mesma opinião não se aplicou às drogas ilícitas e de acordo com os jovens o consumo desses psicoativos é essencialmente danoso, independente da quantidade usada. Prevalecendo, aqui, um dos pilares do discurso repressivo sobre drogas de que as substâncias ilícitas são por si só danosas independentes do tipo, quantidade e contexto de uso. As dificuldades dos entrevistados em justificar as origens dessa classificação não se restringem ao universo dessa pesquisa. Ao compreendermos o consumo de drogas como um fenômeno complexo e multideterminado, estamos considerando as diferentes dimensões constitutivas do mesmo que precisam ser integradas, como: o sujeito, o universo sócio cultural e a droga (MAC RAE, 1999; VELHO, 1999).

O reconhecimento dessas dimensões nos remete a constatação de que as alterações ocasionadas pelas substâncias psicoativas, diferente do que é historicamente difundido pelo discurso reducionista sobre drogas, não são somente de ordem fisiológica. Fica evidente a dificuldade em definir isoladamente as propriedades e efeitos de uma droga ao nos determos somente a ela. Assim, constatamos a arbitrariedade que é definir uma substância apenas pelas suas propriedades químicas e possíveis efeitos fisiológicos. Escohatado (2004) e Mac Rae (1997) apontam para motivações sociais, políticas e, especialmente, econômicas na classificação das substâncias enquanto lícitas e ilícitas, embora a justificativa para tal seja construída a partir de argumentos biomédicos ó estes, com credibilidade social, passo importante para a legitimação dessas ideias.

Os relatos dos entrevistados sugerem que a crença de que as substâncias ilícitas são mais danosas e prejudiciais ao sujeito está fortemente introjetada. No momento em que foram convocados a fundamentar tão diferenciação os argumentos foram esvaziados. Contudo, os mesmos reconheceram a falta de conhecimento sobre o tema. Como dissemos acima, essa não é uma lacuna exclusiva dos nossos entrevistados.

questionaram a diferenciação entre as substâncias independentemente do seu status de legalidade, são prejudiciais e deveriam ser proibidas:

Estudante: *Eu não sei te dizer. Pra mim elas são todas ruins e sempre vão causar problemas* (E3, mulher, 17 anos).

Posicionaram-se a favor da proibição de todas as drogas **27,5%** dos entrevistados:

Estudante: *Tinha que ser oito ou oitenta: ou você proíbe todo o tipo de drogas ou você libera todo o tipo. Porque qual é o critério? Todos podem gerar vício, dependência, não é?* (E1, homem, 17 anos).

Quando questionados sobre **legalização, descriminalização e liberação** de drogas, a maioria dos entrevistados não sabia diferenciar os conceitos e tampouco defini-los. A abordagem do tema sempre os remetia à maconha. Nesse momento da entrevista muitos estudantes revelaram que não tinham informações suficientes para formular uma opinião sobre o tema. Identificamos que esse foi o conjunto de perguntas que mais gerou dúvidas e respostas abertas entre os entrevistados, especialmente os da unidade de ensino III.

A maioria dos estudantes considera-se indecisa quanto à questão da legalização de determinadas drogas. Os argumentos transitam entre a ideia de que algo proibido poderia estimular ainda mais o consumo, assim como a crença de que legalizar poderia, igualmente, servir de estímulo e abertura para a experiência:

Estudante: *Eu acho que o que leva as pessoas, tipo, à procurarem mais, é a proibição. Tipo a gente: eu, adolescente, a minha mãe me proíbe de fazer uma coisa, aí que eu vou fazer. Mas se ela não me proibisse tanto eu não faria, eu já acharia sem graça. A proibição também leva as pessoas a quererem mais, a procurarem mais* (E2, mulher, 15 anos).

proibição poderia acender mais em alguém, mas em
ligarro muita gente hoje em dia tá querendo largar.

Eles legalizaram, mas também fizeram uma propaganda contra totalmente (E2, homem, 16 anos).

Estudante: *Eu não sei, eu tenho uma dupla opinião... ao mesmo tempo que eu sou a favor, eu sou contra a legalização. Às vezes eu acho que por ser proibido as pessoas querem fazer mais. E também se fosse liberado eu fico achando que isso pode estimular as pessoas a usar mais. Eu acho que a pessoa que trabalha, que se esforça, ela tem o direito de fazer o que ela quer. Mas pelo papel social, da família, sei lá, eu prefiro que seja proibido pra tentar colocar uns limites nas pessoas (E1, homem, 18 anos).*

Além do relato acima, outros estudantes mencionaram a questão da liberdade de escolha:

Estudante: *A gente toma coca cola e temos o direito de tomar mesmo que tenha uma determinada quantidade de cocaína. Outras coisas devem ter isso, você não acha? Enquanto cidadão temos o direito de consumir o que a gente quiser. Mas o nosso papel social, eu não sei se é isso, mas eu vou chamar de papel social, a estrutura de família pode acabar quando a pessoa se perde naquele momento de prazer e vai desestruturar uma família, vai financiar o tráfico (E1, homem, 19 anos).*

O debate sobre a produção, comercialização e consumo de drogas ilícitas encontra-se, atualmente, em franco crescimento e exposição, na mídia e em diversos fóruns, a partir de considerações recentes sobre a pacificação de comunidades cariocas, manifestações que colocam em pauta os limites da liberdade de expressão como a Marcha da Maconha, discussões sobre a internação compulsória de usuários de crack moradores de ruas, entre outros assuntos. Todas essas questões estão entrelaçadas e apesar de terem vários desdobramentos destacamos aqui um deles: as leis que organizam e direcionam ações civis e políticas.

Muito aguardada por profissionais engajados na discussão do tema do consumo de drogas e de políticas públicas, como a Redução de Danos, a Lei No. 11.343,

estas inovações. A distinção entre o usuário e o traficante na nova lei é antiga: se faz presente, desde 1976, na Lei de Tóxicos (Lei No. 6.368). Uma das questões mais comentadas é que a lei atual não foi clara na definição da quantidade de droga ilícita que determinaria a condição de usuário e tampouco a de traficante. Com isso, abrem-se as possibilidades para a continuidade da seletividade punitiva na questão das drogas ao deixar a cargo dos legisladores a definição e decisão de quem é o quê em cada situação. Ainda de acordo com a lei, aos usuários recomenda-se a prevenção, o tratamento e/ou as penas alternativas e aos traficantes as penas legais continuam.

Com isso, queremos dizer que muitas questões acerca da nova legislação brasileira sobre drogas continuam em processo de elaboração que caminha paralelo a diferentes perspectivas, sinalizando que não existe um consenso sobre os direcionamentos a serem tomados. Tais indefinições podem funcionar como elementos que geram dúvida, desinformação e, especialmente, informações equivocadas o que pudemos constatar em nossas entrevistas. Dentre elas, destacamos o desconhecimento acerca das propostas de **liberação, legalização e descriminalização** das drogas.

O conceito de **liberação**, apesar de politicamente não ser tão valorizado e comentado, especialmente por se tratar de uma proposta utópica, foi a definição trazida com maior frequência pelos entrevistados. A razão para esse dado pode residir no fato deste termo ser muito utilizado nos meios de comunicação, mesmo sendo pouco presente entre aqueles que defendem o fim da política repressiva. A liberação está relacionada com a ausência de qualquer regulamentação da produção e comercialização das drogas o que, atualmente, já existe, considerando que o mercado ilícito de drogas atua livre do controle do Estado. A utopia reside no fato de que qualquer produto para ser cultivado e comercializado precisa respeitar regras e normas para tal.

A legalização propõe a regulamentação do ciclo de produção, comercialização e consumo, trazendo transformações no cenário social do tema das drogas. Dito de outra forma, prevê a criação de um mercado legal aonde sejam estipuladas regras que envolvem a tributação e controle dos produtos, como por exemplo, a restrição da venda para os menores de idade. Nessa direção, existem propostas que buscam a regulamentação do auto cultivo da maconha o cultivo domiciliar. Alguns grupos de ativistas que defendem a legalização da maconha estão ganhando visibilidade na mídia e

es, quando questionados sobre esse tema tenham se

Apesar de teoricamente estar limitada ao universo jurídico, a proposta de descriminalização, ao retirar o usuário de drogas da esfera penal, poderia abrir espaço para possíveis mudanças em diferentes dimensões (pública e privada), já que o usuário de drogas deixaria de ser legalmente um criminoso. Todavia, é importante atentar para o fato de que as posturas discriminatórias em relação ao usuário podem continuar quando o mesmo, apesar de não mais ser visto como um criminoso passa a ser visto como um sujeito adoecido. Sabe-se que existe muito trabalho a ser feito no que se refere às ideias, representações e valores que a sociedade possui sobre o sujeito que consome drogas. Apesar da mudança legislativa a mesma não traz consigo automaticamente transformações nos comportamentos e atitudes. Assim, ressaltamos a importância dessa temática ser inserida nas práticas educativas sobre drogas com a juventude e o público de outras faixas etárias.

Frente à função da polícia de assegurar a proteção dos sujeitos e propriedades, bem como a manutenção da ordem pública, sobretudo através da aplicação de leis, foi observado que a maioria dos estudantes apresentou uma visão desacreditada das atividades desempenhadas por essa corporação. Apesar de não haver diferenças discrepantes, esse grupo se concentrou na unidade de ensino I, possivelmente pelo fato desses estudantes terem um contato diário e constante com a polícia, uma vez que os mesmos, em sua grande maioria, residem em comunidades nos arredores da escola.

Os entrevistados justificaram a descrença na função da polícia a partir de relatos de experiências onde alguns policiais, no exercício de suas atividades, não respeitaram os limites de responsabilidade legal e funcional.

Estudante: *Ah, eles pegam bem pesado. Eu já vi muita coisa (E1, homem, 17 anos).*

Entrevistadora: *O que você já viu?*

Estudante: *É, às vezes a pessoa não tem nada e eles revistam, faz blitz. Eu já vi tipo, estudantes, com roupa de escola, foi naquela época em que estavam queimando vários ônibus, sabe? Então, eu tava descendo, pra ir pra casa da minha namorada, aí o cara parou o estudante que tava de bicicleta, com a*

pegou o menino no chão, pegou a mochila e ficou
e estava indo pra escola, era um estudante...

Estudante: *Eu acho que a polícia deveria fazer alguma coisa, mas não do jeito que eles fazem, não desconfiar de qualquer um, desconfiar pela cor, pela aparência da pessoa. Porque às vezes eles cismam com uma pessoa visualmente. Tem policial que às vezes até coloca droga pra falar que é da pessoa, do estudante, pra prejudicar, pra prender. Tem policial muito corrupto (E1, mulher, 16 anos).*

Mais da metade dos entrevistados (**60%**) questionaram **o papel da polícia no combate ao consumo de substâncias ilícitas**. Os estudantes sugeriram algumas tentativas de redefinição da atuação da polícia nesse cenário:

Estudante: *O papel da polícia é acabar com o tráfico e não com as pessoas. Você tem que acabar com o tráfico e tratar as pessoas, conscientizar de que elas não podem usar de uma forma muito destrutiva, mas elas vão continuar usando (E2, homem, 17 anos).*

A discussão acerca do papel da polícia no combate ao consumo de drogas ilícitas nos remete ao lugar do usuário no contexto social. Atrelado constantemente a práticas criminosas, indagamos aos entrevistados sobre a criminalização do consumo de drogas ilegais e, por sua vez, do usuário:

Estudante: *A pessoa que usa droga precisa ser presa, sim! (...) Cerveja, cigarro, quem usa, não precisa porque não tá fazendo nada demais (E3, homem, 15 anos).*

Apesar de algumas ideias expostas pelos entrevistados circularem, ainda que de forma pontual, por diferentes perspectivas, predominou uma representação bastante negativa das substâncias ilícitas. Essas são vistas como um mal absoluto que prejudica a saúde; os aspectos negativos da droga ilícita transcendem a substância e, como era de se esperar, englobam o usuário. O sujeito que consome uma droga ilícita é associado a

controle, infelicidade, fraqueza e loucura. Ou seja, do seu comportamento e a disponibilidade de mobilização para a mudança do mesmo. Tal visão é coerente com o discurso reducionista, historicamente difundido, que desconsidera os diferentes elementos e dimensões que constituem o fenômeno em questão.

Estudante: *Pra mim é uma questão de escolha, entende? Usa quem é fraco!* (E1, homem, 17 anos).

Estudante: *As pessoas que usam drogas são amigas dos traficantes. Às vezes, por isso, também viram traficantes para sustentar seu vício e se sustentar* (E2, homem, 15 anos).

Apesar de terem prevalecido representações negativas sobre o usuário, alguns entrevistados se posicionaram de forma dúbia e outros tiveram uma postura de compreensão. A maioria dos estudantes que revelaram maior tolerância apresentou uma visão ampliada acerca do consumo de drogas. Afinados com um olhar mais ampliado, esses jovens consideram que o usuário de drogas é motivado ao consumo por razões de várias ordens e não necessariamente o uso se dá de forma prejudicial e tampouco a motivação é somente negativa. Para este grupo a droga não é necessariamente um mal absoluto e o usuário não está fadado, automaticamente, a se tornar um dependente. O uso ainda que abusivo e/ou dependente *õ não é um caminho sem voltaõ*; esses estudantes acreditam que a pessoa que experimenta esse problema pode lançar mão de recursos externos e internos. Ou seja, eles acreditam que o usuário não se encerra aos prejuízos do consumo.

Estudante: *A pessoa que usa drogas não é para ser presa, ela precisa ser tratada. Porque primeiro que ela não vai sair do vício assim, sem nada. E quem prende é o governo, mas por uma falha do governo essa droga consegue chegar para essa pessoa. Se o governo leva tão a sério isso: ah, a pessoa usa droga? Então vamos prender! Acha que isso é tão importante, eu acho que ele não deveria prender os usuários, mas acabar com o tráfico. E nunca que o governo vai conseguir acabar com todo o movimento de drogas em um país inteiro. Não vai conseguir! Não vai ter um policial na porta de cada um perguntando se a*

ando. Primeiramente não vai conseguir. Segundo, o
ver mais o fato disso não conseguir chegar na
pessoa, mesmo porque se isso vira vício, a pessoa não tem que ser presa, tem
que ser tratada (E2, mulher, 14 anos).

Dentre os vários pontos presente neste relato, cabe destacar a opinião de que o usuário de drogas ao invés de ser qualificado como criminoso deveria ser direcionado a um tratamento, o que nos remete para a figura do usuário enquanto sujeito adoecido. Tal representação esteve fortemente presente entre os entrevistados e revela, novamente, não somente algo peculiar dos contextos de pesquisa, mas uma crença construída historicamente.

Rodrigues (2012) ressalta que a diferenciação entre o usuário e o traficante, já presente na legislação da década de 70 e reeditada na Lei No. 11.343/06, reforça uma possível troca de estereótipos atrelados ao usuário de drogas: ao invés de criminoso o usuário é visto como doente. O lugar de doente do usuário de drogas ilícitas se materializa quando o mesmo é penalizado a partir do encaminhamento ao tratamento específico na área de atenção a usuário de álcool e outras drogas. Significados e representações existem e são construídos socialmente ao longo do tempo e, a cada momento, atrelados a valores, crenças, interesses e motivações de diversas ordens.

3.3.7 Drogas, Sexualidade e AIDS

Para além dos estereótipos associados ao usuário de drogas, foram abordadas as visões dos estudantes sobre práticas sexuais não hegemônicas. No que diz respeito às **relações homossexuais**, **70%** dos entrevistados apresentou uma **postura condenatória**, referindo achar: õnojentoö, õhorrívelö, õestranhoö, õvergonhosoö, õvai acabar com a sociedadeö. Esse grupo se pulverizou nas três unidades de ensino, mas predominou entre os alunos do segmento fundamental. Desse grupo, **30%** dos jovens justificaram a sua reprovação a partir de **crenças religiosas**:

Estudante: *Ah, é um absurdo! Porque Deus fez o homem e a mulher pra ser os dois, um pro outro, e não a mulher para a mulher e não o homem pro homem*(E3, mulher, 16 anos).

... é isso pra você, já que você tinha um irmão que

Estudante: *Muito estranho! Muito! Eu perguntava pra ele se... que prazer daria pra ele fazer isso com o mesmo sexo dele? Não tenho noção de como é... Ele ria!*

A maioria dos jovens refletiu sobre as possíveis **origens e motivações** para essa prática. Estes se dividiram entre explicações ancoradas em **razões inatas** ou em **razões construídas**. O primeiro grupo mencionou que as pessoas que escolhem parceiros do mesmo sexo já nascem assim, recorrendo a uma possível explicação genética e biológica: *õ é algo que já vem com a pessoaõ*. Para esses jovens a causa orgânica não diluiu a responsabilização individual e muitos enxergam o homossexual como uma pessoa que foge da normalidade, entendendo assim, as práticas homossexuais como um desvio, algo que se diferencia da *õ ordem natural das coisasõ*. Muitos alunos também recorreram ao discurso religioso para amparar suas reflexões julgando que essas práticas transgridem não só as leis biológicas como as religiosas. Outros usaram expressões como *õ naturalõ*, *õ naturezaõ*, *õ não naturalõ* o que nos remete a pensar na existência de um modelo rígido de normalidade. Ou seja, do que está relacionado a um padrão de comportamento talvez a mais tempo sedimentado e melhor aceito socialmente.

Os estudantes que se remeteram a **razões construídas** acreditam que a homossexualidade é decorrente do meio social: está relacionada à educação familiar, é entendida como uma opção do sujeito, entre outros. Exemplificando a partir de relatos, alguns entrevistados mencionaram que certas pessoas podem fazer essa opção após ter se decepcionado com parceiros do sexo oposto. Três estudantes do gênero masculino acreditam que a mídia pode vir a influenciar a escolha por parceiros do mesmo sexo:

Estudante: *(...) aí na õTVõ a Preta Gil diz que é bi, o Leão Lobo é gay, essas pessoas que são formadoras de opinião, pessoas bonitas, ricas, elas influenciam as outras! Tem pessoas que se identificam muito com artistas, por exemplo, a Ana Carolina... As pessoas não tem personalidade suficiente para não ficar com tendência para o homossexualismo. Eu repudio isso, porque quando isso acontece você não é homossexual, só tá curtindo e querendo aparecer (E1, homem, 19 anos).*

5% demonstraram uma **postura ambivalente** em e relativizações:

Estudante: *Acho estranho, mas não tenho nada contra* (E2, mulher, 17 anos).

Percebemos que a maioria dos estudantes que expuseram uma **visão positiva (17,5%)** sobre as práticas homossexuais masculinas e femininas referiram também ter amigos e/ou familiares homossexuais ou ser homossexual.

Estudante: *Eu acho legal. Não tenho preconceito porque eu até tenho uma prima sapatona* (E3, mulher, 17 anos).

É interessante ressaltar que apesar da literatura (ALTMAN, 2003; HEILBORN E CABRAL, 2003) apontar para diferenças de atitude quanto a homossexualidade associadas ao pertencimento social e/ou ao gênero, considerando que os homens de baixa renda podem vir a ter uma menor aceitação da homossexualidade masculina, não identificamos esse fenômeno entre os entrevistados. A convivência com pessoas que se dizem homossexuais pode influenciar a visão sobre o tema. Os jovens de uma das unidades de ensino pública referiram que esse fenômeno é bastante presente no cotidiano escolar, confirmando o relato da professora de química, exposto anteriormente, em relação à forte presença das relações homossexuais nesse universo:

Estudante: *Eu acho normal, não viu graça no outro sexo, procura outra pessoa* (E1, homem, 17 anos).

Apenas uma aluna, da unidade de ensino II, se declarou homossexual:

Estudante: *Ah, eu acho lindo! (...) Amor é amor! Ponto! Isso é um fato! Então o sexo da pessoa não influencia em nada, porque a pessoa ama, a pessoa gosta, porque que elas não podem ficar juntas? Eu acho lindo as pessoas que assumem que elas amam, apesar de tudo e de todos. (...) A sociedade vê com maus olhos. Isso é um fato meu, é uma coisa que acontece comigo, e as pessoas sempre vêem com maus olhos. (...) os pais de umas amigas minhas não deixam mais eu sair com elas porque eles pensam ô meu deus, vai agarrar a minha filhaõ. Isso é*

...do outro lado eu entendo que é uma coisa de pai, é... acho que as pessoas deveriam tentar entender melhor. Os filhos não ligam, o problema é os pais. Os pais tem dificuldade de aceitação e não deixam eu ir para a casa deles (E2, mulher, 17 anos).

Outros estudantes confirmaram o posicionamento negativo da sociedade sobre o tema. Estes prosseguiram dizendo que os homossexuais são alvo de agressões verbais e físicas. Vários expuseram uma visão negativa sobre a homossexualidade, com críticas e julgamentos e disseram não ter preconceitos acerca do tema. Em seguida, ao serem questionados sobre como a sociedade vê essas pessoas, apontam para posturas preconceituosas e agressivas. Percebemos que muitos estudantes não reconhecem a presença de juízos de valores nos seus depoimentos sobre o tema. Uma estudante relacionou o preconceito não à escolha homossexual, mas a AIDS:

Estudante: *Ficam com muito preconceito, não ficam nem querendo ficar perto. Às vezes essa pessoa pode tá com AIDS (...). Só que o AIDS não tem isso, a pessoa pode chegar perto, abraçar, dar a mão que não vai pegar. Só vai pegar se você se relacionar com ela (E2, mulher, 12 anos).*

Outros entrevistados, em contrapartida, apontaram para a existência de um processo de transformação dessas visões. A **mudança de cenário** em relação ao assunto é percebida por uma maior abertura e entendimento da questão da homossexualidade. Um aluno, inclusive, relacionou essa abertura à frequente abordagem do tema na mídia.

De acordo com Parker (1991), as ideias e crenças sobre sexualidade, no Brasil, ao longo do tempo, foram fortemente influenciadas não só pelo catolicismo como por uma forma de controle social que, dentre as várias funções, pretendia diferenciar os gêneros, atribuindo-os e delimitando-os a representações e papéis. A partir de sucessivas mudanças contextuais, profundamente inter-relacionadas, como a maior abrangência da escolarização, a relativização de crenças religiosas, o processo de urbanização nacional, a presença e força de ideias igualitárias entre homens e mulheres ó repercutindo diretamente no acesso a educação e ao mercado de trabalho ó, houve

condutas em vários campos da vida, bem como no sujeitos.

Para além de instrumentos coercitivos, os valores e normas sobre sexualidade funcionam como uma espécie de orientação para as condutas dos sujeitos sociais facilitando as tomadas de decisão acerca dos comportamentos ditos mais apropriados a cada situação. Frente à complexidade das mudanças sociais, somadas a premissa do carácter social da sexualidade, é importante observar as práticas sexuais sempre contextualizadas ao invés de criar conhecimentos rígidos pautados em argumentos biológicos, polarizados entre costumes tradicionais ou modernos. Com isso pretendemos dizer que apesar de vir ocorrendo mudanças consideráveis em diversos cenários sociais, as práticas sexuais experimentadas pelos sujeitos carregam consigo marcas históricas e de pertencimento relacionadas à classe social, afiliação religiosa e, especialmente, direcionamentos específicos a cada gênero (JEOLÁS E PAULILO, 2008).

Com relação ao **uso de preservativos**, a maioria dos estudantes fez menção tanto à função contraceptiva, quanto a diminuição do risco para a transmissão de DSTs (doenças sexualmente transmissíveis). Quando indagados sobre que tipo de doenças podem ser transmitidas, três alunos não sabiam responder (dois da unidade de ensino III e um da unidade II, todos homens e do segmento fundamental de ensino). Esse resultado pode estar relacionado ao fato de que os conteúdos relacionados à sexualidade serem ministrados na sétima série, na disciplina de ciências e inseridos no grande tema ão corpo humanoö.

De acordo com Altman (2003) as meninas costumam ter maior interesse e conhecimentos acerca dos assuntos gravidez, métodos contraceptivos e DSTs. Tal constatação é associada ao fato das aulas sobre sexualidade valorizarem fortemente o gênero feminino. Durante a pesquisa realizada pela autora, os entrevistados revelaram que aprofundaram seus conhecimentos sobre as DSTs a partir da abordagem do tema na escola, uma vez que a AIDS é comumente tratada pela mídia e, talvez, por essa razão, os jovens da referida pesquisa tivessem maior conhecimento sobre a mesma e menor sobre as demais doenças.

Paulilo e Jeolás (2005) alertam para a confiança na eficácia dos discursos educativos para a saúde proferidos pela mídia. As autoras questionam que os mesmos

...eias se tornem lugar comum quando a repetição,
...anhada de uma real compreensão dos significados
particulares de um determinado tema para cada sujeito. A assimilação de uma crença,
conhecimento e/ou representação está diretamente relacionada à subjetividade do sujeito
e ao seu lugar social, bem como a outros elementos que se tornam muitas vezes
impossíveis de mensurar.

Quando questionados sobre a **relação entre drogas e AIDS**, 70% dos entrevistados disseram desconhecer as possíveis implicações dessa articulação. Somente um aluno da unidade II associou o uso de drogas injetáveis à contaminação da AIDS via compartilhamento de seringas, afirmando que tal conhecimento foi adquirido durante uma aula da disciplina de biologia. Alguns alunos acreditam que o uso de drogas pode alterar a consciência e com isso facilitar que as pessoas pratiquem sexo sem preservativo ou que assumam uma postura promíscua no contato sexual. A ligação entre a prática do sexo (e a possível contaminação com a AIDS) e o uso de drogas remeta os estudantes a noção de falta de controle, geralmente associada a ambos os comportamentos por estarem atravessados por elementos que transcendem a razão e incluem sensações e sentimentos, como o prazer experimentado nestas (JEOLÁS, 1999).

Os dados coletados indicam, mesmo que de forma superficial, como o tema da sexualidade é tratado nos contextos escolares explorados. A literatura (ALTMANN, 2003; HEILBORN E CABRAL, 2004) aponta que as aulas sobre o assunto homossexualidade são geralmente ministradas nas escolas tendo como eixos centrais a gravidez e as DSTs/AIDS. O contorno dado a tais conteúdos é geralmente com o cunho de orientação, onde são repassadas informações sobre as formas de prevenção, como o uso da camisinha e dos métodos anticoncepcionais. Assim como em relação ao consumo de drogas, a escola é considerada como um espaço privilegiado de intervenção sobre a sexualidade humana que, nos últimos anos, em decorrência da epidemia da AIDS, adquiriu uma dimensão de problema social. Dessa forma, a escola se tornou um local importante para a implementação de políticas públicas que visam à promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Um recorte dessas iniciativas é a inserção transversal do tema orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Desenvolvidos na década de

Nos têm o objetivo de estabelecer uma referência transversais incluem questões fundamentais da vida social, como saúde, meio ambiente, ética, orientação sexual e pluralidade cultural. Estes devem ser abordados ao longo de todos os ciclos de escolarização, não só dentro da programação dos conteúdos disciplinares, como no formato extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas com o tema. Essa orientação reforça ainda mais a importância da capacitação de profissionais da área da educação para o manejo do tema da sexualidade, bem como do consumo de drogas. É importante ressaltar que a inclusão do tema orientação sexual nos PCN's foi um marco no sentido de ser a primeira vez que a questão foi oficialmente inserida no currículo escolar brasileiro. Esta se torna uma evidência das dificuldades de serem tratados os temas.

3.3.8 Relacionamentos interpessoais: família, amigos e outros

Ao investigarmos como se davam as relações familiares dos entrevistados, foram observados casos em que a resposta destoava ao longo da entrevista. Ou seja, muitos deles responderam que a relação era boa (87,5%), mas em um outro momento da entrevista revelaram algum conflito em relação à comunicação, à reciprocidade e à afetividade no contexto familiar, bem como manifestações de descontentamento. Exemplificamos essa interpretação com o depoimento abaixo:

Estudante: *Ah, é boa! A gente se dá bem... Mas eu não tenho uma relação muito aberta com meus pais porque pra mim é uma dificuldade. Assim, desde criança a minha mãe nunca saiu e perguntou: você tem namorado? Nunca falou assim comigo, e eu nunca consegui falar nada e isso acabou me fechando. Eu gosto muito deles e admiro tudo que eles já fizeram por mim, mas relação de contar, de se abrir, eu não consigo. Pra eles, né? Porque pra qualquer outra pessoa eu não sou fechada, mas pra eles eu sou (E2, mulher, 17 anos).*

Quando questionada acerca dos temas abordados em suas conversas:

Estudante: *É... só sobre assuntos gerais, nunca coisas pessoais. Sobre trabalho, sobre notas na escola, sobre o meu comportamento... coisa do tipo: ô como foi o dia?ö (risos).*

, relacionamento amoroso e sexo:

Estudante: *A gente conversa muito sobre relacionamento, mas relacionamento normal, relacionamento anormal eu não consigo falar ainda.*

Entrevistadora: *O que é um relacionamento normal?*

Estudante: *Eu gostar de um garoto. Tipo, e falar: mãe, eu to gostando de um menino. Agora tá se tornando normal pra ela, mas antes ela abominava.*

Entrevistadora: *O que ela abominava?*

Estudante: *Eu chegava pra ela e falava: ãoh mãe, eu fiquei com não sei quem. Ela fazia um escândalo. Mas pelo fato dela ter descoberto... eu ficar com menino tá ótimo pra ela, entendeu?*

Entrevistadora: *Não... O que ela descobriu?*

Estudante: *Ela descobriu que eu fico com meninas.*

Entrevistadora: *E quando você falou de relacionamento ãanormal, a que você estava se referindo?*

Estudante: *É, porque é anormal pra ela menina ficar com menina.*

Entrevistadora: *E pra você?*

Estudante: *Pra mim... pra mim é normal! (RS). E como eu disse, amor é amor. Se a pessoa gosta, ela tem que assumir, ela não deve ficar usando mascara, ela não precisa ser do jeito que ela não é.*

Uma minoria (15%) referiu manter um bom relacionamento familiar ao longo de toda a entrevista, traduzida pelas situações de apoio, trocas de afeto e ideias e momentos de diversão compartilhados. Estes estavam distribuídos em todas as unidades de ensino, com maior concentração na unidade II.

Dentre os entrevistados, 20% revelaram que não mantinham uma boa relação familiar, citando algum tipo de conflito com um dos pais, irmãos e tio. Estes estudantes pertencem a todas as unidades de ensino, embora se concentrem nas unidades públicas. Aqui, identificamos a maior concentração de jovens do gênero feminino. Quando questionados acerca das razões para os conflitos familiares, os jovens referiram falta de

ncias religiosas e brigas recorrentes por conta do

Estudante: *Meu pai está sempre viajando, a trabalho. Minha mãe tá sempre na rua... Mas quando eu tô com algum problema eu tento conversar com as minhas amigas ou fico sozinha, depende* (E2, mulher, 12 anos).

Estudante: *Eu não tenho tanta afinidade com meus pais, existe um vão entre nós* (E1, mulher, 17 anos).

De acordo com Schenker e Minayo (2005) ao discorrerem sobre os fatores de risco e de proteção para o consumo de drogas na adolescência consideram que as relações familiares pautadas por um vínculo afetivo e uma interação familiar saudável colaboram para o desenvolvimento de potencialidades da criança e, conseqüentemente, do adolescente. Tais características contribuiriam para o fortalecimento do jovem no momento de tomada de decisão por experimentar uma droga. No entanto, as autoras reforçam a importância de entender que existem vários elementos que concorrem e possuem uma relação de interdependência ao pensarmos nas motivações e influências para o consumo de drogas. Segundo Galduróz et al (2010) o uso pesado de álcool está associado ao mau relacionamento com o pai e a mãe, especialmente quando os mesmos são considerados oliberais. Para os autores a falta de diálogo entre pais e filhos favorece o aumento da vulnerabilidade de uso de álcool, bem como a ausência de contornos mais firmes por parte dos pais.

Dentre os temas das conversas referidos pelos alunos elencamos: cotidiano e desempenho escolar, relatos de *como foi o dia?*, tarefas domésticas, planos para o final de semana e férias, entre outros. Em alguns depoimentos as conversas estavam predominantemente pautadas em orientações diárias de como estudar, arrumar a casa, etc. Muitos alunos mencionaram que a escolha dos assuntos conversados em casa, geralmente, era atrelada a divulgação dos mesmos nas mídias ó televisiva, com mais frequência, e escrita, menos presente nos relatos.

Questionados sobre temas específicos, a maioria referiu conversar sobre relacionamentos amorosos e sexo (70%). Um número aproximado revelou conversar sobre drogas com os pais e/ou familiares (62,5%). Ou seja, a maioria dos entrevistados

conversar sobre o tema drogas, sendo que as conversas
são geralmente pautadas por orientações para o não uso:

Estudante: *Muito raramente a gente fala... Só que quando a gente tá vendo televisão e passa um programa de uma pessoa que tá usando drogas e matou alguém, os meus pais falam: ãTá vendo como não é legal usar drogas? Olha só o que você acaba fazendo com as pessoasö (E2, mulher, 13 anos).*

Estudante: *A minha mãe sempre fala pra não usar e que eu não devo aceitar nada na rua, não beber no copo de ninguém (E3, mulher, 14 anos).*

Estudante: *Ver algo na tv e de repente falar, explicar alguma coisa que a gente viu na tv, entende? O que falta na família é dialogo, é saber explicar o que pode e o que não pode. Eles dizem que não e aí não explicam, não tem sabedoria, entende? (E1, homem, 17 anos).*

O formato e conteúdo de orientação foi valorizado por alguns alunos. Outros manifestaram a vontade de conversar de uma forma mais aberta. Um aluno sugeriu que os pais primeiro conversassem e depois fornecessem orientações: ãquando eles já dizem o que é pra fazer a gente não tem muita escolha, né?ö. Outro ponto presente nos depoimentos foi que os pais, muitas vezes, ãnão sabem o que dizerö. Dentre as supostas razões, alguns referiram: ãeu acho que eles sentem vergonhaö e ãé falta de conhecimentoö. Aqui, é importante sinalizar que os alunos apontam não somente para a carência de informações sobre o tema, mas para a falta de preparo emocional para abordar o assunto. Alguns estudantes ressaltaram a importância do diálogo em casa, com os pais e/ou familiares, destacando o papel da família na constituição do ser humano:

Estudante: *O apoio da família é muito importante, né? E não é só pagar as coisas, os estudos, é orientar, conversar (...). Tem muitos pais que não tem dinheiro e conversam com os filhos, mesmo quando eles não tem muito estudo (E2, homem, 17 anos).*

Nossos achados se aproximam do que foi exposto por Soares (1997) ao entrevistar dois grupos de jovens paulistanos: um que já participou de ações educativas

ão havia vivenciado tal experiência. Foi observado
apel da família na sociedade eram os que tinham
participado do *Projeto Escola é Vida*.

Os dados apresentados reiteram a importância dos conhecimentos sobre drogas serem expostos a partir das demandas, curiosidades e interesse dos jovens, a partir de um diálogo sobre o tema. Desse modo cabe ressaltar a relevância de propostas educativas que integrem os diversos atores e instituições que participam da formação dos jovens, como a escola e os pais. Nessa direção *O Jogo da Onda* pode ser um recurso facilitador para a abordagem da questão e interação entre os participantes.

Sugerimos aos entrevistados que eles se imaginassem, hipoteticamente, como possíveis usuários de drogas lícitas e ilícitas com o objetivo de checarmos se eles compartilhariam essa experiência com alguém. Destes, um pouco mais da metade (52%) afirmaram que não contariam para ninguém caso usassem uma droga ilícita. A maioria justificou a decisão por sentir vergonha de sua atitude. Grande parte dos entrevistados também referiu temer ser vítima de discriminação.

Estudante: *Não contaria pra ninguém se fosse ilícita. Eu tenho muita confiança em mim, eu acho que não vou falar disso porque eu sempre falei que era errado e agora vou fazer a mesma coisa? Eu sou muito reservado também* (E2, homem, 16 anos).

Nessa direção, perguntamos se eles revelariam a experiência aos seus pais. Metade (50%) afirmou que contaria aos pais com o objetivo de pedir ajuda. Dentre as razões para não compartilhar com os pais, a maioria dos estudantes justificou que os mesmos teriam reações negativas como: decepção, raiva e agressão. Quando questionados se compartilhariam a experiência com amigos, 57,5% acreditam que estes, supostamente, se posicionariam como parceiros e não fariam julgamentos acerca das opiniões e vivências dos mesmos. Estes referiram que se preocupariam, ao compartilhar uma experiência com drogas, em influenciar os amigos. Sugerimos, então, que eles imaginassem o contrário: se um amigo compartilhasse a sua experiência com drogas, eles se sentiriam motivados a usar a partir do relato do amigo? E como destacamos anteriormente, a questão da influência é valorizada como sendo experimentada por

nos remete ao receio dos estudantes de revelarem o
aplicações dos mesmos não compartilhem a
experiência. Para além disso, nos remete a importância de trabalhar formas de
sensibilizar os jovens, em práticas educativas, para que eles falem não só de suas
crenças e conhecimentos sobre os temas, mas que acessem sentimentos presentes e
assim sejam mobilizados a falar de si. Acreditamos que essa dificuldade de falar de si,
sem dúvida, está somada a todo o campo de juízos de valores sobre o tema.

Mais da metade dos entrevistados (**72,5%**) revelou ter algum familiar que usa
drogas lícitas, dentre elas álcool e tabaco. Não houve menções, nesse sentido, acerca de
psicofármacos. Em contrapartida, quando indagamos a respeito das opiniões dos pais
sobre o consumo de drogas, sem necessariamente especificar a classificação (lícitas ou
ilícitas), todos os estudantes disseram que seus pais são contra o consumo de drogas.
Alguns jovens afirmaram que os pais se posicionam de forma negativa diante do usuário
de drogas. Percebemos que a crença de que usar e falar sobre drogas remete,
necessariamente, as drogas ilícitas.

Estudante: *Eu sou muito influenciado pela opinião dos meus pais (...) a gente
não conversa sobre o álcool como uma droga, porque o álcool, pra mim, é como
uma água. A gente não acha que é droga* (E2, homem, 14 anos).

No que se refere às drogas ilícitas, um terço (**30%**) possui algum familiar, como
tios, irmãos ou primos, que fazem uso de substâncias como: maconha, ecstasy e
cocaína. Estes estão distribuídos nas três unidades de ensino. Nenhum estudante relatou
o uso de drogas ilícitas feito pelos pais, atualmente. Dois estudantes da unidade de
ensino I relataram que seus pais já usaram drogas ilícitas em outro momento da vida. Os
dois depoimentos revelaram, também, o possível envolvimento com o tráfico de drogas:

Estudante: *Meu pai e minha mãe já usou* (E1, mulher, 17 anos).

Entrevistadora: *Você sabe que drogas eles usavam?*

Estudante: *Usavam maconha, meu pai era traficante do morro. Acho que usava
cocaína também. A minha mãe começou a usar droga muito cedo, mas se
converteu na Igreja... parou!*

Entrevistadora: *Quando eles usavam, você já tinha nascido?*

Entrevistadora: *Você lembra de alguma coisa?/ Do quê que você lembra?*

Estudante: *Lembro.../ Bom, eu lembro que ia bandido lá em casa chamar meu pai. Eu lembro, lembro de tudo...*

Entrevistadora: *Você tinha quantos anos?*

Estudante: *Uns 8, 9, por aí.*

É interessante observar que os dois estudantes que tiveram uma vivência próxima com o uso de drogas ilícitas e com o tráfico de drogas, se dizem completamente avessos as drogas e possuem um discurso muito marcado pela ideia de destruição e ruína, provavelmente em função também de suas experiências pessoais. Acerca desse tema, Schenker e Minayo (2005) ao considerarem a presença de vários fatores que constituem as situações de risco e de proteção para o consumo de drogas, ressaltam que o fato de jovens possuírem um familiar usuário de drogas não é um elemento determinante para o uso de drogas e especialmente para o abuso.

Os estudantes da unidade de ensino I referiram com maior frequência terem amigos que fazem uso de drogas ilícitas. Três alunos dessa unidade disseram que *õtodos os meus amigos usamö*. Em contrapartida, na unidade de ensino II identificamos a forte presença e uma possível naturalização do uso de bebidas alcoólicas a partir de falar como *õah, hoje é normal! Todo mundo bebe. Acho que não beber é que fica anormalö*.

No que se refere a experiências pessoais com drogas ilícitas, apenas uma estudante relatou ter experimentado maconha e ecstasy, pontualmente. A outra disse não ter experimentado *õaindaö* o *ecstasy*, mas ao longo de sua entrevista compartilhou muitas vezes a curiosidade que sente em viver a experiência. A mesma mencionou que muitos amigos próximos fazem uso da referida droga e considera uma forte motivação para o início do consumo de drogas a influência dos pares. Essa estudante revelou também algumas dificuldades de comunicação em casa, especialmente no manejo de sua escolha homossexual. As duas estudantes pertencem a unidade de ensino II.

Quando questionados acerca de como costumam lidar quando estão vivenciando algum problema e quando se sentem tristes e/ou com raiva, os relatos exemplificaram os

tos estudantes disseram ouvir música (*õouço heavy* chorar, entrar na internet, ler, assistir a um filme, telefonar para os amigos, entre outros comportamentos. Por vezes, buscam ajuda conversando com alguém (pai, mãe, irmão, amigos, namorados, avó). Três estudantes da unidade de ensino II comentaram que costumam conversar com a psicóloga da escola. Uma estudante da unidade de ensino I confessou só conversar sobre seus problemas com a diretora da escola e com a professora de história. Essa aluna relatou não ter diálogo em casa por conta de divergências religiosas.

Alguns estudantes referiram que diante de um problema e/ou dos sentimentos de raiva e tristeza assumem uma postura de isolamento: *õfíco quieto, calado e só no meu quartoö* ou *õeu tento esquecerö*.

Estudante: *Eu resolvo comigo mesmo, não acho que tenho que ocupar os outros com isso* (E2, homem, 14 anos).

O estudante acima acredita que as meninas costumam gostar mais de conversar e *õse expressarö*. No entanto, é importante ressaltar que não identificamos nenhuma diferença significativa de gênero. Muitos estudantes do gênero masculino revelaram manifestar seus sentimentos, como também buscar algum tipo de apoio em conversas com familiares e/ou amigos. Uma estudante da unidade de ensino II disse *õnão gostar desses sentimentos ruinsö*. É interessante observar os juízos de valores acerca dos sentimentos, e de suas manifestações. Há aqueles que reagem à raiva e à tristeza *õcolocando pra foraö* e nomearam as suas reações como *õdesequilíbrioö*:

Estudante: *Eu fico bem desesperado, não consigo guardar dentro de mim, tento resolver de alguma forma* (E2, homem, 16 anos).

Estudante: *Choro, grito... eu quero é me expressar!* (E2, mulher, 16 anos).

Estudante: *Eu fico quieto remoendo as coisas na minha cabeça, mas às vezes eu estouro. Eu prendo a raiva e quando eu solto eu estouro. Mas depois que eu estouro eu fico calmo* (E2, homem, 14 anos).

ância do incremento e criação de práticas educativas espaços para os jovens falarem de si e de seus sentimentos, vivências, relacionamentos e etc., bem como estabelecer o diálogo com seus pares, pais e educadores (SOARES, 1997; MONTEIRO et al, 2008). Nessa direção, Schenker e Minayo (2005) recomendam que as práticas educativas devem contemplar os pais e/ou responsáveis de crianças e adolescentes para que os mesmos recebam não só orientações de como manejar o tema com seus filhos, mas que anterior a isso possam trabalhar as suas crenças, medos e receios de abordarem o tema no contexto familiar.

3.3.9 Educação sobre drogas

Entre os entrevistados, a maioria (63%) referiu **nunca ter participado de qualquer ação educativa sobre drogas**. O restante (37%) mencionou já ter participado de **aula expositiva** em determinada disciplina escolar e/ou **palestra** sobre o assunto. Os contextos referidos com maior frequência foram: escola, igreja, cursos de informática e da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC).

Grande parte dos jovens que relatou ter participado de alguma atividade sobre drogas no contexto escolar pertence à unidade de ensino II, vale ressaltar que todos se reportaram a experiências em salas de aula. Dois alunos da unidade de ensino II também referiram ãconversa com os pais e amigosõ como ações educativas. Em contrapartida, os alunos que vivenciaram essas atividades em outros contextos são das unidades de ensino I e III, prevalecendo jovens do gênero masculino, e as atividades aconteceram no formato de palestras.

Com relação ao manejo do tema em sala de aula, os entrevistados da unidade de ensino II referiram com frequência situações pontuais envolvendo três professores. Os alunos do ensino médio relataram que durante as aulas de biologia o assunto foi contemplado a partir de um enfoque biomédico, expondo as implicações orgânicas do consumo, como os efeitos õfisiológicosõ e os possíveis prejuízos ocasionados ao corpo humano. Já os estudantes do ensino fundamental mencionaram que o professor de geografia, ao tratar a problemática do consumo de drogas em sala de aula, expôs o

usuário de drogas, que aparentemente em crise de
ansiedade:

Estudante: *O professor G. tava falando que um cara que ele conhece, no máximo de duas em duas horas tinha que consumir uma droga (...) e ele arrancou o olho porque ficou bem mais de duas horas sem consumir... isso porque o pai dele prendeu ele no quarto. O G. que contou... Eu acho que se eles [usuários] ficarem sem drogas, eles ficam bem malucos. E o G. me contou que os drogados nunca podem dizer que são ex-drogados, porque (pausa) qualquer hora pode dar uma maluquice na cabeça e eles quererem cigarro, maconha, cocaína, cerveja, álcool, sei lá (E2, mulher, 12 anos).*

Outro estudante do ensino médio da Unidade II contou que o professor de filosofia (ao recomendar o não uso de drogas), revelou aos alunos ter sido usuário de drogas e, inclusive, mostrou algumas consequências dessa experiência:

Estudante: *O meu professor de filosofia foi usuário de drogas. Ele contou toda a história dele desde o primeiro dia de aula. Falou abertamente, mostrou o céu da boca dele destruído, a gengiva... E ele disse que faz isso sempre com a intenção de instruir a gente, alertar para aquilo que pode causar as drogas. Hoje ele não usa mais nada (...). Eu acho legal ele fazer isso! (E2, homem, 16 anos).*

Com base nos dados e observações colhidas em campo, foi observado que os estudantes da unidade de ensino II nutriam uma relação de proximidade e admiração com o professor de biologia. De acordo com os relatos da psicóloga do ensino médio, o mesmo havia sido eleito pelos alunos, pelo segundo ano consecutivo, como o melhor professor do segmento onde desenvolvia suas atividades. Tais aspectos possivelmente influenciaram na forma como tais informações e conteúdos foram trabalhados em sala de aula, bem como recebidos ó no sentido de um possível espaço aberto, concreto e relacional, para a exposição de perguntas, dúvidas e trocas. No entanto, não investigamos o desdobramento dessas atividades, mas acreditamos que a troca de conhecimentos corretos e fundamentados é uma das dimensões das práticas educativas

acionados e transmitidos a partir do conhecimento

Em relação às ações pautadas por relatos de pessoas que tiveram experiências com drogas, estas podem vir a reproduzir uma visão alarmista e reduzida acerca do fenômeno. Ao contemplar somente a dimensão (e responsabilização) individual, os aspectos contextuais são omitidos pelo realce dado aos prejuízos da interação. O foco nos danos tem a intenção de garantir que as pessoas rejeitem qualquer tipo de consumo (de drogas ilícitas) a partir da mobilização do medo. Ou seja, usa-se o recurso do amedrontamento que ofusca a consciência crítica para questionar o relato apresentado e seus elementos constituintes (FERREIRA et al., 2010; MONTEIRO E REBELLO, 2005).

Os estudantes que referiram ter participado de palestras em contextos não formais de ensino, concentrados nas unidades de ensino I e III, relataram que a experiência foi negativa, pela ausência de interatividade:

Estudante: *Ah, palestras, uma ou duas. Foi chato! Muito chato!* (E2, mulher, 16 anos).

Estudante: *Palestra é ruim! Ninguém presta atenção e todo mundo fica com vergonha de perguntar (risos) eu sou uma delas* (E2, mulher, 17 anos).

Interessante destacar que um jovem da Unidade II que se declarou evangélico afirmou que a palestra sobre drogas na igreja foi *õmaravilhosa pra entender o poder que a droga temõ*. Em vários momentos da entrevista ele se reportou as suas crenças religiosas para lidar com questões como drogas, sexo, entre outros. O discurso era predominantemente pautado pelos riscos da interação. De acordo com a literatura, o vínculo a uma religião pode ser considerada como um fator de proteção para o uso indevido de drogas. Segundo os achados de Galduroz et al (2010), as ideias negativas acerca do consumo de álcool estavam bastante presentes entre afiliados a qualquer religião. No entanto, apesar dos mesmos autores suspeitarem que esse comportamento esteja atrelado a prescrição de regras e ensinamentos mais rígidos, ainda não é claro quais são os mecanismos implicados nessa constatação.

(89%) opinou que deveriam existir atividades escolar. Dos vinte alunos pertencentes às unidades de ensino públicas (I e III), apenas três revelaram já ter participado de uma ação educativa na escola, sendo que não lembram e/ou lembram pouco do conteúdo e formato das ações.

Estudante: *A escola deveria fazer essas coisas! Eles não conversam com a gente, não perguntam, não sabem o que a gente pensa...* (E1, homem, 16 anos).

Estudante: *A escola não dá muita atenção sobre isso. Principalmente sobre isso [drogas] e sexo. Essa escola acha que se você conversar sobre isso vai influenciar você a fazer isso. Aí só conversa dentro da matéria. Eu não acho que você conscientizar é sugerir que a pessoa faça, entende?* (E2, mulher, 14 anos).

Alguns estudantes acreditam que falta de informação, somada ao tratamento do tema como um tabu, pode estimular a curiosidade e motivar a escolha por experimentar drogas:

Estudante: *Muita gente tem curiosidade do efeito, como se usa... Óbvio que a escola não deveria ensinar a usar, mas ela poderia explicar como acontece. Porque às vezes a pessoa só quer saber isso e aí se a escola explicar ela não vai precisar usar pra saber o que causa, como se usa, e coisa e tal. Ia poupar de algumas pessoas fazerem* (E2, mulher, 16 anos).

A ideia de que abordar o fenômeno do consumo de drogas estimula o uso é uma crença pautada predominantemente pelo discurso proibicionista, que tem como característica central a restrição e a descontextualização do uso de algumas substâncias. A não consideração dos aspectos subjetivos e contextuais, faz com que recaia sobre a droga a autonomia de como a interação será desdobrada, quase sempre com um fim danoso. Esses conhecimentos são fortemente difundidos por essa perspectiva na intenção de impedir o consumo a partir de um clima alarmista e amedrontador.

Ainda sobre a presença de atividades educativas no contexto escolar, o restante dos alunos mostrou-se indiferente às ações educativas e/ou considerou-as improdutivas. Ambos os grupos nesse momento da entrevista se remeteram as grandes campanhas de

tes opiniões, ora valorizando as iniciativas, ora

Estudante: *Eu acho que não adianta! Fazem tanta campanha e nada adianta.* (E2, homem, 14 anos).

Entrevistadora: *E porque você acha que elas não funcionam?*

Estudante: *Eu não sei (pausa), mas eu acho que falam do poder da droga, que ela destrói a sua vida, mas as pessoas não entendem ou não querem entender. Assim, eu acho que é porque quando a pessoa já tem isso dentro dela e nem vai querer ouvir. Não resolve a televisão falar!*

Ao se reportar as iniciativas de prevenção largamente difundidas, sobressaem no discurso do aluno à responsabilização individual do sujeito, a autonomia destrutiva da droga e a desconsideração e/ou a ausência de elementos contextuais. Quando questionados acerca de como deveria ser o formato que as ações educativas, os jovens mencionaram: palestras, aulas expositivas, õconversasö, grupos de estudo e de discussão e õatividades mais dinâmicasö, que refletem as visões apresentadas anteriormente, tanto no sentido de reforçar o caráter maléfico do uso das drogas e o realismo das experiências negativas de usuários, quanto de alternativas de dinâmicas educativas interativas, incluindo a vivencia da entrevista.

Estudante: *Uma palestra dizendo dos efeitos das drogas, dos perigos, né? Dizer que a droga só vai te destruir, deixar sua família triste, essas coisas* (E2, mulher, 11 anos).

Estudante: *Fazer uma palestra com alguém que já foi usuário e que parou de usar pra falar da experiência e o que ele fez para superar isso* (E1, homem, 17 anos).

Estudante: *Algo bem dinâmico. Assim, o que leva os jovens a prestarem atenção nas coisas é algo mais descontraído (...). Porque se for uma coisa teórica o adolescente não presta atenção! Você vai chamar a pessoa pra vir pra cá em um sábado ouvir palestra? Meu deus, vão mexer no celular!(risos). Então tem que ser uma coisa dinâmica, bem participativa, de troca...* (E2, mulher, 16 anos).

Em palestra todo mundo senta no auditório e fica a atenção em nada do que a pessoa que tá lá na frente fala, ninguém pergunta. Então devia ser mais em conversas, como aqui com você ou na sala. De repente falar em sala e dividir a turma em grupos pra conversar (E2, mulher, 14 anos).

Todos se remeteram ao momento da entrevista:

Estudante: *Eu acho que deveria ser assim como está sendo com você, agora... Como em uma sala, com privacidade e pegar as pessoas para conversar de drogas e orientar (E1, homem, 15 anos).*

As sugestões de ações criativas e diversificadas (como recursos musicais e teatrais) foram feitas predominantemente pelos estudantes da unidade de ensino II. Esse resultado nos remete para as condições materiais e simbólicas que discriminam os universos pesquisados. Os estudantes do universo II são pertencentes às classes sociais média e alta, e possivelmente possuem maior acesso e incentivo à práticas culturais nos seus diversos espaços de circulação. Soares (1997) aponta que as estratégias predominantemente informativas são criticadas por estudantes, especialmente entre aqueles que já experimentaram ações educativas pautadas em outras diretrizes.

Nesta direção, vale citar que durante a divulgação da entrevista na Unidade II, foi observado que na disciplina de educação artística, os estudantes estavam trabalhando um tema a partir do recurso de artes cênicas e artes plásticas. Não investigamos esse assunto nas unidades de ensino I e III. No entanto, deduzimos a partir das queixas em relação à falta de estrutura técnica e física referidas nas unidades públicas, que estas se configuram em impedimentos para a realização de atividades artísticas e criativas.

Os relatos apontam para questões mais amplas do cenário da educação sobre drogas, e da educação como um todo. A falta de capacitação de profissionais para a abordagem do tema, os investimentos em ações descontínuas e superficiais, entre outros, são elementos que denunciam a fragilidade das políticas públicas no campo da educação sobre drogas no Brasil. Como dissemos, a literatura aponta a escola e concentra na figura do professor a tarefa de prevenir o uso indevido de drogas. No

entido de fundamentar e orientar essas ações, bem para o considerado fracasso dessas iniciativas nos contextos formais de ensino (FAGGIANO et al., 2005).

Julgamos essencial o reconhecimento sobre as dificuldades e barreiras presentes no desenvolvimento de práticas sobre drogas no âmbito das redes de ensino. Os impedimentos e resistências para o manejo do tema aqui debatido ganham como contorno problemas enfrentados comumente no campo da educação, especialmente no contexto público de ensino, como a falta de condições propícias de trabalho (em relação à estrutura física e técnica), a baixa remuneração, o pouco investimento em capacitações motivadoras, a restrição dos espaços de trocas e reflexões entre os professores e a equipe técnica, a sobrecarga de trabalho, as dificuldades relacionais dos educadores entre seus pares e os alunos, etc.

Com isso, pretendemos ressaltar que apesar dessa pesquisa ter como objeto a atualização de um material educativo, compreendemos que ela é parte de uma tarefa ampliada para o incremento das abordagens educativas sobre drogas, que inclui não somente o desenvolvimento de dispositivos educacionais, como implica no investimento na capacitação de todos os atores do contexto educacional. A formação destes incluiria a sensibilização e a conscientização do seu papel como educadores, bem como o fornecimento de subsídios para a criação de diferentes estratégias a fim de articular a temática do consumo de drogas aos conteúdos das disciplinas que lhe competem.

Capítulo 4

Resultados e Discussão:

O Jogo da Onda

Este capítulo objetiva apresentar o processo de revisão e atualização do *Jogo da Onda*. Consideramos a essencialidade da percepção do usuário em todas as etapas constitutivas de um material educativo, dentre elas a criação, testagem, avaliação e a atualização. Esta última se configurou como um percurso de revisão do conteúdo original do Jogo, que foi fundamentado a partir do levantamento bibliográfico sobre o tema articulado aos achados das quarenta entrevistas realizadas com um grupo de jovens do ensino fundamental e médio da rede pública e privada do Estado do Rio de Janeiro.

Para orientar o processo de revisão do conteúdo original do *Jogo da Onda* foi criado um quadro comparativo, com três cores diferenciadas (azul, rosa e verde) e duas colunas (versão original e versão atualizada). Na coluna versão original, os temas das cartas da primeira versão de 1998 são indicados pela cor azul, e os temas incluídos após a avaliação do jogo com estudantes, em 2000, são indicados pela cor rosa. Na coluna versão atualizada, todos os temas das versões anteriores (1998 e 2000) que serão mantidos permaneceram com a cor azul, sendo que os novos temas propostos estão sinalizados na cor verde.

VERSÃO ORIGINAL	VERSÃO ATUALIZADA
Amizade	Amizade
Autoconhecimento/ Autoestima	Autoconhecimento/ Autoestima
Automedicação	Automedicação
Baralho dicionário	Baralho dicionário
Conceitos/efeitos	Drogas: conceitos e efeitos
Dependência	Dependência

	Escola
Escola	Família
Família	Gravidez
Gravidez	Iniciação Sexual
Iniciação sexual	Metas para o futuro
Legislação	Relações de gênero
Metas/perspectivas/futuro	Religiosidade
Motivação/uso	Saúde reprodutiva
Namoro/Relacionamento	Sexo seguro e drogas
Relações de gênero	Situações sócio culturais
Religiosidade	Tratamento
Saúde reprodutiva	Violência, tráfico e polícia
Sexo seguro e drogas	Consumo de bens materiais
Situações sócio culturais	Visão do usuário e Discriminação
Trabalho preventivo/ Propaganda	Educação sobre drogas
Tratamento	Mídias e mediações socioculturais
Violência/tráfico/polícia	Motivação e Prazer
Visão do usuário	Relacionamentos Afetivo Sexuais

Quadro 4.1: Temas: versão original e versão atualizada

O quadro revela que foram inseridos **seis novos conteúdos**, sendo eles: consumo de bens materiais e simbólicos, discriminação, educação sobre drogas, mídias e

o e relacionamentos afetivos e sexuais. O tema foi substituído por educação sobre drogas e o tema de epidemia de HIV/AIDS foi ampliado para sexualidade, DSTs e AIDS.

A seguir são apresentadas as justificativas que nortearam as mudanças e inclusões temáticas relativas ao conteúdo do jogo. Tais sugestões foram orientadas pela revisão da literatura e pelas entrevistas com os escolares, abordadas nos capítulos anteriores.

4.1 Drogas: conceitos e efeitos

Na versão original do jogo foram criadas quatorze cartas acerca dos conceitos e dos efeitos das substâncias psicoativas (cartas de 1 à 14, apêndice 4), que incluem o uso da caracterização das drogas como depressoras, estimulantes e perturbadoras (cartas 8, 9 e 10, respectivamente).

Os achados das entrevistas confirmam a pertinência da abordagem desses conteúdos, haja vista que as entrevistas com os estudantes revelaram a presença de equívocos, tais como: a não caracterização de bebidas alcoólicas e tabaco enquanto droga, dificuldades em diferenciar as substâncias lícitas e ilícitas e as drogas leves e drogas pesadas. Foi igualmente observado que os estudantes sabiam listar as diversas drogas, mas quando questionados acerca dos efeitos das mesmas as respostas foram comumente equivocadas. Todas essas observações assinaladas acima estiveram presentes entre os estudantes que participaram do processo de avaliação da versão original do *Jogo da Onda*. De acordo com as autoras, os alunos, inclusive, estabeleciam uma hierarquia de risco entre as drogas, considerando as drogas ilícitas mais prejudiciais que as drogas lícitas (REBELLO et al, 2001). Sabemos que essa crença é fortemente difundida pelo discurso de guerra às drogas (BUCHER, 1994).

Constatamos a atualidade de uma das cartas que aborda as drogas de prescrição (carta 7). Apesar do tema não ter sido fortemente comentado pelos entrevistados, a literatura aponta o crescimento da automedicação e o abuso de ansiolíticos e outros psicofármacos associado não só a super prescrição pelos médicos de diferentes especialidades, como também pelo controle deficitário do acesso ao medicamento sem receita médica (ORLANDI E NOTO, 2005). Frente ao consenso sobre o consumo expressivo no país dos medicamentos classificados como benzodiazepínicos,

mos por reformular a carta original como indicado

CONTEÚDO ORIGINAL	CONTEÚDO ATUALIZADO
<p>Existem momentos em que precisamos utilizar medicamentos, entretanto, todo medicamento é uma droga e se for utilizado sem orientação médica e/ou de forma exagerada, poderá causar sérios danos à saúde e até a morte. Qual é o medicamento mais vendido nos últimos anos?</p> <p><i>Resp.:</i> Em menos de 15 anos o DIAZEPAN, ou os benzodiazepínicos no conjuntos (calmantes) tornaram-se os medicamentos mais vendidos do mundo.</p>	<p>Existem momentos em que precisamos utilizar medicamentos, entretanto, todo medicamento é uma droga e se for utilizado sem orientação médica e/ou de forma exagerada, poderá causar sérios danos à saúde e até levar a morte. O que você acha de pessoas que consomem regularmente remédios para dormir?</p> <p><i>Resp.:</i> O Brasil é um dos países que mais consome medicamentos como ansiolíticos, antidepressivos e outros psicofármacos. A falta de controle em relação à compra sem receita médica tem contribuído para o aumento da automedicação.</p>

Quadro 4.2: Drogas: conceitos e efeitos

4.2 Dependência

Este tópico contem nove cartas originais (58 à 66, apêndice 4) que consideramos atuais. Os achados das entrevistas revelam que predomina a noção de que o consumo de drogas ilícitas é sempre prejudicial e universalmente danoso. Essa idéia possivelmente resulta do discurso hegemônico sobre as drogas que valoriza apenas os pontos negativos e não leva em conta as diferentes motivações dos usuários para o consumo e a diversidade de experiências com tais substâncias.

Rebello et al (2001) ao verificarem frente a um grupo de jovens a aceitação e motivação para o uso do *Jogo da Onda*, identificaram que o fato dos estudantes não reconhecerem algumas substâncias lícitas como drogas tampona os possíveis riscos que as mesmas podem ocasionar, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de

Considerando que essa questão também esteve abordada, julgamos importante a manutenção desses conteúdos. O fato dos jovens não reconhecerem os potenciais danos do consumo, ainda que descontínuo, de substâncias como o álcool e o tabaco, por serem drogas lícitas, facilita o não reconhecimento dos riscos que essa população poderia estar exposta.

Dentre as nove cartas, uma relaciona drogas, prazer e dependência, contemplando, assim, as diferentes dimensões do consumo de drogas. O conteúdo aborda a questão do prazer como um verdadeiro motivador para a experiência com as drogas, elemento constantemente negado nos discursos e práticas educativas sobre drogas. Ao mesmo tempo, a carta destaca que o efeito fugaz das substâncias é um fator que impulsiona a repetição da experiência e assinala que essa característica pode levar a dependência da droga.

Qual a relação entre DROGAS-PRAZER-DEPENDÊNCIA?

Mensagem: Todos nós buscamos prazer e bem-estar. Entretanto ao buscar prazer através das drogas corremos o risco de nos tornarmos dependentes, afinal só as drogas que são prazerosas é que podem gerar dependência. Ninguém se torna dependente de algo que não dá prazer. O problema é que o prazer obtido com o uso de drogas não vai nos auxiliar a lidar melhor com nossos problemas, pois é um prazer ilusório, passageiro e por vezes solitário. É como se tentássemos fugir de uma dificuldade e encontrássemos outra, muitas vezes pior.

Figura 4.1: Carta 62 do *Jogo da Onda*, tema Dependência.

4.3 Família

Os achados das entrevistas e do levantamento bibliográfico, revelam que as doze cartas originais do Jogo (cartas de 37 à 48, apêndice 4) são atuais e abordam questões

os, tais como: a dificuldade de conversar com os pais em um membro da família que usuário de drogas, a importância do diálogo entre familiares acerca do tema e a busca por alternativas facilitadoras para o mesmo e o gerenciamento de regras e limites entre pais e filhos.

Os relatos atestam que os estudantes atribuem grande relevância à convivência familiar e reconhecem as dificuldades deles e dos pais em conversar sobre o assunto. Alguns valorizam o acesso a informações corretas; outros afirmam que o repasse de conhecimento é importante, mas que somente a orientação não dá espaço para a exposição de possíveis ideias e desejos divergentes do que os pais entendem como o melhor para os filhos. Tais elementos reiteram a necessidade dos estudantes de terem um espaço aberto para a conversa e não o simples repasse de informações. Nessa direção, o jogo contempla as duas necessidades expostas pelos entrevistados.

Afinada com a perspectiva de que existem vários fatores que rivalizam não só na escolha por experimentar uma droga, bem como na configuração de um consumo abusivo e dependente, flexibilizamos em algumas cartas o papel da família como determinante e/ou causal para o consumo prejudicial, vide as cartas atualizadas abaixo.

CONTEÚDO ORIGINAL	CONTEÚDO ATUALIZADO
<p>A família pode ser considerada culpada ou vítima pelo fato de um de seus membros ser dependente de drogas? Por que?</p> <p><i>Mensagem:</i> Através das relações familiares aprendemos a vivenciar vários sentimentos (medo, amor, esperança, etc.). O importante não é apontar vítimas e culpados, mas sim identificar as causas do problema e buscar soluções de forma integrada e com a participação de todos.</p>	<p>A família pode ser considerada culpada ou vítima pelo fato de um de seus membros ser dependente de drogas? Por que?</p> <p><i>Mensagem:</i> Através das relações familiares aprendemos a vivenciar vários sentimentos (medo, amor, esperança, etc.). O importante é não perder de vista que não existem vítimas e culpados, mas sim identificar o problema e buscar soluções de forma integrada e com a participação de todos.</p>

<p>É comum haver na família de um dependente de drogas, outros membros consumidores de drogas?</p> <p><i>Resp.:</i> Sim. Com frequência se encontra uso abusivo de álcool pelo pai, ou de medicamentos pela mãe.</p>	<p>É comum haver na família de um dependente de drogas, outros membros consumidores de drogas?</p> <p><i>Resp.:</i> Sim. Pode haver entre os membros o uso abusivo de álcool, medicamentos ou qualquer outra droga.</p>
<p>O uso abusivo de drogas pode ser um sinal de desequilíbrio familiar. Certo ou errado?</p> <p><i>Resp.:</i> Certo. O uso abusivo de drogas indica uma falta de comunicação na família, tensões ou conflitos.</p>	<p>O uso abusivo de drogas pode ser um sinal de desequilíbrio familiar?</p> <p><i>Resp.:</i> O uso abusivo de drogas pode indicar uma falta de comunicação na família, tensões ou conflitos. No entanto, é importante lembrar que existem vários fatores que contribuem para o uso abusivo de drogas, sendo os conflitos familiares um deles.</p>

Quadro 4.3: Família

4.4 Metas e Futuro

A maioria dos estudantes, independente da unidade de ensino, possui como meta o ingresso em uma universidade com o objetivo de conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho e mobilidade social. Na primeira edição do jogo as metas são contempladas em três cartas (55 à 57, apêndice 4) que indagam sobre os planos para o futuro dos jovens, frente à diversidade de caminhos e alternativas profissionais e pessoais. Baseadas na recorrente menção ao ideal de uma carreira profissional, associado à continuidade nos estudos e ao processo seletivo do vestibular, sugerimos a manutenção desses conteúdos e consideramos os mesmos atuais.

O tema das relações de gênero foi incluído em sete cartas (sendo elas, as cartas 109, 111, 112, 114, 117, 121 e 139) a partir da testagem da primeira edição do Jogo. O processo de avaliação do material educativo se deu com o objetivo de conhecer a percepção e o interesse de um grupo de estudantes e de educadores ó ambos da rede pública de ensino ó, sobre os temas abordados no *Jogo da Onda*. A partir de recursos metodológicos como grupos focais, observação de partidas e questionários, as autoras buscaram avaliar a motivação e aceitação do material por parte dos dois públicos. Dentre os resultados desse processo avaliativo, houve a ampliação do conteúdo do Jogo incluindo os temas ósaúde sexual e reprodutivaó e òrelações de gêneroó, sugeridos pelos estudantes que participaram essa investigação (MONTEIRO ET AL, 2003; REBELLO ET AL, 2001).

Apesar de não termos identificado diferenças significativas de gênero nas respostas dos entrevistados, acreditamos que as questões de gênero estão articuladas, direta e indiretamente, com outros temas bastante presentes no universo juvenil como as práticas sexuais e os relacionamentos interpessoais. Desse modo, consideramos importante a manutenção dessa sessão e a atualidade dos conteúdos das referidas cartas.

4.6 Religiosidade

O presente tema é tratado na primeira edição do jogo a partir de quatro cartas (51 à 54, apêndice 4). Constatamos que o assunto é abordado tanto na dimensão microsocial, ao trazer questões relacionadas a práticas religiosas no contexto individual, quanto na dimensão macrossocial, associando o consumo de drogas a rituais religiosos. Dito de outra forma, no conteúdo do Jogo foi contemplado o consumo de substâncias psicoativas em rituais religiosos como uma prática historicamente presente. Consideramos que esse enfoque contribui para os jogadores informem-se dos diferentes tipos e motivações para o consumo de drogas. Dessa forma, os conteúdos das cartas sobre o presente tema são pertinentes e atuais e devem ser mantidas; não sendo identificada a necessidade de criação de novas cartas sobre esse assunto.

Os nossos achados evidenciam o desconhecimento, por parte dos estudantes, acerca do manejo com pessoas que vivenciam as consequências do uso abusivo de drogas. Como expusemos no capítulo anterior, alguns estudantes experimentam os problemas do consumo problemático de familiares e demonstraram o desconhecimento de como lidar com essa situação. O que certamente reflete não só questões práticas, como o tipo de informação apropriada sobre tratamentos e possíveis encaminhamentos, mas questões afetivas e acesso a serviços e meios de suporte social.

Na primeira edição o tema foi abordado somente em uma carta (carta 15) sobre a internação em clínica de tratamento para dependentes de drogas. Para a atualização julgamos necessário incluir uma resposta a essa carta que aborde o tratamento para o consumo abusivo e para a dependência de uma determinada substância como um processo constituído de uma série de estratégias, sendo a internação parte desse processo, que pode ser lançada mão ou não. Essa ideia foi exposta brevemente em uma outra carta do jogo, mas com enfoque nas relações familiares (carta 37, apêndice 4).

O tratamento para o uso dependente pode incluir o acompanhamento psiquiátrico (com o médico psiquiatra para a possível prescrição de um medicamento aliado nos primeiros momentos sem a droga), psicoterápico (com o psicólogo para trabalhar o autoconhecimento, o desenvolvimento da conscientização de si, do consumo de drogas entre outros), a participação e o apoio da família em ambos os contextos.

CONTEÚDO ORIGINAL	CONTEÚDO ATUALIZADO
<p>As clínicas de tratamento de dependentes de drogas propõem reflexões e orientações que incluem a promoção da autoestima, do autoconhecimento e a descoberta de interesses positivos na vida. O que mais você considera importante para o tratamento?</p>	<p>As clínicas de tratamento de dependentes de drogas propõem reflexões e orientações que incluem a promoção da autoestima, do autoconhecimento e a descoberta de interesses positivos na vida. O que mais você considera importante para o tratamento?</p>

	<p>Resp.: A dependência de drogas é um problema de saúde que pode causar sérias consequências não só para a pessoa que consome a droga, bem como para os seus familiares e amigos. É comum que as pessoas desconheçam como lidar com a problemática. Existem possibilidades de ajuda em alguns contextos. É importante pedir auxílio a um profissional de saúde, que pode ser um médico ou um psicólogo. A partir daí o profissional poderá fazer o encaminhamento para um tratamento regular, podendo incluir ou não a internação em uma clínica de tratamento para dependentes de drogas.</p>
--	---

Quadro 4.4: Tratamento

4.8 Legislação e Violência, tráfico e polícia

A primeira versão do jogo possui quatro cartas sobre o tema "Legislação" (cartas 85 à 88) e mais quatro sobre "Violência, tráfico e polícia" (cartas 81 à 84, apêndice 4).

Uma das cartas sobre "legislação" aborda as penalidades para o produtor e traficante e tendo por base a legislação vigente no período de criação do Jogo, 1998, qual seja, a Lei de Tóxicos No. 6.368/1976. Em 2006 foi promulgada uma "nova lei" sobre drogas, a Lei No. 11.343 que precisa ser incluída no Jogo. Tal carta deve ressaltar as diferenças entre as consequências legais para o usuário e traficante. Esta nova lei tem gerado controvérsias pelo fato de atribuir ao juiz a determinação sobre a finalidade da droga apreendida (consumo pessoal ou comercialização) sem haver a definição clara dos critérios que caracterizam cada situação, como a natureza e a quantidade da substância e os antecedentes do suposto "criminoso". As cartas abaixo se referem à atualização da nova lei.

	CONTEÚDO ATUALIZADO
<p>Quais as penalidades ou consequências legais para o produtor e/ou traficante de drogas?</p> <p>Resp.: Pena de 3 a 15 anos de reclusão (Lei n1/4 6.368/76). Nem sempre essas penas são cumpridas. Por quê? Reflita, discuta.</p>	<p>Quais as penalidades ou consequências legais para o usuário e para o traficante de drogas ilícitas (maconha, cocaína e outras)?</p> <p>Resp.: Ao usuário, a lei atribui três tipos de pena: advertência sobre os efeitos das drogas, prestação de serviços à comunidade (de 5 a 10 meses) e medida educativa de comparecimento a programa educativo. Para quem produz ou comercializa drogas (tráfico), a lei atribui pena de 5 a 15 anos de reclusão e pagamento de multa de 500 a 1.500 reais. A Lei 11.343 está em vigor desde 23 de agosto de 2006.</p>
<p>Um policial flagrou Rose e Mauro fumando maconha. Pela lei, o que deve acontecer com eles?</p> <p>Resp.: Segundo a legislação brasileira eles responderiam a um processo e poderiam pegar uma pena de 6 meses a 2 anos de reclusão (Lei N¼ 6.368/76). Nem sempre essas penas são cumpridas. Por quê? Reflita, discuta. Obs: Já foi encaminhado para o Congresso Nacional a proposta de discriminação do uso de drogas que se refere à diferenciação legal entre consumidor, produtor e traficante. Se esta lei for aprovada o consumidor não será necessariamente tratado como criminoso, o juiz decidirá se o caso é de prisão, tratamento</p>	<p>Um policial flagrou Rose e Mauro fumando maconha. Pela lei, o que deve acontecer com eles?</p> <p>Resp.: A legislação brasileira (Lei 11.343/2006) não definiu a quantidade de droga ilícita que tipificaria õusuárioö e õtraficanteö, deixando a cargo dos delegados a definição. Caso Rose e Mauro sejam considerados usuários, eles devem receber uma advertência sobre os efeitos das drogas, ou ainda prestarem serviços à comunidade (de 5 a 10 meses) ou cumprir uma medida educativa de comparecimento a programas educativos.</p>

Quadro 4.5: Legislação e Violência, tráfico e polícia

Os estudantes apresentaram muitas dificuldades em diferenciar e, especialmente, em definir o que consiste as propostas de liberação, legalização e descriminalização das drogas. Frente ao desconhecimento dos jovens e a relevância desses termos para o atual debate mundial em torno da prevenção ao uso abusivo de drogas, cabe ampliar as considerações acerca dessa temática no jogo, como indicado abaixo:

CONTEÚDO ORIGINAL	CONTEÚDO ATUALIZADO
<p>Qual a diferença entre discriminação e liberação da droga?</p> <p>Resp.: Discriminar significa despenalizar, ou seja, deixar de ser um ato criminoso o porte da droga para uso próprio, não importando se se trata de um usuário ocasional ou de um dependente. A produção e a comercialização de drogas ilícitas continuam sendo ilegal, isto que dizer que as drogas ilícitas não seriam liberadas. Liberação significa despenalizar a produção e a comercialização dos tóxicos, e assim legalizar produção venda e uso.</p>	<p>Qual a diferença entre liberação, legalização e discriminação de droga?</p> <p>Resp.: A liberação é a ausência de qualquer regulamentação da produção e comercialização das drogas. Vale lembrar que qualquer produto para ser cultivado e comercializado precisa respeitar regras e normas para tal. Logo, essa proposta é um tanto utópica.</p> <p>A legalização propõe a regulamentação do ciclo de produção, comercialização e consumo. Ou seja, serão estipuladas regras que envolvem a tributação e controle dos produtos.</p> <p>Descriminalização significa despenalizar, ou seja, deixar de ser um ato criminoso o porte da droga para uso próprio, não importando se a pessoa é um usuário ocasional ou de um</p>

dependente.

Quadro 4.6: Legislação e Violência, tráfico e polícia II

4.9 Consumo de bens materiais

Dentre os valores vigentes na contemporaneidade, destaca-se a importância do consumo. Essa lógica influencia a inserção de todos os indivíduos na sociedade e atravessa a juventude. Estudos apontam o investimento de grandes empresas especialmente nesse público, incentivando o consumo de produtos exclusivos voltados para a faixa etária (FREIRE FILHO E LEMOS, 2008).

Para Soares (1997) as drogas também se tornam objetos de consumo e ganham significados em meio a tantos outros. Almeida e Eugenio (2005) exemplificam essa ideia a partir das festas *raves*, onde existe um repertório de elementos de consumo, material e simbólico, que compõe o cenário: a música eletrônica, o vestuário e o consumo de drogas, especialmente as chamadas *drogas sintéticas*.

Para nos orientar sobre o tema, tomamos como base as concepções de Canclini (1997) sobre a *teoria sociocultural do consumo* (p. 52), que busca responder o que é consumir e seus significados, ressaltando a importância de uma perspectiva multidisciplinar que integre saberes das teorias econômicas, sociológicas, psicanalíticas, psicossociais e antropológicas, bem como das teorias literárias e estéticas. Essa confluência teórica permitiria uma concepção global do fenômeno que inclui *os processos de comunicação e recepção de bens simbólicos* (p. 53), que se distancia de um olhar do senso comum, onde o ato de consumir é desqualificado moralmente e intelectualmente e relacionado apenas a gastos supérfluos, influenciados pelos meios de comunicação.. É importante pensar o ato de consumo enquanto um processo que transcende a manipulação das mídias tradicionais e atuais. Tal visão desconstrói a ideia de hegemonia cultural, onde a mídia funciona como o único mediador social; existem diversos mediadores, como a família e as relações interpessoais em geral, a escola e espaços de educação não formal, a mídia, etc. O essencial nesse cenário é entender que todo e qualquer tipo de mediação está atravessada por uma única racionalidade econômica. Dito de forma mais específica, as estruturas de administração do capital

o consumo funciona como um momento do ciclo de consumo que possui uma etapa anterior e indissociável que é a geração de produtos, onde acontece a expansão do capital e a reprodução da força de trabalho. Frente a esses argumentos e aos depoimentos dos alunos acerca de práticas de consumo, sugere-se a inclusão de duas novas cartas sobre o processo do consumo na sociedade contemporânea, visando estimular uma reflexão acerca dos seus significados e suas implicações para o uso de drogas.

Consumo de bens materiais: novas cartas
<p>Luisa usa o dinheiro de sua mesada para pagar seus gastos diários. Felipe tem um cartão de crédito que sua avó lhe deu, com uma quantia mensal estipulada, para ele comprar o que quiser; ele geralmente compra jogos pela internet ou investe em roupas. João não recebe mesada, mas guarda o dinheiro que ganha no seu aniversário para fazer uma viagem quando completar 19 anos. E você, recebe mesada? Como faz para custear seus gastos?</p>
<p><i>Hoje em dia é muito mais fácil você encontrar um adolescente em uma loja de roupa do que, sei lá, em uma livraria, comprando um livro.</i> Luciana, 14 anos.</p> <p>Qual é a sua opinião sobre o relato acima?</p> <p><i>Mensagem:</i> É importante parar para pensar sobre o que precisamos e desejamos comprar. Não existem regras de certo e errado sobre o que deve ser consumido, mas cabe avaliar a necessidade, as motivações e se temos possibilidade de adquiri-lo.</p>

Quadro 4.7: Consumo de bens materiais: novas cartas.

4.10 Visão do usuário e Discriminação

A visão acerca do usuário de drogas foi abordada na primeira edição do jogo, nas cartas 25 e 26. No entanto, com base em questionamentos dos alunos entrevistados

em relação à homossexualidade, identificamos a
as cartas centradas em situações sobre as diversas
formas de discriminação associadas à inserção social, cor/raça, diversidade sexual,
aparência, entre outras. Essa inclusão igualmente se justifica pelo comprometimento das
ações educativas orientadas pela abordagem da Redução de Danos com o respeito à
singularidade humana.

Visão do usuário e Discriminação: novas cartas

Ao sair de uma festa, a caminho de casa, Marcos presenciou a seguinte cena: três rapazes, na faixa etária de 15 a 17 anos, estavam chutando e xingando um morador de rua que dormia em uma calçada. Marcos ficou nervoso e sem saber o que fazer...

Continue a história se colocando no lugar de Marcos.

Questões para você refletir:

O que você acha que levou os três rapazes a agir dessa forma?

O usuário de drogas ilícitas é visto com frequência sob dois aspectos: como um criminoso, por consumir uma substância não regulamentada, ou como uma pessoa adoecida, por consumir drogas de forma compulsiva. E você, o que você pensa sobre as pessoas que consomem drogas ilícitas?

Rafael e Francisco fumavam maconha em uma praça nas proximidades da comunidade onde ambos residem. Os dois trajavam bermuda, chinelo e camiseta. Rafael é negro. Francisco trabalha como entregador em uma farmácia. João e Catarina foram a praia encontrar outros amigos. Quando lá chegaram perceberam que o grupo fumava maconha.

O que você imagina que aconteceria se a polícia aparecesse, em ambos os contextos?

brasileira sobre drogas (Lei 11.343/2006)
 quantidade de droga ilícita que tipificaria o
 usuário e o traficante.

Quadro 4.8: Visão do usuário e Discriminação: novas cartas.

4.11 Práticas de Redução de Danos

Como já mencionado, a abordagem que orientou a criação do jogo e que norteia a sua revisão e atualização é a Redução de Danos. Com base nos depoimentos dos jovens acerca do consumo pessoal de drogas, verificamos a importância de incluir cartas centradas na redução dos danos do consumo, relativas, por exemplo: à intoxicação pelo álcool, a dicas de tratamento para a overdose, questionamentos de crenças equivocadas, como é melhor beber porque comer engorda. Além da manutenção das cartas existentes (75 à 77, apêndice 4), atualizamos as informações de uma das cartas referente ao tema Trabalho preventivo/ Propaganda, indicada a seguir:

CONTEÚDO ORIGINAL	CONTEÚDO ATUALIZADO
<p>Está previsto por lei a inclusão do tema prevenção às drogas nos programas do curso de formação de professores. Certo ou errado?</p> <p><i>Resp.</i> Certo. Está previsto na lei antitóxica nº 6368/1976. É necessário que haja programas educativos que discutam as razões e consequências do uso de drogas, oferecendo alternativas, ao invés de omitir o assunto.</p>	<p>Está previsto por lei a inclusão do tema prevenção às drogas nos programas do curso de formação de professores. Certo ou errado?</p> <p><i>Resp.</i> Certo. De acordo com a Lei (11.343/2006) está previsto o estabelecimento de políticas de formação continuada na área da prevenção do uso indevido de drogas para profissionais de educação nos 3 (três) níveis de ensino; a implantação de projetos pedagógicos de prevenção do uso indevido de drogas, nas instituições de ensino público e privado, alinhados às Diretrizes Curriculares Nacionais e aos conhecimentos relacionados a</p>

Quadro 4.9: Práticas de Redução de Danos.

4.12 Mídias e mediações socioculturais

Na contemporaneidade somos atravessados por uma diversidade de tipos de mídias. A ampliação dos meios de comunicação, das mídias tradicionais (televisão, jornais, revistas, o rádio, etc) à internet, são fruto de inúmeras transformações que transcendem as mudanças tecnológicas, mas derivam de um somatório de mudanças econômicas e políticas (SODRÉ, 2008). As mídias influenciam a construção e a divulgação de discursos que funcionam como ideias, representações, conceitos que são usados para nomear experiências e percepções. Esse trabalho assume uma perspectiva dos fenômenos midiáticos que se distancia da ideia das mídias como um elemento puramente de manipulação ao considerarmos que a mesma profere diversos discursos..

A juventude da atualidade nasceu imersa nesse cenário fortemente influenciado por dispositivos midiáticos (FREIRE FILHO, 2006). A internet é um meio de comunicação e informação, inserido na vida das pessoas em geral, e dos jovens, em particular. Tais aspectos foram fortemente observados nas entrevistas que realizamos. Desse modo, foram propostas 03 novas cartas para o *Jogo da Onda* sobre o uso de veículos midiáticos, por se configurarem como uma fonte discursiva de atribuições de significados às vivências humanas e, se constituírem como espaços abstratos e simbólicos de socialização.

Mídias e mediações socioculturais: novas cartas
Os pais de Maria reclamam que ela passa muitas horas do seu dia em frente ao computador. Juliana diz que não consegue ficar um dia sem acessar seus emails. E pra você, qual é a função da internet na sua vida?
Na televisão ouvimos várias opiniões acerca de diversos assuntos, como no caso do consumo de bebidas alcoólicas: ao mesmo tempo

ndas muito bem elaboradas, com pessoas do cerveja, também nos deparamos com dados estatísticos que indicam que o álcool é a droga mais consumida no país e que é a maior responsável pelos gastos com a saúde pública. Como você recebe as informações que são divulgadas pela mídia?

Juliana acredita que as propagandas de bebidas alcoólicas não deveriam ser proibidas, pois *elas podem até influenciar algumas pessoas para o consumo, mas não obrigam as pessoas a beberem*. Para a jovem de 16 anos é necessário que haja um preparo anterior dos pais, a partir de conversas e orientações, para que as pessoas consigam saber o que querer e assumir a responsabilidade pelas suas atitudes. O que você acha da opinião da Juliana?

Quadro 4.10: Mídias e mediações socioculturais: novas cartas

4.13 Motivação e prazer

As cartas da primeira edição (carta 18 à 24) abordam todos os aspectos motivacionais referidos pelos jovens, como fuga de problemas, questões familiares, aspectos macrossociais como o incentivo a práticas de consumo e, especialmente, a influência dos pares. Poucos estudantes abordaram a questão do prazer, mas o conteúdo original do jogo privilegia o tema e após a revisão consideramos a atualidade do mesmo. Nos relatos dos estudantes foi observado que a pressão dos amigos para o consumo de drogas é projetada para terceiros e não reconhecida como uma experiência pessoal. Ou seja, os jovens não se vêem alvo do incentivo do grupo. Vários aspectos influenciam o não reconhecimento, já que reconhecer-se como alvo de influência significa assumir uma vulnerabilidade ou ser classificado como influenciável ó comportamento muito criticado entre os estudantes.

De acordo com Shencker e Minayo (2005) existe um movimento global de supervalorização da influência dos pares que pode ser motivado pela não responsabilização de õinstituiçõesõ tradicionalmente encarregadas da educação do jovem, como a família e a escola. O uso de drogas se dá a partir da integração de vários

grupo de amigos é amenizar a responsabilidade de a perspectiva das autoras nos leva a pensar na importância de refletir e investigar até que ponto os estudantes experimentam essa influência e em que medida eles difundem e reforçam uma ideia amplamente valorizada e divulgada. Na primeira versão do jogo, foi criada uma estratégia para lidar com essa possível dificuldade de falar de si próprio ao criar histórias de terceiros e solicitar que os jogadores se posicionem como se fossem o personagem da história.

4.14 Relacionamentos Afetivos Sexuais

A diversidade de interações e relacionamentos afetivos-sexuais, como o *ôficarô*, namorar, sair, entre outras modalidades, é tratada no conteúdo original do material educativo, especialmente após a avaliação e ampliação do mesmo com a criação de novas cartas. No entanto, as interações e relacionamentos afetivos e sexuais no que se refere à diversidade de possibilidades de pares, é abordada apenas em relação à homossexualidade. A partir dos dados colhidos nas entrevistas, observamos a pertinência de ampliar o tema da experimentação e variação das identidades e práticas sexuais, particularmente entre os jovens. Tais aspectos tem analisados em estudos recentes com jovens (MONTEIRO et al, 2010).

Considerando a proposta do *Jogo da Onda* de abordar temas considerados tabus, como o consumo de drogas, práticas sexuais e outros, acreditamos na importância de trazeremos para a discussão situações relacionadas a esse assunto. O clima de descontração característico de um material educativo baseado em recursos lúdicos, fomenta a abertura dos jogadores não só para exporem suas opiniões e experiências, mas especialmente adquirir novos conhecimentos não só a partir das informações repassadas pelo Jogo, como também a através das trocas entre os pares.

Relacionamentos Afetivos Sexuais: novas cartas
õNa minha escola é assim: uma semana eu vejo uma menina namorando um menino, na próxima eu já encontro a mesma menina ficando com outra meninaõ. Alice, 16 anos.
O que você acha do depoimento da Alice sobre o que ela presencia

Ana gosta de meninas, mas não tem coragem de conversar com os pais sobre o assunto porque acredita que eles irão lhe criticar. E você, como você imagina que seus pais reagiriam caso você gostasse de pessoas do mesmo sexo que o seu?

Quadro 4.11: Relacionamentos Afetivos Sexuais: novas cartas

4.15 Baralho Dicionário

As cartas dicionário, com informações e conceitos, foram revisadas e após a atualização serão mantidas na nova edição do jogo.

CONTEÚDO ORIGINAL	CONTEÚDO ATUALIZADO
<p>Ácido Lisérgico (LSD)</p> <p>Esta droga, pouco usada no Brasil, é produzida em laboratórios e encontrada sob a forma de pequenos comprimidos ou de soluções onde se molham pedacinhos de papel. Produz alterações e visões distorcidas, podendo dar ao usuário sensações agradáveis ou desagradáveis, como ideias de perseguição ou impressão de terror. Nada garante que a pessoa terá uma boa viagem, pelo contrário, esta poderá ser má e traumatizante. O uso do LSD tem potencial para dependência psíquica.</p>	<p>Ácido Lisérgico (LSD)</p> <p>Esta droga, pouco usada no Brasil, é produzida em laboratórios e encontrada sob a forma de pequenos comprimidos ou de soluções onde se molham pedacinhos de papel. Produz aumento da frequência cardíaca, dilatação da pupila, alterações e visões distorcidas, podendo dar ao usuário sensações agradáveis ou desagradáveis, como ideias de perseguição ou impressão de terror. Nada garante que a pessoa terá uma boa viagem ou uma má viagem. Na boa viagem costumam acontecer alucinações com formas coloridas e aumento da percepção visual e auditiva. A má viagem é caracterizada por depressão, alterações sensoriais assustadoras e sensação de pânico. O uso do LSD tem potencial para dependência psíquica.</p>

Alucinógenos (cogumelos, cactus)

Há várias plantas que contêm substâncias alucinógenas, entre alguns cactus, cipós e cogumelos. De um cogumelo que cresce no estrume do boi faz-se o ôchá de cogumeloö; a mesalina se encontra em certos cactus e o daime e a dartura em alguns cipós. Todas essas substâncias fazem ôviajarö. A duração, a intensidade e o retorno dessa viagem dependem da dose e da resistência individual. Desconhece-se a possibilidade de dependência psicológica/física. Mas há potencial para a tolerância.

Alucinógenos (cogumelos, cactus)

Existem várias plantas que contêm substâncias alucinógenas, entre alguns cactus, cipós e cogumelos. Historicamente, ao longo de vários séculos, o uso de cogumelos esteve associado a contextos religiosos. De um cogumelo que cresce no estrume do boi faz-se o ôchá de cogumeloö; a mesalina se encontra em certos cactus e o daime e a dartura em alguns cipós. Todas essas substâncias fazem ôviajarö. A duração, a intensidade e o retorno dessa viagem dependem da dose e da resistência individual. Desconhece-se a possibilidade de dependência psicológica/física. Mas há potencial para a tolerância.

Anfetaminas

As anfetaminas têm fins terapêuticos quando utilizadas sob orientação médica, como estimulantes ou moderadores de apetite. Entretanto, apesar de controladas, muitos fazem uso indevido destas drogas, para melhorar a concentração, ficar acordado mais tempo ou emagrecer. O uso moderado e prolongado provoca nervosismo, insônia, agressividade, irritabilidade, podendo gerar sintomas conhecidos como ôpsicose anfetamíniaö (o usuário passa a ter alucinações e delírios). As anfetaminas têm

Anfetaminas

São drogas estimulantes, usadas para diminuir o cansaço, afastar o sono e reduzir o apetite. Conhecidas popularmente como ôbolaö, ôbolinhaö e ôrebiteö, são muito usadas no Brasil sob a forma de remédios ou fórmulas com o objetivo de emagrecer e melhorar a concentração para longas jornadas de estudo e trabalho. A OMS (Organização Mundial de Saúde) recomenda a prescrição de anfetaminas somente para pessoas que apresentem Índice de Massa Corporal acima de 40 (o IMC indica se uma pessoa está obesa

<p>dependência física. Há potencial para desenvolvimento de tolerância.</p>	<p>dependência ou não). As anfetaminas têm potencial para provocar forte dependência psicológica podendo também provocar dependência física. Há potencial para desenvolvimento de tolerância e síndrome de abstinência.</p>
<p>Bebidas alcoólicas</p> <p>A venda e o consumo de álcool no país não são proibidos, exceto em determinados casos como por exemplo: vender álcool a menores ou dirigir embriagado. O uso prolongado ou abusivo, entretanto, provoca muitos danos à saúde, tais como: cirrose hepática, lesões diversas do sistema nervoso, etc, podendo levar à dependência física. Além dos danos físicos, o uso indevido de bebidas alcólicas gera, muitas vezes, problemas sociais como grandes prejuízos para a vida do usuário, seus familiares e amigos.</p>	<p>Bebidas alcoólicas</p> <p>O consumo de álcool está associado a momentos de comemoração bem como a situações de prejuízos, como, por exemplo, os acidentes de trânsito. Apesar de ser uma substância lícita, a venda de álcool é proibida para menores de idade e dirigir embriagado gera problemas para o motorista, já que a ingestão de álcool diminui a coordenação motora e os reflexos. O efeito do álcool no organismo é chamado de bifásico. Isso significa que existem duas fases: a primeira é estimulante, a pessoa pode ficar eufórica, desinibida. A segunda é a fase depressora, e pode acontecer a falta de coordenação motora, descontrole e sono. Quando o consumo é muito exagerado o efeito depressor pode provocar o estado de coma.</p>
<p>Calmantes (Ansiolíticos e Tranquilizantes)</p> <p>Estes são os medicamentos mais vendidos no mundo; usados sob controle médico para o tratamento da angústia, depressão e ansiedade, tem fins terapêuticos. Entretanto, seus efeitos são apenas sintomáticos, ou seja, diminuem os sintomas mas não resolvem os problemas que geram a ansiedade. O uso prolongado e não controlado dessas substâncias pode levar à dependência física e psíquica.</p>	<p>Calmantes (Ansiolíticos, Benzodiazepínicos, Tranquilizantes)</p> <p>São os medicamentos mais vendidos no mundo; usados sob controle médico, tem fins terapêuticos para ansiedade e insônia intensa. Entretanto, seus efeitos são apenas sintomáticos, ou seja, diminuem os sintomas, mas não resolvem os problemas que geram a ansiedade. A OMS (Organização Mundial de Saúde) alerta que a prescrição dessa droga tem sido feita de forma indiscriminada e</p>

	<p>recomenda a prescrição por períodos entre 2 a 4 semanas, no máximo. O uso prolongado e não controlado pode levar à dependência física e psíquica. Os benzodiazepínicos possuem alto potencial para o desenvolvimento de tolerância e síndrome de abstinência.</p>
<p>Cocaína</p> <p>É uma das substâncias tóxicas mais difundidas no mundo atual. Originária dos Andes, a cocaína é extraída das folhas de um arbusto que contem alcaloides da coca. Os nativos da região têm o hábito de mascar as folhas. A forma comercial mais usada é o pó. Também conhecida como ôbrilhoö, õrealceö ou õpöö. Ela pode ser inalada, esfregada na gengiva, diluída em água e injetada (õpicoö). O uso de cocaína dá uma sensação de euforia, poder, tira o sono e a fome. Em excesso, leva à insônia, à ideia de perseguição e à tendência ao isolamento. O hábito de injetar cocaína na veia, com compartilhamento de seringas, gera o grande risco de se contaminar com perigosas infecções, entre elas a AIDS. O uso de cocaína tem potencial para alta dependência psicológica, havendo possibilidade de dependência física e potencial para a tolerância.</p>	<p>Cocaína</p> <p>Originária dos Andes, a cocaína é extraída das folhas de um arbusto que contem alcaloides da coca. Os nativos da região têm o hábito de mascar as folhas. Ela é usada também sob a forma de pó, aspirada pelo nariz, como pode ser diluída em água e injetada (õpicoö, õpelos canosö). O hábito de injetar cocaína na veia, com compartilhamento de seringas, aumenta o risco para a transmissão de hepatite e contaminação do HIV/AIDS. O uso de cocaína gera um estado de excitação, hiperatividade, perda de sensação do cansaço, falta de apetite e sono. Em excesso, leva à insônia, à ideia de perseguição e à tendência ao isolamento. A cocaína é altamente tóxica e tem alto potencial para dependência psicológica, havendo possibilidade de dependência física e potencial para a tolerância.</p>
<p>Crack</p> <p>Uma maneira mais recente de se usar a cocaína. A partir da pasta obtêm-se as pedras, ou cristais, e estes são fumados em cachimbos de água, produzindo efeitos mais rápidos que o</p>	<p>Crack</p> <p>Uma maneira mais recente de se usar a cocaína. A partir da pasta (merla) obtêm-se as pedras (crack), ou cristais, que são pouco solúveis em água, mas que se volatizam</p>

<p>perigosa, graves e frequentemente morte por superdosagem. Induz dependência com mais facilidade. Originária dos Estados Unidos, onde é utilizada mais frequentemente por populações marginalizadas e minorias étnicas (negros, hispano-americanos), está se difundindo rapidamente no Brasil, inclusive entre crianças e adolescentes em situação de rua.</p>	<p>quando são aquecidos, portanto, são fumados em cachimbos, produzindo efeitos mais rápidos que o ópio. Consequentemente é mais perigosa, provocando danos pulmonares graves e frequentemente morte por superdosagem. Induz dependência com mais facilidade. Originária dos Estados Unidos, onde é utilizada mais frequentemente por populações marginalizadas e minorias étnicas (negros, hispano-americanos), está se difundindo rapidamente no Brasil, inclusive entre crianças e adolescentes em situação de rua.</p>
<p>Inalantes</p> <p>São substâncias tóxicas voláteis que podem ser inaladas (cheiradas). Seus efeitos produzem desde perda de equilíbrio e/ou alucinações até consequências mais graves como para respiratória e coma. Entre tais substâncias temos o éter, o clorofórmio, o ôcheirinho da loló e o lança perfume. Outras são solventes muito usadas na indústria, a mais conhecida delas é a cola de sapateiro. O uso de solventes pode provocar dependência física e moderada dependência psicológica. Seu uso está ligado à possibilidade de tolerância. Muitas vezes, a via de administração (o saquinho plástico) pode originar complicações (asfixia).</p>	<p>Solventes ou Inalantes</p> <p>É uma substância que dissolve outra. Alguns solventes tem a propriedade de se evaporar e por isso são inalados para obter alterações psíquicas. Assim como o álcool, tem efeito bifásico: causam excitação inicial (euforia, perturbações auditivas e visuais) e depois depressão (perda de equilíbrio, confusão mental), até consequências mais graves como parada respiratória e coma. Entre tais substâncias temos vários produtos de uso doméstico e industrial, como as colas (especialmente de sapateiro), o éter, o clorofórmio, o ôcheirinho da loló e o lança perfume. O uso de solventes pode provocar dependência física e moderada dependência psicológica. Há possibilidade de tolerância. Cuidado: a via de administração (o saquinho plástico) pode originar complicações (asfixia).</p>
<p>Maconha</p> <p>A maconha é muito difundida no Brasil,</p>	<p>Maconha</p> <p>A maconha é muito difundida no Brasil e no</p>

<p>a sua planta</p> <p>o cannabis sativa é preparada em forma de cigarros (na gíria conhecidos como baseados, fininhos, etc). Ela atua no sistema nervoso central, modificando a percepção do tempo e espaço; seus efeitos variam de intensidade de acordo com a quantidade e o tempo de uso. Sabe-se, entretanto, que o uso intensivo e prolongado compromete a fertilidade (que se recupera com a interrupção); como outras drogas, se usada de forma intensiva, faz com que o usuário perca o interesse pela realidade, em função da sua relação com o produto usado. Há potencial para dependência psicológica.</p>	<p>o mundo, apesar de atualmente ser proibido o seu cultivo e a sua venda em muitos países. Extraída das folhas e flores da planta o cannabis sativa é preparada em forma de cigarros (o baseados, o backö, etc.). Historicamente ela foi usada como meio de sobrevivência, por suas propriedades têxteis, na confecção de cordas e roupas. Atualmente discute-se a utilidade da droga para diversos fins terapêuticos. Ela atua no sistema nervoso central, modificando a percepção do tempo e espaço; seus efeitos variam de intensidade de acordo com a quantidade, o ambiente, a expectativa e o tempo de uso. Dentre eles, leve euforia, relaxamento, olhos avermelhados, boca seca e taquicardia. O uso regular de maconha está associado à ansiedade, paranóia, pânico e depressão. Pode gerar problemas de atenção e motivação. Há potencial para dependência psicológica.</p>
<p>Nicotina</p> <p>No mundo inteiro se desenvolvem campanhas de esclarecimento sobre os danos causados pelo tabaco. Diante dessas campanhas os fabricantes vêm aumentando o teor da nicotina para garantir o consumo. O uso do fumo, principalmente o do cigarro, é responsável por inúmeros casos de bronquite crônica, asma, enfisema pulmonar, câncer de pulmão, hipertensão e outros problemas respiratórios e circulatórios. Parar de fumar pode não ser fácil, logo é melhor não entrar nessa!</p>	<p>Nicotina</p> <p>A forma mais comum de consumo da nicotina é pelos cigarros de tabaco, mas existem outras formas como os charutos e cachimbos. A nicotina é uma droga estimulante que produz uma forma mais branda de euforia, talvez por isso os seus usuários a consumam em grande quantidade. O uso de tabaco está associado a diversos tipos de câncer, enfisema pulmonar, bronquite crônica, hipertensão, infartos e outros problemas. Além da nicotina, o tabaco contém mais de 4000 substâncias. Há alto potencial para dependência física e psicológica. Na síndrome de abstinência os sintomas são irritabilidade, ansiedade,</p>

	<p>depressão, aumento do apetite e vontade intensa de fumar.</p>
<p>Xaropes</p> <p>Os opióides (morfina, heroína e codeína) são muito usados na medicina como analgésicos e anestésicos. Entram na composição de vários medicamentos para combater a tosse e dores fortes. Provocam sonolência, diminuição dos estímulos, e, às vezes, sensações de euforia e de bem estar. Os xaropes até hoje são muito usados entre jovens, apesar de sua venda ser proibida sem receita médica. Os opióides tem potencial para provocar uma alta dependência física e psíquica, com graves consequências para a saúde, como convulsões e até morte.</p>	<p>Opiáceos (Xaropes, Morfina, Codeína, Heroína)</p> <p>São drogas com fins terapêuticos muito importantes, pois são poderosos analgésicos e anestésicos. No entanto, são usados também como drogas de abuso. Dentre seus efeitos, reduz ou elimina a sensação de dor, sonolência, deprime o centro da tosse, diminuição dos estímulos, e, às vezes, sensações de euforia e de bem estar. Os xaropes até hoje são muito usados, apesar de sua venda ser proibida sem receita médica por conterem codeína. Os opióides tem alto potencial para provocar dependência física e psíquica, com graves consequências para a saúde, como convulsões e até morte.</p>
<p>Ecstasy (extase)</p> <p>Nascido na Alemanha (sintetizado em laboratório/1912), espalhado pela Europa, o ecstasy chegou ao Brasil depois de passar pelos EUA; onde sua venda foi proibida, em 1995, como sendo uma droga de alto risco de dependência. Esta droga é uma mistura de alucinógeno com anfetamina (estimulante) e tem uma ação fulminante sobre o sistema nervoso central. Seu uso proporciona uma</p>	<p>Ecstasy ou Êxtase (MDMA ó metilenedioximetanfetamina)</p> <p>Nascida na Alemanha, em 1912, o MDMA é uma droga sintética (feita em laboratório), derivada da anfetamina, e usada para combater o sono e a fome. Há registros do uso associado a momentos de diversão por volta da década de 70, nos EUA. Hoje, no Brasil e no mundo o uso do ecstasy é associado a festas <i>raves</i> e boates ondem tocam música</p>

<p>desempenho sexual. Ao desregular o sistema antidiurético, que evita a perda de líquidos pelo organismo, o consumo de ecstasy pode levar à morte. Vendido sob a forma de comprimidos, é também conhecido como a ôdroga do amorö. É mais consumido, em casas noturnas, por jovens de classe média alta.</p>	<p>ura do eletrônica. No entanto, para frequentar esses lugares e curtir a música, não necessariamente uma pessoa precisa consumir o ecstasy. Na forma de comprimidos, possui efeitos mistos (estimulantes e perturbadores). Dentre eles, causa ansiedade e alteração o pensamento, o humor, a memória e a percepção da realidade ó pessoa pode ter alucinações, visuais e auditivas. Aumenta a frequência cardíaca e a temperatura do corpo, causando desidratação, náuseas, convulsões e até a morte. Causa muita sede e por isso costuma ser consumida associada a energéticos e bebidas alcoólicas, o que pode ser uma combinação perigosa.</p>
--	---

Quadro 4.12: Baralho dicionário

Após a revisão avaliamos que o conteúdo das cartas referentes ao temas amizade; autoconhecimento e autoestima (67 à 73, apêndice 4); automedicação; iniciação sexual; gravidez; sexo seguro e drogas; escola (78 à 80) e situações socioculturais (74), estão atualizados e não precisam ser alterados ou ampliados.

O *Jogo da Onda*, enquanto um material educativo, tem como objetivo promover o aprendizado de determinados temas tendo como fio condutor a interação social. Facilitada e promovida a partir da dinâmica do jogo, a troca relacional se dá através do diálogo entre os participantes acerca dos conteúdos que o compõem. Estes, por sua vez, buscam não somente fornecer informações corretas sobre o assunto, esclarecendo dúvidas e ideias preconcebidas, como também promover reflexões sobre as diferentes dimensões do fenômeno do consumo de drogas. A contextualização do consumo, por ser um dos aspectos mais deficitários das iniciativas educativas, é fortemente contemplada no conteúdo do material através da exposição de situações que privilegiam as diferentes dimensões do uso de substâncias. O entorno mais próximo é valorizado nas cartas que abordam recortes de vivências de terceiros, trazendo elementos relacionais, subjetivos, motivacionais, entre outros. A dimensão macrossocial é incluída ao serem considerados aspectos culturais e econômicos constituintes do fenômeno.

nesse capítulo e, especialmente, ao longo do processo de promover o aprendizado a partir de informações específicas disponibilizadas no material e de conhecimentos trazidos pelos participantes. As trocas se dão a partir dos debates acerca das situações expostas nas cartas, como também abre-se o espaço para o compartilhamento de opiniões e experiências pessoais sobre as relações entre amigos e familiares, práticas sexuais, expectativas de vida, dependências, entre outras.

Dessa forma, reforçamos que o *Jogo da Onda* se distancia de práticas educativas predominantemente técnicas e informativas, uma vez que o mesmo é um instrumento de ação, diálogo e interação. Assim, o jogo atende a várias demandas solicitadas pelos jovens elencadas a partir da exposição de suas características. Acreditamos que a atualização do jogo atende a diversas necessidades em diferentes contextos, que estão relacionadas ao público alvo do material, à carência de recursos pedagógicos na área, a complexidade fenômeno vem assumindo e a solicitação externa constante.

Capítulo 5

Considerações Finais

Tendo em vista o fracasso das políticas públicas preventivas focadas apenas na condenação do uso de determinadas substâncias e os preocupantes dados sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes, este estudo teve por objetivo contribuir para o desenvolvimento de iniciativas voltadas para a prevenção do uso indevido de drogas entre jovens escolares.

A construção dessa pesquisa partiu do pressuposto de que as práticas educativas sobre drogas precisam ser contextualizadas, ou seja, embasadas pelo conhecimento da realidade dos sujeitos, e orientadas por abordagens participativas e dialógicas. Conhecer a realidade é uma tarefa ampla e complexa, pois significa investigar as condições materiais de existência (perfil socioeconômico) e os aspectos históricos, culturais e simbólicos que permeiam e constituem os sujeitos da ação educativa e suas experiências e visões acerca do tema abordado, no caso o consumo de drogas.

Dessa forma, o presente estudo investigou as representações e práticas de um grupo de jovens em relação ao uso de drogas e temas relacionados ao mesmo, além de questões centrais da realidade juvenil como as relações interpessoais, sexualidade, papel da escola, visão das mídias, entre outros assuntos. Paralelo a isso, buscamos conhecer de que modo as representações e práticas sociais sobre drogas dos estudantes, somada a revisão da literatura, poderiam ser incorporadas na atualização do conteúdo do *Jogo da Onda*, (FIOCRUZ/ Edições Consultor, 1998), um jogo educativo sobre o uso indevido de drogas, orientado pela abordagem da Redução de Danos.

Para alcançar tais objetivos desenvolvemos uma pesquisa qualitativa que envolveu a revisão bibliográfica sobre o tema, com o objetivo de conhecer o cenário atual do fenômeno do consumo de drogas, um conjunto de 40 entrevistas semi-estruturadas com os estudantes da rede pública e privada do ensino fundamental e médio, e a revisão do conteúdo do referido material educativo.

Os nossos achados apontaram que a maioria dos entrevistados possui representações negativas acerca do fenômeno do consumo de drogas. Os jovens

As substâncias, no caso, as drogas ilícitas, é sempre sendo o usuário o único responsável por essa ação.

Tal visão individualizada e descontextualizada do fenômeno é fruto de uma racionalidade técnico-científica, pautada em um discurso de guerra às drogas, historicamente difundida em diversos fóruns, incluindo as escolas. As práticas de prevenção orientadas por essa concepção privilegiam a informação prescritiva ao invés do convite à reflexão, a abertura para o diálogo e o questionamento sobre as diversas formas de se consumir drogas, as diferentes motivações, as implicações sociais e econômicas da proibição, etc.

O insucesso das abordagens proibicionistas tem sido atestado por diversos estudos (ACSERALD, 2005; BUCHER, 1994; SOARES E JACOBI, 2000) e pelo crescimento regular do uso de drogas entre jovens nas últimas décadas. Essas evidências, somadas a percepção de que o fenômeno é visto de forma recortada e pouco fundamentada, potencializaram e continuam potencializando a mobilização de profissionais de diversas áreas que, ao articularem suas perspectivas, vem promovendo mudanças constatadas na ampliação da discussão sobre o tema das drogas e, conseqüentemente, na construção de ações em diferentes âmbitos. Isso pode ser exemplificado a partir de transformações na legislação, da reunião de pesquisadores e estudiosos em comissões e organizações que facilitam e divulgam o debate sobre o assunto, nas iniciativas para capacitação de profissionais das áreas da educação, saúde e justiça para o manejo do consumo de drogas ó vide os cursos de capacitação de professores, as propostas de EAD (Educação a Distância), nas manifestações populares reivindicando direitos de cultivo e produção da maconha, entre outros. A diminuição no uso de drogas apontada no último levantamento do CEBRID pode ser um reflexo dessas novas iniciativas.

A despeito dos avanços assinalados, a prevenção ao uso indevido de drogas ainda se constitui um grande desafio e necessita ser ampliada e consolidada a partir do envolvimento de vários setores e atores sociais, como a saúde, educação e justiça, e de abordagens educativas capazes de contemplar aspectos caros da interação, como o contexto sócio cultural e econômico das populações alvos das ações. A evidência de que ainda temos muito trabalho pela frente pode ser constatada a partir das poucas abordagens educativas sobre o tema referidas pelos escolares pesquisados

experimentados pelos sujeitos e que rivalizam na
drogas, como por exemplo, a pressão social, a
curiosidade, a sensação de bem estar, entre outros.

No que se refere às propostas educativas sobre drogas, a legislação brasileira em educação (Lei Federal n. 9.394/1996) prevê que, desde o ensino fundamental, sejam incluídos nos currículos escolares temas presentes no cotidiano juvenil, que incluem assuntos como meio ambiente, saúde sexual, pluralidade cultural, uso de drogas, e outros. Esses temas integram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e são previstos pela legislação para serem abordados transversalmente aos conteúdos programáticos tradicionais, sendo que a escolha das estratégias metodológicas e didáticas ficam a cargo de escolas e educadores. Somado a isso, a Legislação Brasileira sobre o Uso de Drogas (Lei n. 11.343/2006), regulamenta a formação continuada de professores na área de prevenção ao uso indevido de drogas, recomendando a implantação de projetos pedagógicos no ensino público e privado. Dessa maneira, reafirma-se legalmente a responsabilidade da escola, como um todo, e do professor, especificamente, na formação social e intelectual dos sujeitos, incluindo aí uma formação educacional sobre drogas (ARAÚJO, 2001; BIZZOTTO E RODRIGUES, 2007; FEFFERMANN E FIGUEIREDO, 2006).

Acerca desse tema, Bucher (1988) e Carlini-Marlatt (2001) reforçam o contexto formal de ensino como um local privilegiado para o desenvolvimento de ações educativas sobre drogas. Entretanto, a literatura também sinaliza a existência de um descompasso entre as considerações acadêmicas sobre o tema e as opiniões dos responsáveis pelo desenvolvimento das atividades curriculares e extracurriculares. Os educadores, professores e profissionais técnicos, demonstram resistência em assumir essa tarefa devido à falta de formação apropriada sobre o tema, somada as ideias preconcebidas acerca do usuário de drogas e sua relação (real e construída socialmente) com a criminalidade violenta. A não consciência do despreparo teórico e afetivo, e de que esta produz omissões e/ou negações da importância dessas práticas no contexto escolar, apontam para questões mais amplas referentes ao fato dos educadores não recebem subsídios para abordar o assunto, mas recebem cobranças de que as mesmas sejam implementadas (MOREIRA et al, 2006).

mam o que a literatura aponta sobre o assunto: a continuadas e ações pontuais, baseadas em conhecimentos técnicos, saberes populares e vivências pessoais. As atividades desenvolvidas a partir desses elementos corroboram para a manutenção e/ou a construção de visões deturpadas acerca do fenômeno do uso de drogas (ACSERALD, 2005; SOARES, 1997). As práticas educativas desenvolvidas, especialmente pelos professores da unidade de ensino II (onde tivemos relatos mais aprofundados acerca das mesmas), foram fundamentadas por uma perspectiva hegemônica de prevenção. Esta consiste no repasse de informações biomédicas e/ou no relato de experiências pessoais, ambas as estratégias reforçam a concepção de responsabilização individual e descontextualizada que fomentam a repressão do consumo de determinadas drogas.

Em suma, os achados do estudo indicam que o fenômeno do consumo de drogas se conecta aos mais diversos assuntos, sentimentos e valores, e o manejo do mesmo depende de alguns elementos, dentre eles, uma disponibilidade pessoal do educador para abordá-lo. Isto significa dizer que o desenvolvimento de ações de capacitação para educadores devem contemplar não só conhecimentos teóricos, mas propor um trabalho de autoconhecimento, visando identificar e trabalhar as crenças e os sentimentos que o tema mobiliza nesses atores. Dessa forma, as iniciativas de capacitação de educadores precisariam também estar fundamentadas pela abordagem de Redução de Danos e por uma perspectiva educativa dialógica e participativa.

Nessa direção, Soares (2007) ressalta a importância dos educadores reconhecerem as possíveis dificuldades implicadas em assumir uma perspectiva sobre drogas orientada por um paradigma que, apesar de solidamente fundamentado, ainda é emergente e alvo de críticas combativas. A busca pela construção do autosuporte por quem está sempre diante e atuante na área se faz ainda mais necessário para a sustentação de um posicionamento claro e seguro para a condução de questionamentos, censuras, etc. Tratar o tema amplamente, valorizando todas as dimensões do fenômeno, implica em suscitar dúvidas, esclarecimentos, curiosidades, interesses, e especialmente críticas. Manejar esses possíveis desdobramentos requer informações coerentes e sérias, que são pouco divulgadas, embora atualmente estejam mais acessíveis, devido, inclusive, à difusão da abordagem de RD (CANOLETTI E SOARES, 2005). Assim, reconhecemos a necessidade de combinar, na formação de educadores, e nas práticas

esses diferentes elementos que se complementam:
o educacional e pessoal/emocional.

O desenvolvimento do presente estudo indicou que a maioria dos entrevistados possui interesse e disponibilidade para participar de atividades educativas sobre drogas. A ampliação de possibilidades educativas sugeridas pelos alunos, como recursos artísticos e lúdicos, e especialmente a menção positiva da experiência da entrevista, nos sinalizam que os estudantes valorizam práticas baseadas em trocas relacionais viabilizadas pelo diálogo, empatia, respeito e confiança; elementos facilitadores da livre expressão de dúvidas, reflexões e experiências pessoais. A disponibilidade e interesse dos alunos ao longo das entrevistas reiteram a importância do estabelecimento do vínculo educador/educando na abordagem do tema drogas. Nossa percepção sobre a abertura para as práticas educativas sobre drogas transcende o alunado e atravessa a maioria dos profissionais atuantes na rotina escolar como pedagogos, psicólogos e professores. Apesar da referida resistência para o tratamento do assunto no contexto formal de ensino, não só na literatura como em experiências pontuais que tivemos em campo ó vide as várias negações, por parte de algumas escolas, que recebemos para a realização dessa pesquisa ó, os profissionais que estiveram em contato conosco, se mostraram abertos a conhecerem mais sobre o tema. Essa disponibilidade foi identificada especialmente nas unidades de ensino I e II a partir de questionamentos, pedidos de ajuda e relatos de casos vivenciados pelos educadores.

Nossos resultados confirmam uma necessidade crescente de se investir no conteúdo e, especialmente, no formato dos dispositivos de educação sobre drogas frente à carência de recursos e estratégias diversificadas sobre o tema. De acordo com Soares (2007), os jovens realmente se interessam por atividades dinâmicas e criativas, que privilegiem a troca relacional, estimulem a criatividade e sejam divertidas e prazerosas. Assim, confirmamos a importância da revisão e atualização do conteúdo do *Jogo da Onda* para uma futura reedição e preenchimento de demandas e lacunas ainda presentes no campo da educação sobre drogas com a juventude.

No que se refere ao objetivo de rever e atualizar o *Jogo da Onda*, os achados das entrevistas somados a revisão da literatura sobre o tema evidenciaram que o conteúdo da maioria das cartas continua atual. Percebemos que muitos jovens não consideraram as bebidas alcoólicas e o tabaco enquanto drogas, bem como demonstraram ter

substâncias lícitas e ilícitas e as drogas leves e drogas pesadas reforçam os possíveis prejuízos do consumo de drogas lícitas e a diferenciação entre as substâncias a partir de seus status de legalidade e ilegalidade estiveram presentes desde a primeira edição do jogo. Com isso, optamos pela manutenção dos conteúdos da sessão "Drogas: conceitos e efeitos". Embora os estudantes tenham informações sobre a existência de vários tipos de droga, prevaleceram respostas equivocadas sobre os efeitos das mesmas. Desse modo, constatamos a importância de manter e ampliar as cartas que compõem o "Baralho dicionário", centrado na divulgação da definição das substâncias no que se refere aos efeitos, acrescido de uma breve contextualização da droga. Outro ponto bastante presente nos relatos dos nossos entrevistados foi a atribuição da influência dos pares como uma das maiores motivações para o consumo de drogas. Poucos mencionaram o prazer e a busca por sensações de bem estar. Identificamos que as cartas que abordam ambos esses temas, pertencentes à sessão "Motivações e prazeres", continuam atuais pelo seu formato e conteúdo.

Algumas transformações no cenário do consumo de drogas, como as mudanças legislativas ocasionaram alterações nas cartas das sessões "Legislação" e "Violência, tráfico e polícia". A partir dos relatos de nossos entrevistados pudemos perceber que os mesmos desconhecem aspectos da legislação atual sobre drogas, o que reforça ainda a contribuição do *Jogo da Onda* no repasse de informações atuais e contextualizadas sobre o tema. Com base nos depoimentos dos alunos e na revisão bibliográfica foram sugeridos seis novos conteúdos, sendo eles: consumo de bens materiais e simbólicos, discriminação, educação sobre drogas, mídias e mediações socioculturais, motivação e relacionamentos afetivos e sexuais. Os conteúdos revisados e ampliados passarão pelo mesmo processo de testagem que caracterizou a construção e avaliação da primeira edição do *Jogo da Onda*, configurados pela realização de grupos focais com estudantes e observações do uso. Após esse processo, objetiva-se encaminhar uma nova edição do *Jogo da Onda*, que se encontra esgotado desde 2008.

Por fim, compreendemos que o percurso desenvolvido na dissertação, contribuiu para o desenvolvimento e aprimoramento de práticas educativas no campo da educação sobre drogas e temas paralelos. Para além disso, as reflexões e contribuições teóricas e



PDF
Complete

*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

campo teórico e prático da abordagem de Redução
iva educacional de Educação para a Autonomia.

Em um sentido mais global, acreditamos fazer parte de um movimento, já instaurando e que vem se solidificando, gradualmente, de difusão de discursos contra hegemônicos sobre drogas que transcende a construção teórica, mas que busca divulgar novos conhecimentos contextualizados sobre o tema do consumo de drogas e seus desdobramentos. Desse modo, o desenvolvimento dessa dissertação demonstra o nosso comprometimento em afinar a teoria à prática ao materializarmos essa perspectiva em um jogo educativo.

ACSERALD, G. A educação para a autonomia: a construção de um discurso democrático sobre o uso de drogas. In: ACSERALD, G. (Org.) *Avessos do Prazer: drogas, Aids e direitos humanos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p.161-188, 2005,

ALMEIDA, L.M. et al, Global adult tobacco survey ó Brazil report. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Câncer; 2010.

ALMEIDA, M.I.M.; EUGENIO, F. Paisagens existenciais e alquimias pragmáticas: uma reflexão comparativa do recurso às 'drogas' no contexto da contracultura e nas cenas eletrônicas contemporâneas. In: ALMEIDA, M.I.M.; NAVES, S.C. (Org.). *Por que não? Rupturas e Continuidades da Contracultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 155-200, 2007.

ALMEIDA, M.I.M.; EUGENIO, F. As cápsulas mágicas da balada perfeita: jovens e consumo de ecstasy no Rio de Janeiro. *Revista Inteligência*, v.7, n. 29, 2005.

ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. *Cadernos Pagu*, v.21, Campinas, p.281-315, 2003.

ARAÚJO, F. U. Temas transversais em educação: bases para uma formação integral ó apresentação à edição brasileira. In: Busquets, M.D. et al. *Temas transversais em educação: bases para a formação integral*. São Paulo: Ática, p. 9-17, 2001.

BASTOS, F. Ruína e reconstrução ó AIDS e drogas injetáveis na cena contemporânea. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

BASTOS, F. I.; BERTONI, N., HACKER, M.A. et al. Consumo de álcool e drogas: principais achados de pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Rev Saúde Pública*, v. 42, supl. 1, p. 109-117, 2008.

BASTOS, F. I.; MESQUITA, F. Estratégias de redução de danos. In: SEIBEL, S.D. E TOSCANO, A. (org). *Dependência de drogas*. São Paulo, Editora Atheneu, p.181-190, 2001.

BECKER. H.S. Consciência, poder e efeito da droga. In: BECKER, H.S. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

BECKER. H.S. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1994.

BECKER. H.S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BIRMAN, J. Mal-estar na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação Nacional DST/Aids. A política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília, 2003.

BUCHELE, F. A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso de drogas. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(1), p. 267-273, 2009.



ogadição no Brasil. Porto Alegre: Artes Médicas,

BUCHER, R.; OLIVEIRA, S. *O Discurso do ãcombate às drogasö e suas ideologias*. Revista de Saúde Pública, v. 28, n.2, p. 137-45, 1994.

CANCLINI, N.G. *Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CANOLETTI, B.; SOARES, B.C. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001. *Interface ó Comunc., Saúde, Educ.*, v.9, n.16, p. 115-129, 2005.

CARLINI, E. A. *II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil ó 2005*. São Paulo: CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas). Unifesp, 2005.

CARLINI, E. A. Redução de danos: uma visão internacional. *J. Bras. Psiquiatria*, São Paulo, v.52, n.5, p.335-339, 2003.

CARLINI-COTRIM, B. *A escola e as drogas: realidade brasileira e contexto internacional*. Tese de doutorado ó Pós-Graduação em Psicologia Social da Potifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.

CARLINI-COTRIM, B. et al. *A Mídia na fabricação do pânico de drogas: um estudo no Brasil*. *Comunicação e Política*, v. 1, n.2, p. 217-30, 1995.

estratégias preventivas nas escolas. In: Seibel, S. D.,
drogas. São Paulo: Atheneu; p. 191-7, 2001.

CARNEIRO, H. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. *Rev. Out. IES*, v. 6, p.115-28, 2002.

CAVALCANTE, C.V.G, et al. Representações de um grupo de docentes sobre drogas: alguns aspectos. *Ensaio: pesquisa em educação em ciências*. V.7 n.2, p.1-13, 2005.

CRUZ, M.S.; FERREIRA, S.M.B. Determinantes socioculturais do uso abusivo de álcool e outras drogas: uma visão panorâmica. In: CRUZ, M.S. & FERREIRA, S.M.B. (orgs), *Álcool e drogas: usos, dependências e tratamentos*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, p. 95-114, 2001.

CRUZ, M.S., SÁAD, A.C.; FERREIRA, S.M.B. Posicionamento do Instituto de Psiquiatria da UFRJ sobre as estratégias de redução de danos na abordagem dos problemas relacionados ao uso indevido de álcool e outras drogas. *J. Bras. Psiquiatria*, São Paulo, v.52, n. 5, 355-362, 2003.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, p.17- 85, 1993.

ESCOHOTADO, A. A historia elementar das drogas. Lisboa: Antígona, 2004.

FEFFERMANN, M.; FIGUEIREDO, R. Redução de danos como estratégia de prevenção de drogas entre jovens. *BIS. Boletim do Instituto de Saúde*, São Paulo, v. 40, 2006.

n.34, p.551-62, 2010.

FLORES, M.H.; BORGES, R.M.R. Investigando motivos que levam jovens a recusar drogas: subsídios para prevenir a drogatização na escola. Disponível na web: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/venpec/conteudo/artigos/1/pdf/p531.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2012.

FONTENELLE, I. A. O mundo de Ronald McDonald: sobre a marca publicitária e a socialidade midiática. *Educ.Pesqui.* v.28, n.1, São Paulo, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. *Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE FILHO, J. Formas e normas da adolescência e da juventude na mídia. In: FREIRE FILHO, J. E VAZ, P. (org.), *Construções do tempo e do outros; representações e discursos midiáticos sobre a alteridade.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

GALDURÓZ, J.C.F. et al. *V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras - 2004.* São Paulo: CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas). Unifesp, 2004.

GALDURÓZ, J.C.F. et al. Fatores associados ao uso pesado de álcool entre estudantes das capitais brasileiras. *Rev Saúde Pública*, v.44, n.2. p. 267-273, 2010.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, p.13-41, 1989.

GOODE, E. *Drugs in american society*. 7th ed. New York: Mc Graw-Hill Higher Education, 2008.

HADDAD, L. et al., Knowledge of substance abuse among high school students in Jordan. *J Transcult Nurse*, 21 (2): 143-150, 2010.

HEILBORN, M. L.; CABRAL, C. Práticas e normas sexuais de jovens brasileiros. Disponível na web: http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_794.pdf. Acesso em 18 de julho de 2011.

HENMAN, A. A Guerra às drogas é uma guerra etnocida. In: ZALUAR, A. (org.), *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, p.47-81, 1999.

JEOLÁS, L.; PAULILO, M.A. Representações sociais da homossexualidade entre professores do ensino público: continuidades e rupturas. *Textos e Contextos*. v.7, n.2, p.166-185, 2008.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

LACERDA, A.E., MASTROIANNI, F.C., NOTO, A.R. Tabaco na mídia: análise de matérias jornalísticas no ano de 2006. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p. 725-731, 2010.

LARANJO, T.H.M.; SOARES, C.B. Trabalho de jovens estudantes de uma escola pública: fortalecimento ou desgastes? *Rev Bras Enferm*, Brasília, v.62, n.2, p.179-186, março-abril, 2009.

LARANJO, T.H.M; SOARES, C.B. Moradia universitária: processos de socialização e consumo de drogas. *Rev. Saúde Coletiva*, v.40, n.6, p.1027-34, 2006.

LEFÊVRE, F.; SIMIONI, A. M. C. Maconha, saúde, doença e liberdade: análise de um fórum na *Internet*. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 12, n.2, p. 161-167, 1999.

MAC RAE, E. Das drogas ó o controle social do uso de substâncias psicoativas. In: TAVARES DOS SANTOS, J. V. (org.). *Conversações Abolicionistas: Uma Crítica do Sistema Penal e da Sociedade Punitiva*. São Paulo: IBCCrim/PEPG Ciências Sociais PUCSP, p.108-116, 1997.

MAC RAE, E. A importância dos fatores socioculturais na determinação da política oficial sobre o ritual de *ayahuasca*. In: ZALUAR, A. (org.), *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. Brasiliense: São Paulo, p.31-45, 1999.

MALCON, M.C. *et al.* Prevalência e fatores de risco para o tabagismo em adolescentes na América do Sul: uma revisão sistemática da literatura. *Rev Panam Salud Publica*, v.13, n.4. abril, 2003

MARLATT, G.A. *Redução de danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

, C. L. Introduzindo o tema transversal educação
pesquisa envolvendo biologia e química numa escola
estadual de ensino médio: um estudo de caso. Disponível na web:
<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/venpec/conteudo/artigos/1/pdf/p299.pdf>. Acesso em
20 de janeiro de 2012.

MASTROIANNI, P.C., NOTO, A.R. E GALDURÓZ, J.C. Propagandas de
medicamentos psicoativos: análise das informações científicas. *Rev Saúde Pública*, v.
42, n. 3, p.529-535, 2008.

MINAYO, M. C. Contribuições da antropologia para pensar e fazer saúde. In:
Campos, G.W.S. *et al.* (Orgs.) *Tratado de saúde coletiva*. São Paulo: Hucitec; Rio de
Janeiro: Ed. Fiocruz, p.189-218, 2006.

MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12
ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MESQUITA, F. Perspectivas das estratégias de redução de danos no Brasil. In:
MESQUITA, F., BASTOS, F. I. (orgs.). *Drogas e AIDS: estratégias de redução de
danos*. São Paulo: Hucitec, 1994. p.169 -80.

MONTEIRO, S.; VARGAS, E.; CECCHETTO, F.; MENDONÇA, F.;
Identidades, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio
de Janeiro (Brasil). *Cadernos Pagu* (UNICAMP. Impresso), v. 35, 2010, p. 79-109.

MONTEIRO, S. E REBELLO, S. Prevenção do HIV/Aids e o uso indevido de
drogas: desenvolviment e avaliação de jogos educativos. In: ACSERALD, G. (Org)
Avessos do Prazer: drogas, AIDS e direitos humanos. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora
Fiocruz, 2005, p. 275-300.

MONTEIRO, S.S.; VARGAS, E.P.; REBELLO, S.M. Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 24, n. 83, p. 659-678, 2003.

MONTEIRO, C. A. et al, Population-based evidence of a strong decline in the prevalence of smokers in Brazil (1989-2003). *Bull World Health Organ*, 85; p. 527-34, 2007.

MOREIRA, F.G.; SILVEIRA, D.X.; ANDREOLI, S.B., Situações relacionadas ao uso indevido de drogas nas escolas públicas da cidade de São Paulo. *Rev Saúde Pública*, São Paulo, v.40, n. 5, p. 810-817, 2006.

NOTO, A.R. *et al.* Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n.1, 2003.

ORLANDI, P.; NOTO, A.R. Uso indevido de benzodiazepínicos: um estudo com informantes-chaves no município de São Paulo. *Rev Latino-am Enfermagem*, n.13, setembro-outubro, p. 896-902, 2005.

PARKER, R. *Bodies, pleasures and passions - sexual culture in contemporary Brazil.* Boston: Beacon Press, 1991.

PAULILO, M. A. S.; JEOLÁS, L. S. Aids, drogas, riscos e significados: uma construção sociocultural. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, p. 175-184, 2005.

REBELLO, S., MONTEIRO, S. & VARGAS, E. A visão de escolares sobre drogas no uso de um jogo educativo. *Interface-Comunic, Saúde, Educ*, v.5, n.8, p.75-88, 2001.

RODRIGUES, F. Guerra as drogas: ainda e sempre? Disponível na web: <http://enecos.org/guerra-as-drogas-ainda-e-sempre/>. Acesso em 24 de janeiro de 2012.

RODRIGUES, L. B. F. Controle penal sobre as drogas ilícitas: o impacto do proibicionismo no sistema pena e na sociedade. 270. Tese de Doutorado ó Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, 2006.

RONZANI, T.M., *et al.* Mídia e drogas: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o tema entre 1999 e 2003. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.14, n.5, p. 1751-1762, 2009.

SCHENKER, M.; MINAYO, M.C.S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.10, n.3, p. 707-717, 2005.

SANTOS, N.N.; SANTOS, J.M. O ensino de ciências através do cinema. Disponível na web: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/venpec/conteudo/artigos/3/pdf/p501.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2012.

SOARES, C. B. Adolescentes, drogas e AIDS: avaliando a prevenção e levantando necessidades. Tese (doutorado) ó Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. O consumo contemporâneo de drogas e juventude: a construção do objeto na perspectiva da saúde coletiva. Tese de livre-docência ó Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, 2007.

P. R. Adolescentes, drogas e aids: avaliação de um
. *Pesq.*, n.109, p. 212-237, 2000.

SOARES, C. B. et al. , Avaliação de ações educativas sobre consumo de drogas e juventude: a práxis no trabalho e na vida. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p.43-62, 2011.

SODRÉ, M. A antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SOUZA, D. O. E SILVEIRA FILHO, D.X. Uso recente de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes adolescentes trabalhadores e não trabalhadores. *Rev. Bras. Epidemiol*, São Paulo, v.10, n.2, p. 276-87, 2007.

SPOSITO, M. P. Juventude e escolarização (1980/1998). Brasília: MEC/INEP/Comped, (Série Estado do Conhecimento, 7), 2002.

SPOSITO, M.P. & GALVÃO, I. A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 345-380, 2004.

SZKLO, A.S. et al, Perfil de consumo de outros produtos de tabaco fumado entre estudantes de três cidades brasileiras: há motivo de preocupação? *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n.11, p. 2271-2275, 2011.

TAVARES, B.F.; BERIA, J.U. & LIMA, M.S. Fatores associados ao uso de drogas entre adolescentes escolares. *Rev Saúde Pública*, São Paulo, v. 86, n. 3, p.787-796, 2004.



a. In: A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, p.

UNICEF. Adolescência: Escolaridade, profissionalização e renda, 2002.

VELHO, G. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR, A. (org.), *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, p.23-29, 1999.

VICTORA, C.; KNAUTH, D E HASSEN, M. *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

ZALUAR, A. A criminalização das drogas e o reencantamento do mal. In: ZALUAR, A. (org.). *Drogas e Cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, p.97-129, 1999.



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

A p ê n d i c e s

Roteiro de Entrevista

IDENTIFICAÇÃO	
SEXO:	IDADE:
INÍCIO:	TÉRMINO:

Dados pessoais e aspectos materiais:

1. Com quem você mora?
2. Quantas pessoas residem com você?
3. Quem sustenta a sua casa?
4. Você tem algum tipo de renda? (mesada?)
5. Como você costuma usa-la?
6. Caso trabalhe e use a renda para contribuir com o sustento da casa:
Se você pudesse usar o seu salário só com você, o que você compraria?
7. Você possui:
 - Computador em casa?
 - Acesso à internet (cabo ou discada) ?
 - Celular?
 - Câmera Digital?
8. Você está em alguma rede de relacionamentos? (Facebook, Orkut e Twitter)

Escola

1. Qual é o papel da escola na sua vida?

1. O que é droga para você?
2. Que droga você conhece?
3. Quais são os efeitos dessas drogas?
4. Na sua opinião, cigarro e álcool são drogas?
5. Como você soube destas informações?

Drogas e Mídia

1. Quais os meios que você usa para saber sobre os temas/assuntos que você tem interesse?
2. Quais são esses assuntos?
3. O que você acha das propagandas de bebidas alcoólicas veiculadas na mídia?
 - Quais as ideias que você acha que os anunciantes desejam passar?
 - As propagandas de álcool geralmente estão associadas à diversão, prestígio, beleza, etc. O que você acha disso?
 - Você acha que elas deveriam ser proibidas?
 - Caso a resposta seja afirmativa, como deveriam ser as propagandas de bebidas alcoólicas?
4. Hoje, quais são as drogas que você acha que estão em maior evidência?

Motivações e Prazeres

1. O que você acha que leva uma pessoa a usar drogas?
2. Alguma vez você já pensou em usar drogas? O que te fez pensar nisso?
Caso tenha usado, como foi a experiência?
3. Algumas pessoas acabam recorrendo ao uso de alguma droga para se sentirem mais interessantes, menos tímidas, mais descontraídas. O que você acha disso?

2. De que forma?

3. Você acha que é possível uma pessoa consumir drogas e não ter problemas com esse consumo?

Drogas e Legislação

1. Você sabe por que algumas drogas são consideradas lícitas e outras ilícitas?
2. O que você acha da proibição do uso de determinadas drogas?
3. Qual a diferença entre discriminação e liberação?
4. O que você acha da afirmativa: o usuário de drogas financia o tráfico?
5. Na atualidade tem-se falado muito da legalização de algumas drogas, o que você já ouviu falar sobre isso?
6. Você acha que uma pessoa que usa uma determinada droga que não seja legalizada pode/precisa ser presa por isso?
7. Na sua opinião, qual é o papel da polícia na repressão do uso de drogas ilícitas?

Pressão social/Dificuldades

1. Quando você está com algum problema, o que você costuma fazer?
2. O que você acha/pensa de um amigo que te pede ajuda diante de um problema que ele esteja vivenciando?
3. Quando você sente raiva e/ou tristeza, o que você faz?
4. Você acha que as pessoas podem vir a usar drogas por pressão/influência dos outros?

Visão acerca do usuário

1. Se você soubesse que um amigo está usando uma droga lícita, o que você pensaria a respeito dele?
2. E se você soubesse que outro amigo está usando uma droga ilícita, o que você pensaria dele?

Sexualidade, AIDS e Drogas

1. O que vocÊ acha de pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo?
2. Como vocÊ acha que a sociedade vÊ essas pessoas?
3. Para que serve a camisinha?
4. Qual a relaçaõ do uso de drogas com doençãs como a AIDS?

Família/Relações Afetivas

1. Como é a sua relaçaõ com a sua família?
2. Vocês costumam conversar? Quais os assuntos que costumam ser mais abordados?
3. Vocês conversam sobre drogas? Relacionamento amoroso? Sexo?
Caso respondam que sim, o que vocês conversam sobre drogas?
4. Alguém da sua família usa drogas lícitas/ilícitas?
5. O que seus pais/familiares pensam sobre este assunto?
6. Se vocÊ usasse alguma droga lícita/ilícita vocÊ contaria para alguém? Para quem?
7. VocÊ contaria para os seus pais? (Sim ou Não ó perguntar pq!)
8. VocÊ tem amigos que usam drogas lícitas/ilícitas? / O que vocÊ acha disso? / Que drogas eles costumam usar?
9. VocÊ tem (teve) namorado (a) que usa (usou) drogas lícitas/ilícitas? Qual? O que vocÊ acha disso?

Educaçaõ sobre drogas

1. VocÊ já participou de alguma atividade sobre drogas?



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

al? Aonde? Me descreve como foi? O que você

2. Como você acha que deveria ser uma atividade sobre drogas?
3. Que tipo de mensagens você acha que deveriam ser transmitidas aos jovens sobre o assunto ôdrogasô?
4. Você acha que esse tema deveria ser abordado na escola?
Como? Ele é abordado na sua escola?
5. Você já ouviu falar de Redução de Danos? O que você sabe sobre?
Caso não saiba: Pelo nome, o que você imagina que seja?



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz



AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA - UNIDADE DE ENSINO I

Eu,,
por meio deste documento, autorizo a psicóloga pesquisadora **Mariana Adade P. da Silva**, matriculada no Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PG-EBS/IOC/FIOCRUZ), a efetivar uma pesquisa sobre “**A visão de estudantes do Rio de Janeiro sobre o consumo de drogas: subsídios para ações educativas a partir da perspectiva da Redução de Danos**” nesta unidade de Ensino Privado na qual exerço a função de **Diretora**.

Foi-me esclarecido que os sujeitos da pesquisa serão os alunos matriculados no Colégio, situado no endereço

Aos alunos convidados a participar da pesquisa desenvolvida pela pesquisadora foi assegurado que sua participação não é obrigatória, mas **voluntária**. A qualquer momento os alunos e/ou seus responsáveis poderão desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora e com a coordenação dessa unidade de ensino.

O problema investigado: O objetivo desta pesquisa é conhecer quais são as percepções sobre temas como saúde, drogas, autocuidado, autoconhecimento, sexualidade, prazer, preconceito, relacionamentos interpessoais e cidadania, com o objetivo de criar subsídios para futuras ações educativas sobre drogas.

Procedimento: Serão realizadas entrevistas individuais e dinâmicas de grupo que abordarão os temas citados acima. As entrevistas serão gravadas e a gravação ficará em poder



o serão utilizados recortes jornalísticos sobre os temas

Riscos: Não existem quaisquer riscos relacionados com a participação dos alunos, pois a pesquisa não visa identificar nomes e endereços dos entrevistados, mas consiste única e exclusivamente em coletar informações sobre os temas selecionados acima.

Benefícios: O benefício relacionado com a participação do jovem, aluno desta escola, é contribuir com informações relevantes para a pesquisa em saúde pública, que pode servir de referencial para futuros estudos na área e talvez futura ações governamentais.

Confidencialidade: As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a participação dos alunos. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar a identificação dos participantes, pois como já foi dito, nos interessa as opiniões colhidas e não a identidade dos entrevistados.

Os resultados dessa pesquisa serão publicados/divulgados através da elaboração da dissertação de mestrado com defesa pública, em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. O Comitê de Ética em Pesquisa da Fiocruz poderá ter acesso aos dados coletados pela pesquisadora.

Custo e pagamento: Participar dessa pesquisa não implicará em nenhum custo para os alunos, e, como voluntário, eles também não receberão qualquer valor em dinheiro como compensação pela participação.

Esta unidade de Ensino receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço dos pesquisadores responsáveis, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadoras responsáveis:

Simone Monteiro e Mariana Adade

Instituto Oswaldo Cruz - Lab. de Educação em Ambiente e Saúde
Av. Brasil 4365, Pav. Lauro Travassos - sala 22 Rio de Janeiro RJ – CEP 21040-900
Tel: (21) 2598 4382 ramal 103

E-mail: msimone@ioc.fiocruz.br / mariana.adade@ioc.fiocruz.br

....., de de 20.....



PDF Complete

*Your complimentary use period has ended.
Thank you for using PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Tel.: E-mail:

Assinatura



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto Oswaldo Cruz



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Aluno e Responsável

(de acordo com as Normas da Resolução nº 196, do Conselho Nacional de Saúde de 10 de outubro de 1996)

Prezado jovem:
você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A visão de estudantes do Rio de Janeiro sobre o consumo de drogas: subsídios para ações educativas a partir da perspectiva da Redução de Danos”**.

Sua participação não é obrigatória, mas **voluntária**. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores, com a coordenação da sua escola e com os demais participantes.

O objetivo desta pesquisa é conhecer o que você pensa a respeito dos temas: saúde, drogas, autocuidado, autoconhecimento, sexualidade, prazer, preconceito, relacionamentos interpessoais e cidadania. Para isso, iremos realizar entrevistas individuais e dinâmicas de grupo nas dependências da escola. As entrevistas serão gravadas e a gravação ficará em poder da pesquisadora.

O benefício relacionado com a participação é contribuir com informações relevantes para a pesquisa em saúde pública, que pode servir de referencial para futuros estudos na área e talvez futura ações governamentais. Dessa forma, não há benefícios diretos, bem como participar dessa pesquisa não implicará em nenhum custo para você, e, como voluntário, você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela sua participação.

relacionados com a participação na pesquisa, pois ela
reços, mas consiste única e exclusivamente em coletar
informações sobre os temas selecionados acima. As informações obtidas serão confidenciais.

Os resultados dessa pesquisa serão publicados/divulgados através da elaboração da
dissertação de mestrado com defesa pública, em apresentações ou publicações com fins
científicos ou educativos. Pretende-se devolver os resultados também através de uma palestra
e/ou relatório enviado para a escola.

Pesquisadoras responsáveis:

Simone Monteiro e Mariana Adade

Instituto Oswaldo Cruz - Lab. de Educação em Ambiente e Saúde (LEAS)
Av. Brasil 4365, Pav. Lauro Travassos - sala 22 Rio de Janeiro RJ – CEP 21040-900
Tel: (21) 2598 4382 ramal 103

E-mail: msimone@ioc.fiocruz.br / mariana.adade@ioc.fiocruz.br

Rio de Janeiro, de de 20.....

Nome do participante:

Identidade: CPF Tel.:

Endereço:

Nome do responsável:

Identidade: CPF Tel.:

Endereço:.....

Assinatura do Participante

Assinatura do Responsável

Listagem das cartas das versões do *Jogo da Onda* de 1998 e 2000.

23 cartas vermelhas

13 cartas do baralho dicionário

31 cartas azuis (sendo que uma deveria Ter sido impressa em verde)

34 cartas verdes

Conceito/efeitos

1. O que é DROGA ?

Resp. Segundo a Organização Mundial de Saúde, "droga é qualquer substância, administrada por qualquer via, que provoca alterações no comportamento ou na percepção da realidade". É importante lembrar que as drogas, quando usadas com fins terapêuticos podem ter um sentido positivo, pois impedem infecções, aliviam dores, etc.. No entanto, quando usadas de forma abusiva, causando alterações mentais como sedação, excitação ou alucinações (barato) as drogas adquirem um sentido negativo. Popularmente a palavra droga está associada às coisas ruins.

2. O que é escalada?

Resp. Fala-se em escalada quando o usuário passa de um consumo de drogas "leves" para o uso de drogas "pesadas" (escalada qualitativa). Entretanto é mais comum o usuário passar a usar a mesma droga mais frequentemente (escalada quantitativa). A "escalada" pode ser evitada se as razões que motivaram o uso da droga forem minimizadas ou eliminadas. A classificação de drogas leves e pesadas merece uma reflexão, no sentido de que o que é leve para uma pessoa pode não ser para outra, além do que, uma droga leve hoje pode vir a ser pesada amanhã para a mesma pessoa.

3. Qual a droga mais usada no Brasil?

Resp. A droga mais consumida no Brasil é o **ÁLCOOL**, entretanto, a maioria dos relatos e das notícias enfatizam apenas os problemas causados pelas drogas ilícitas, ao passo que o consumo de álcool é incentivado de diferentes formas, através, por exemplo, dos anúncios e programas de TV. Reflita sobre isso.

rogas?

Resp. Diz-se que uma droga é incompatível com outra quando a combinação de ambas produz efeitos indesejados. Ex. se você misturar tranqüilizante com maconha, cocaína ou álcool, as conseqüências podem ser mais perigosas, pois os efeitos de tais produtos podem ser potencializados.

5. Droga é qualquer substância natural ou sintética/industrializada, que provoca alguma alteração no organismo, seja comportamental, física ou psíquica. Certo ou errado?

Resp. Certo.

6. É comum se encontrar substâncias como pó de mármore, vidro ralado, talco ou outras de aparência semelhante, misturadas à cocaína. Isto é feito para fazer o produto render e gerar mais lucros. Certo ou errado?

Resp. Certo. Imagine o mal que isso pode fazer ao organismo, pelo fato de gerar um acúmulo de substâncias nocivas causando erros de dosagens, podendo conduzir até mesmo à "overdose" (super-dosagem).

7. Existem momentos em que precisamos utilizar medicamentos, entretanto, todo medicamento é uma droga e se for utilizado sem orientação médica e/ou de forma exagerada, poderá causar sérios danos à saúde e até a morte. Qual é o medicamento mais vendido nos últimos anos?

Resp. Em menos de 15 anos o DIAZEPAN, ou os benzodiazepínicos no conjunto (calmantes) tornaram-se os medicamentos mais vendidos no mundo.

8. Por que algumas drogas são classificadas como depressoras? Cite dois exemplos.

Resp. As bebidas alcoólicas, os calmantes, a codeína (opióides) e os inalantes são drogas classificadas como depressoras, pois atuam no sistema nervoso central, diminuindo o funcionamento mental, fazendo com que a pessoa fique sedada, relaxada, grogue ou dopada.

sificadas como estimulantes? Cite um exemplo de
a ilícita.

Resp. As drogas estimulantes aceleram ou estimulam o funcionamento do cérebro e do sistema nervoso central. A pessoa tem a sensação de estar mais dinâmica ou potente, ou até mesmo de render mais no trabalho; como se diz na gíria, a pessoa fica "ligadona". Entre as lícitas destacam-se a cafeína e a nicotina; entre as ilícitas destaca-se a cocaína.

10. Por que algumas drogas são classificadas como perturbadoras? Cite dois exemplos.

Resp. As drogas perturbadoras (alucinantes, alucinógenos) provocam anomalias, desvios ou distúrbios no funcionamento do sistema nervoso central. Com o uso delas, o cérebro funciona desordenadamente, "perturbando" a transmissão de mensagens nervosas até à consciência. O uso destas substâncias altera a atividade perceptiva da pessoa. Exemplos: maconha, LSD e cogumelo. Na gíria a pessoa costuma dizer que teve uma "viagem", boa ou ruim ("trip").

10. Qual a diferença entre drogas lícitas e ilícitas? Cite três exemplos de cada.

Resp. Drogas lícitas podem ser produzidas e comercializadas sem impedimentos legais (ex. bebida alcoólica, cigarro, remédios...). Drogas ilícitas são proibidas de serem produzidas e comercializadas (ex. maconha, cocaína, heroína, etc.). Por que será que algumas drogas são lícitas outras não? Reflita sobre isso.

11. Existem drogas injetáveis, ou seja, drogas que são aplicadas na corrente sanguínea ou no músculo. Cite um exemplo de uma ilícita e outra lícita?

Resp. Cocaína e penicilina (antibiótico).

12. Quando você pensa em droga o que lhe vem à cabeça?

13. Você acha que usar droga dá prazer?

14. Você considera a bebida alcoólica e o cigarro como drogas? Por que?

atos lícitos, permitidos por lei, são drogas e podem está associado a alguns tipos de câncer e o álcool a atos de violência, acidentes de trânsito e de trabalho, dentre outros aspectos negativos.

Tratamento

15. As clínicas de tratamento de dependentes de drogas propõem reflexões e orientações que incluem a promoção da auto-estima, do auto-conhecimento e a descoberta de interesses positivos na vida. O que mais você considera importante para o tratamento?

Auto medicação

16. João fuma um maço de cigarros por dia e toma vários cafezinhos no seu trabalho. Carla, sua mulher, toma com frequência remédios para dormir. Lia, filha do casal, tem mania de usar remédio para o nariz. Você acha que essas pessoas são saudáveis?

Mensagem: Vivemos em um mundo "químico". A todo momento entramos em contato com diversos tipos de drogas: somos estimulados a consumir remédios, bebida alcoólica, cigarro, refrigerante, comidas com conservantes, etc. No que depender de você tente não se intoxicar.

17. Você toma remédio sem consultar um médico?

Mensagem: A automedicação é um perigo, produtos químicos podem viciar e causar problemas se forem utilizados indevidamente. Procure sempre orientação médica. Afinal uma dor de cabeça frequente pode ser, por exemplo, consequência de um problema de vista; se você tomar remédio por conta própria, não vai estar investindo na descoberta da causa do seu mal estar.

Motivação/uso

18. Muita gente consome drogas para fugir dos seus problemas. Você acha que essa é a melhor saída ou existem alternativas? Quais?

Mensagem: Diante de situações difíceis é importante buscar saídas, como conversar com familiares, amigos e/ou profissionais que possam ajudar você a se sentir mais forte e seguro. A opção pelo uso de droga pode agravar a situação e até mesmo levar à

19. O que leva uma pessoa a usar droga?

Mensagem. Existem diversos motivos ligados ao uso de drogas (alívio de dor, busca de prazer, aumento da percepção, etc.), assim como vários níveis de uso (experimental, ocasional, habitual, dependente). Cada caso tem suas particularidades. O que não podemos deixar de ter em mente é que ao usar a droga corremos riscos, como por exemplo, o de abusar. O uso abusivo ou indevido de drogas faz mal ao corpo e a "cabeça", podendo gerar um processo de autodestruição do qual o usuário geralmente não tem consciência.

20. Os pais de Maria são separados. Ela mora com a mãe, com Mário (o segundo marido da mãe) e o irmão (filho desse segundo casamento). Ana vive com seus pais e dois irmãos. Clara mora com sua mãe, uma irmã e sua avó. Quem você acha que tem mais possibilidades de usar droga: Maria, Ana ou Clara?

Mensagem: A estrutura familiar (ou grau de parentesco), por si só, não determina o consumo de drogas. O consumo depende mais da maneira como cada uma destas pessoas lida com a sua história familiar, marcada por separações ou não. O que importa numa família é a qualidade das relações e a comunicação entre seus membros. Dificuldades de relacionamento e de diálogo podem levar ao consumo abusivo de drogas. Dê a sua contribuição!

21. As condições de vida no mundo atual, aliadas ao consumismo, à propaganda que incentiva o consumo de bens e à procura de prazeres fáceis, contribuem para o consumo indevido/abusivo de drogas lícitas e ilícitas. Você concorda ou discorda? Por quê?

22. Alguma vez você já pensou em usar uma droga por insatisfação com você mesmo? Como resolveu isso?

23. Você acha que o consumo exagerado de drogas está relacionado a fatores sociais ou culturais? Quais e por quê?

ga descontroladamente quem está infeliz ou mal sucedido? Por quê?

Visão do usuário

25. Como você descreve uma pessoa que usa drogas descontroladamente?
26. O que você acha das pessoas que quando estão interessadas em alguém, consomem algum tipo de droga para superar as dificuldades de se aproximar? Por quê?

Namoro/relacionamento

27. Você acha que ter dificuldades para se relacionar pode ser uma das causas da procura pelas drogas? Que tipo de problemas?
28. Quando Sofia terminou o namoro com Raul, ele sofreu muito, chorou, ficou arrasado, mas acabou por ir à luta e voltou a buscar novos romances.
29. Depois que Paula acabou o romance com Alex, esse passou a beber a daí entrou numa de se drogar cada vez mais. Quais as diferenças entre as atitudes de Raul e Alex?

Sexo seguro e drogas

30. A camisinha é usada desde o antigo Egito como método anticoncepcional e contra doenças sexualmente transmissíveis. Certo ou errado?

Resp: certo. Antigamente ela era feita com tripa de carneiro, hoje é de látex.

31. Sexo e drogas combinam? Por que?

o de drogas muitas vezes leva a pessoa a se descuidar podendo gerar gravidez indesejada, AIDS ou outras DSTs, (Doenças sexualmente transmissíveis) etc. Fique atento!

32. Pintou desejo de transar, mas também pintou dúvida, o que você faria?

Mensagem: É legal conversar com pessoas da sua confiança (pais, amigos, parentes) e com o (a) namorado(a) sobre suas dúvidas e receios em relação ao sexo. De qualquer modo é importante lembrar que você deve se proteger de uma gravidez indesejada, de DSTs (Doenças sexualmente transmissíveis) e da AIDS. USAR CAMISINHA é uma das melhores maneiras de prevenir.

33. Beth está com dificuldades de convencer o seu namorado a usar camisinha (preservativo). Ele argumenta que é fiel e não tem AIDS. Como você pode ajudar Beth a convencê-lo?

Mensagem: Há várias maneiras de convencer o outro, mas o argumento mais forte é que fazer sexo seguro não é um interesse só seu, afinal vocês estão protegendo suas vidas.

34. Defina sexo seguro.

Mensagem: Sexo seguro quer dizer proteção, responsabilidade consigo e com seu parceiro(a), ontem, hoje e amanhã. Você pode ter prazer duplo se protegendo. A camisinha se utilizada de forma correta, reduz a quase zero o risco de contrair o vírus da AIDS. Se não der para usá-la busque alternativas, mas se proteja sempre!

35. Teresa namora Leonardo, só tem relações sexuais com ele. Você acha que ela deve usar camisinha sempre? Se você estivesse na mesma situação, você usaria? Por que?

Mensagem: Uma das principais formas de se prevenir da AIDS e de outras DSTs é usar camisinha sempre. Muitos casais mantêm um pacto de fidelidade, o que pode ser ideal no relacionamento amoroso, mas sempre pode representar um risco, se um dos parceiros transgredir o combinado. O crescimento da epidemia de HIV/AIDS entre mulheres casadas atesta que a falsa fidelidade aliada ao sexo desprotegido têm feito inúmeras vítimas.

seguro atualmente?

ado principalmente ao vírus da AIDS, transmissível durante as relações sexuais com pessoas contaminadas pelo vírus (que muitas vezes nem sabem que têm o vírus). Aliás, esta é a forma mais freqüente de transmissão nas estatísticas mundiais, e também nas brasileiras.

Família

37. Os pais de uma adolescente descobriram que ela usava cocaína com freqüência e tinha abandonado os estudos. Qual atitude você acha que os pais deveriam tomar?

- 1) interná-la numa clínica
- 2) Sugerir que ela faça um tratamento
- 3) Expulsá-la de casa
- 4) Ou

Mensagem: Há varias opções de tratamento. É importante a pessoa querer se tratar e Ter uma orientação/ajuda da família, de amigos ou de profissionais para escolher o modelo de atendimento. Não existe uma regra geral, cada caso é um caso.

38. Rodolfo gostaria de falar sobre drogas com seus pais mas não se sente a vontade. Aponte algumas formas dele iniciar esta conversa.

39. Como você acha que a sua família reagiria se soubesse que você usa drogas? Como você gostaria que seus familiares reagissem?

40. Como você reagiria se tivesse que conviver com alguém de sua família, que usasse algum tipo de droga ilícita (ilegal)?

41. Você tem liberdade para conversar com seus familiares sobre seus sentimentos?

42. O que você considera uma família legal?

quelela em que seus membros se respeitam, onde é
comunicação entre as pessoas flui, apesar das diferenças.

Conviver em família pode não ser fácil. Havendo respeito, bem querer e confiança, o dia a dia pode ser mais agradável e tranquilo, facilitando a ajuda mútua.

43. O pai de Roberto proíbe cigarro, bebidas alcoólicas e controla o horário do filho chegar em casa e as suas amizades. Você acha que essas atitudes afastam Roberto do consumo de drogas? Por quê?

Mensagem: Tudo indica que o controle repressivo, por si só, não impede o consumo de drogas. É importante conversar sobre esse assunto. Se não der para falar com seus pais, procure pessoas de sua confiança e/ou fontes de informação.

44. Os pais e/ou responsáveis têm direito de definir normas, limites e/ou restrições para seus filhos. Você acha que os filhos têm o direito de questionar as atitudes e comportamentos de seus pais, como por exemplo o uso de bebidas alcoólicas, a disponibilidade de dar maior apoio e atenção aos seus filhos? Por quê?

Mensagem: Existem inúmeros estudos mostrando que o modo como os pais se relacionam com os filhos pode marcar profundamente a sua vida emocional. Os riscos são grandes para crianças cujos pais são imaturos, usam drogas, apresentam depressão ou ansiedade exagerada, vivem vidas desorganizadas e dão pouca atenção aos filhos. Requerer atenção, carinho e uma vida estável é um direito dos filhos.

45. A família pode ser considerada culpada ou vítima pelo fato de um de seus membros ser dependente de drogas? Por que?

Mensagem: Através das relações familiares aprendemos a vivenciar vários sentimentos (medo, amor, esperança, etc.). O importante não é apontar vítimas e culpados, mas sim identificar as causas do problema e buscar soluções de forma integrada e com a participação de todos.

46. Na sua família vocês já conversaram sobre drogas? Como foi? (Caso a resposta seja negativa, você gostaria de ter conversado?)

reclamam que seus pais não falam sobre drogas em
difícil para eles e que você poderia puxar o papo a
partir de um fato, de um filme, notícias de jornal, etc...?

47. É comum haver na família de um dependente de drogas, outros membros consumidores de drogas?

Resp. Sim. Com frequência se encontra uso abusivo de álcool pelo pai, ou de medicamentos pela mãe.

48. O uso abusivo de drogas pode ser um sinal de desequilíbrio familiar. Certo ou errado?

Resp. Certo. O uso abusivo de drogas indica uma falta de comunicação na família, tensões ou conflitos.

Amizade

49. O que é amizade para você?

Mensagem: Uma das melhores coisas da vida é ter amigos, pessoas com quem podemos compartilhar dúvidas, alegrias e tristezas. Desenvolver um relacionamento onde se tenha confiança e cumplicidade pode nos ajudar a lidar melhor com as dificuldades da vida. Para se ter um amigo é preciso ser amigo. Entretanto, as pesquisas mais recentes apontam que é comum colegas oferecerem drogas aos não usuários. Assim, é preciso estar atento e questionar algumas influências, desenvolvendo maior autonomia, autoconfiança e não permitindo que a amizade seja ameaçada por jogos de poder, competição e até submissão a "líderes" e modismos.

50. O que você falaria para um amigo que injeta droga na veia?

Mensagem: Você deve incentivá-lo a parar de usar droga, sugerindo um tipo de ajuda ou tratamento. De qualquer modo, você deve alertá-lo que o vírus da AIDS e outros agentes infecciosos podem ser transmitidos, através de seringas e agulhas compartilhadas entre pessoas que consomem drogas injetáveis em grupo. Em nenhuma hipótese devem-se emprestar agulhas e seringas. Sempre, em qualquer situação, as seringas devem ser descartáveis (usar uma vez e jogar fora) ou fervidas e esterilizadas caso sejam de vidro.

opção pelo uso de drogas? Como?

52. Alguns cultos religiosos estão associados ao uso de substâncias químicas. Você acha que isto pode ser uma porta de entrada para o uso abusivo de drogas? Sim ou não? Por que?

53. Em certos rituais, cerimônias místicas e fúnebres, era comum o uso de certas drogas. Desde que o uso se restringisse às referidas cerimônias, não traria danos aos consumidores, não representaria perigo para a comunidade. Você concorda ou discorda? Por que?

54. Lívia gosta de ir à missa aos domingos. Verônica é fascinada por ãreligião oriental e Luís André tem particular interesse pelo espiritismo. Que importância a religião tem na sua vida?

Metas/perspectivas/futuro

55. O que você pretende alcançar aos ã30 anos? O uso abusivo de drogas impediria você de realizar esses sonhos? Por que?

56. Você já definiu metas para sua vida? Quais?

Mensagem: É importante definir metas, mas as metas não precisam ser definitiva e você pode não alcançá-las. O importante é buscá-las de modo que orientem positivamente a sua vida.

57. O sonho de César era ter um carro de luxo, uma casa com piscina e um sítio na serra. Adriana sempre disse que se tornaria a presidente de uma grande empresa. Nelson gostaria de fundar uma organização voltada para os direitos humanos. Qual é o seu sonho e quais são suas metas?

e a felicidade e o sucesso em nossa sociedade estão, poder, dinheiro, status, etc. Será não existem outras

opções? Pense nisso.

Dependência

58. Você se considera dependente de alguma coisa? Quais as conseqüências da sua dependência?

59. Nicolau é arquiteto, casado, tem três filhos e é dependente de bebida alcoólica. Que problemas enfrenta a família de Nicolau?

Mensagem: Não é nada fácil conviver com dependentes de drogas lícitas ou ilícitas. A família pode incentivá-los a buscar tratamentos e colaborar no processo de recuperação, exemplo: terapia familiar.

60. Alice tem 17 anos, não estuda nem trabalha e é dependente de cocaína. Seus pais descobriram que ela tem roubado coisas de casa para vender e comprar coca. Como a família de Alice pode ajudá-la?

Mensagem: O problema não é só de Alice, mas de toda a família. A participação da família é muito importante na descoberta das causas que levam à procura de drogas e das possíveis soluções, que variam de acordo com cada caso. O sucesso destas tentativas depende do desejo de Alice em ser ajudada e da disponibilidade dos seus familiares em ajudá-la.

61. O que é dependência?

Mensagem: Quando nascemos somos completamente dependentes de outra pessoa, pois um bebê precisa de cuidados e de proteção para sobreviver. É medida que crescemos vamos criando relações de dependência com objetos, com outras pessoas e com determinadas situações, mas vamos ganhando autonomia, nos conhecendo melhor e sendo responsáveis por nossas atitudes. Embora muitas das nossas relações possam ser favoráveis ao nosso crescimento, outras podem causar prejuízos, perda de autonomia ou vícios.

62. Qual a relação entre DROGAS - PRAZER - DEPENDÊNCIA?

prazer e bem-estar. Entretanto ao buscar prazer através tornarmos dependentes, afinal só as drogas que são prazerosas é que podem gerar dependência. Ninguém se torna dependente de algo que não dá prazer. O problema é que o prazer obtido com o uso de drogas não vai nos auxiliar a lidar melhor com nossos problemas, pois é um prazer ilusório, passageiro e por vezes solitário. É como se tentássemos fugir de uma dificuldade e encontrássemos outra, muitas vezes pior.

63. Porque uma pessoa se torna dependente de uma droga?

Mensagem: A dependência resulta da interação entre um produto, uma personalidade, um meio e um momento sócio-cultural.

64. Quando uma pessoa se torna dependente fisicamente de uma droga?

Resp. A dependência física ocorre quando utilizamos uma droga (como álcool, fumo - tabaco, sedativos - calmantes, etc.) muitas vezes e em grandes quantidades. Neste caso, o organismo se modifica fisiologicamente, incorporando a droga em seu sistema, buscando equilibrar-se. Quando a pessoa deixa de usar a droga de maneira brusca, ocorre uma desestabilização deste equilíbrio artificial, provocando os sintomas da síndrome de abstinência.

65. O que é dependência psíquica?

Resp. A dependência psíquica ocorre quando a pessoa é dominada por um impulso forte, quase incontrolável, de utilizar o produto ao qual estava acostumada. Quando ela fica sem a droga sente um grande mal estar conhecido como "fissura".

66. Quando se diz que uma pessoa se tornou tolerante a um tipo de droga?

Resp. É quando o organismo se acostuma (através de um processo de adaptação fisiológica) à presença de um produto químico, respondendo cada vez menos aos efeitos da droga consumida. Tal fato faz com que o usuário tenha que aumentar sua dosagem para obter o efeito procurado.

Auto-conhecimento/ auto-estima

...r e o que mais incomoda?

...suar os próprios desejos e repulsas é um caminho para alcançar o equilíbrio emocional, a autonomia. (esta carta esta em azul nas cartas do jogo)

68. Cite aspectos positivos e negativos da sua personalidade.

Mensagem: *Conheça-te a ti mesmo* - é importante Ter consciência sobre os próprios sentimentos e valores e saber manejar com eles.

69. Quando você tem problemas ou está nervoso, triste, o que você faz? Qual a sua saída?

70. André estava numa festa com um grupo de amigos quando Murilo apresentou uma "carreira" (fileira de cocaína). André não quis experimentar e seus colegas disseram que ele era um otário. Pedro apesar de também não querer, resolveu cheirar para não ficar mal perante os colegas. Qual a sua opinião sobre a atitude de André e de Pedro?

Mensagem: André não estava sendo otário de modo algum; Pedro, sim, foi otário ao se omitir, não seguindo o próprio desejo para ser legal com o grupo. Cada um é especial, tem suas preferências e interesses. É importante respeitar a si próprio e ao outro. Assuma a sua opinião, mesmo que ela seja diferente da opinião da maioria.

71. Por que algumas pessoas se isolam quando têm problemas?

Mensagem: Ficar sozinho as vezes é legal e necessário, mas quando o isolamento se torna permanente, pode ser prejudicial. É bom saber pedir ajuda; o isolamento é, muitas vezes, resultado da falta de confiança nos outros, insegurança pessoal ou medo de ser rejeitado.

72. Você é feliz com o seu modo de ser? Por que?

Mensagem: Aqueles que sabem ouvir a própria voz do coração ouvem melhor os próprios sonhos e fantasias, conhecendo seus desejos e caminhos para serem felizes.

exercem influência sobre você? De que maneira?

Situações sócio culturais

74. Sexo, Drogas e Rock and Roll foram palavras de ordem de algumas gerações. O que você pensa sobre isso?

Trabalho preventivo/propaganda

75. As propagandas de cigarro e álcool associam esses produtos à saúde, beleza, bem-estar e status. Você acha que elas deveriam ser proibidas? Caso sua resposta seja positiva, como deveriam ser as propagandas destes produtos?

76. Você gostaria que o tema drogas fosse abordado na escola? Em caso afirmativo, de que maneira?

Mensagem: Muitas vezes este tema não é abordado por desconhecimento e/ou receio. Você pode propor atividades (jornal, jogos, peça de teatro, feiras de ciências, etc..) para os seus colegas, professores, diretores e demais funcionários, envolvendo também os familiares.

77. Está previsto por lei a inclusão do tema prevenção às drogas nos programas do curso de formação de professores. Certo ou errado?

Resp. Certo. Está previsto na lei antitóxico nº 6368/1976. É necessário que haja programas educativos que discutam as razões e conseqüências do uso de drogas, oferecendo alternativas, ao invés de omitir o assunto.

Escola

78. Você acha que a escola é um dos ambientes onde grande parte dos jovens experimenta drogas? Por que?

79. O que você faria se visse um colega seu fumando maconha na escola?

80. Um professor pegou um aluno fumando maconha no colégio e resolveu contar para o diretor que decidiu expulsá-lo da escola. Em outra escola, um professor viu

e no banheiro, mas não divulgou o fato, e resolveu
essas atitudes é a mais adequada? Por que?

Mensagem: é muito importante que os funcionários (professores, diretores e serventes) estejam preparados para abordar o tema drogas na escola e possam dialogar com eventuais usuários e oferecer alternativas. A expulsão apenas afasta o problema, que continuará sem solução.

Violência/tráfico/polícia

81. Como você vê o papel da polícia na repressão ao uso e ao tráfico de drogas?

82. Você concorda ou discorda deste artigo "É dever de toda pessoa física ou jurídica colaborar na prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica." (lei nº 6368/76 - artigo 1º).

Mensagem. Do ponto de vista pedagógico, a prevenção ao uso indevido é dever de todos, a repressão ao tráfico ilícito é dever do Estado.

83. Um policial flagrou Rose e Mauro fumando maconha. Pela lei, o que deve acontecer com eles?

Resp. Segundo a legislação brasileira eles responderiam a um processo e poderiam pegar uma pena de 6 meses a 2 anos de reclusão (Lei Nº 6.368/76). Nem sempre essas penas são cumpridas. Por quê? Reflita, discuta. Obs: Já foi encaminhado para o Congresso Nacional a proposta de descriminalização do uso de drogas que se refere à diferenciação legal entre consumidor, produtor e traficante. Se esta lei for aprovada o consumidor não será necessariamente tratado como criminoso, o juiz decidirá se o caso é de prisão, tratamento médico ou uma simples advertência.

84. O tráfico de drogas é atualmente uma das indústrias mais dinâmicas e rendosas do mundo. O crime organizado é uma das "pragas" sociais mais difundidas no mundo atual e vem sendo difícil combatê-lo. Certo ou errado?

Resp. Certo.

86. Se você tivesse que formular leis sobre o uso de drogas, como você faria?

87. Quais as penalidades ou conseqüências legais para o produtor e/ou traficante de drogas?

Resp. Pena de 3 a 15 anos de reclusão (Lei N^o 6.368/76) Nem sempre essas penas são cumpridas. Por quê? Reflita, discuta.

88. Qual a diferença entre discriminação e liberação da droga?

Resp. Discriminar significa despenalizar, ou seja, deixar de ser um ato criminoso o porte da droga para uso próprio, não importando se se trata de um usuário ocasional ou de um dependente. A produção e a comercialização de drogas ilícitas continuam sendo ilegal, isto quer dizer que as drogas ilícitas não seriam liberadas. Liberação significa despenalizar a produção e a comercialização dos tóxicos, e assim legalizar produção, venda e uso.

Baralho dicionário

Dicionário

As informações contidas neste "Dicionário" referem-se às ações químicas destes produtos no organismo e no ambiente. É bom lembrar que a estrutura da personalidade do usuário, assim como o momento e o meio sócio-cultural influenciam na determinação das conseqüências apontadas.

89. *Acido lisérgico ó LSD*

Esta droga, pouco usada no Brasil, é produzida em laboratórios e encontrada sob a forma de pequenos comprimidos ou de solução onde se molham pedacinhos de papel. Produz alucinações e visões distorcidas, podendo dar ao usuário sensações agradáveis ou desagradáveis, como idéias de perseguição ou impressão de terror. Nada garante que a pessoa terá uma boa "viagem", pelo contrário, esta poderá ser má e traumatizante. O uso de LSD tem potencial para uma dependência psíquica.

Há várias plantas que contêm substâncias alucinógenas, entre elas alguns cactus, cipós e cogumelos. De um cogumelo que cresce no estrume do boi faz-se o "chá de cogumelo"; a mescalina se encontra em certos cactus e o daime e a dartura em alguns cipós. Todas essas substâncias fazem "viajar". A duração, a intensidade e o retorno dessa "viagem" dependem da dose e da resistência individual. Desconhece-se a possibilidade de dependência psicológica/física. Mas há potencial para tolerância.

91. Anfetaminas

As anfetaminas têm fins terapêuticos quando utilizadas sob orientação médica, como estimulantes ou moderadores de apetite. Entretanto, apesar de controladas, muitos fazem uso indevido destas drogas, para melhorar a concentração, ficar acordado mais tempo ou emagrecer. O uso imoderado e prolongado provoca nervosismo, insônia, agressividade, irritabilidade, podendo gerar sintomas conhecidos como "psicose anfetamínica" (o usuário passa a ter alucinações e delírios). As anfetaminas têm potencial para provocar forte dependência psicológica e podendo também provocar dependência física. Há potencial para desenvolvimento de tolerância.

92. Bebidas alcoólicas

A venda e o consumo de álcool no país não são proibidos, exceto em determinados casos como por exemplo: vender álcool a menores ou dirigir embriagado. O uso prolongado ou abusivo, entretanto, provoca muitos danos à saúde, tais como: cirrose hepática, lesões diversas do sistema nervoso, etc, podendo levar à dependência física. Além dos danos físicos, o uso indevido de bebidas alcoólicas gera, muitas vezes, problemas sociais com grandes prejuízos para a vida do usuário, seus familiares e amigos.

93. Calmantes

Estes são os medicamentos mais vendidos no mundo; usados sob controle médico para o tratamento da angústia, depressão e ansiedade, têm fins terapêuticos. Entretanto, seus efeitos são apenas sintomáticos, ou seja, diminuem os sintomas mas não resolvem os problemas que geram a ansiedade. O uso prolongado e não controlado dessas substâncias pode levar à dependência física e psíquica.

É uma das substâncias tóxicas ilícitas mais difundidas no mundo atual. Originária dos Andes, a cocaína é extraída das folhas de um arbusto que contem alcalóides da coca. Os nativos da região têm o hábito de mascar as folhas. A forma comercial mais usada é o pó. Também conhecida como "brilho", "realce" ou "pó". Ela pode ser inalada, esfregada na gengiva, diluída em água e injetada ("pico"). O uso de cocaína dá uma sensação de euforia, poder, tira o sono e a fome. Em excesso, leva à insônia, à idéia de perseguição e à tendência ao isolamento. O hábito de injetar cocaína na veia, com compartilhamento de seringas, gera o grande risco de se contaminar com perigosas infecções, entre elas a AIDS. O uso de cocaína tem potencial para uma alta dependência psicológica, havendo possibilidade de dependência física e potencial para tolerância.

95. Crack

Uma maneira mais recente de se usar a cocaína. A partir da pasta obtêm-se as pedras, ou cristais, e estes são fumados em cachimbos ~~de~~ água, produzindo efeitos mais rápidos do que o "pó". Conseqüentemente é mais perigosa, provocando danos pulmonares graves e freqüentemente morte por superdosagem. Induz " dependência com mais facilidade. Originária dos Estados Unidos, onde é utilizada mais freqüentemente por populações marginalizadas e minorias étnicas (negros, hispano-americanos), está se difundindo rapidamente no Brasil, inclusive entre crianças e adolescentes em situação de rua.

96. Inalantes

São substâncias tóxicas voláteis que podem ser inaladas (cheiradas). Seus efeitos produzem desde perda de equilíbrio e/ou alucinações até conseqüências mais graves como parada respiratória e coma. Entre tais substâncias temos o éter, o clorofórmio, o "cheirinho da loló" e o lança-perfume. Outras são solventes muito usadas na indústria, a mais conhecida delas é a cola de sapateiro. O uso de solventes pode provocar dependência física e moderada dependência psicológica. Seu uso está ligado à possibilidade de tolerância. Muitas vezes, a via de administração (o saquinho plástico) pode originar complicações (asfixia).

97. Maconha

Brasil, apesar de ser proibido o seu cultivo e a sua a planta "cannabis sativa" é preparada em forma de cigarros (na gíria conhecidos como baseados, fininhos etc). Ela atua no sistema nervoso central, modificando a percepção do tempo e espaço; seus efeitos variam de intensidade de acordo com a quantidade e o tempo de uso. Sabe-se, entretanto, que o uso intensivo e prolongado compromete a fertilidade (que se recupera com a interrupção); como outras drogas, se usada de forma intensiva, faz com que o usuário perca o interesse pela realidade, em função da sua relação com o produto usado. Há potencial para dependência psicológica.

98. Nicotina

No mundo inteiro se desenvolvem campanhas de esclarecimento sobre os danos causados pelo tabaco. Diante destas campanhas os fabricantes vêm aumentando o teor da nicotina para garantir o consumo. O uso do fumo, principalmente o do cigarro, é responsável por inúmeros casos de bronquite crônica, asma, enfisema pulmonar, câncer de pulmão, hipertensão e outros problemas respiratórios e circulatórios. Parar de fumar pode não ser fácil, logo é melhor não entrar nessa!

99. Xaropes

Os opióides (morfina, heroína e codeína) são muito usados na medicina como analgésicos e anestésicos. Entram na composição de vários medicamentos para combater a tosse e dores fortes. Provocam sonolência, diminuição dos estímulos, e, às vezes, sensações de euforia e de bem estar. Os xaropes até hoje são muito usados entre jovens, apesar de sua venda ser proibida sem receita médica. Os opióides têm potencial para provocar uma alta dependência física e psíquica, com graves conseqüências para a saúde, como convulsões e até a morte.

100. Ecstasy (extase)

Nascido na Alemanha (sintetizado em laboratório/1912), espalhado pela Europa, o ecstasy chegou ao Brasil depois de passar pelos Estados Unidos; onde sua venda foi proibida, em 1995, como sendo uma droga de alto risco de dependência. Esta droga é uma mistura de alucinógeno com anfetamina (estimulante) e tem uma ação fulminante sobre o sistema nervoso central. Seu uso proporciona uma sensação de leveza, aumenta a temperatura do corpo, dá muita sede e prejudica o desempenho sexual. Ao desregular o

a de líquido pelo organismo, o consumo de ecstasy
forma de comprimidos, é também conhecido com a
"droga do amor". É mais consumido, em casas noturnas, por jovens de classe média alta.

101. Que motivos levam uma criança a usar drogas?
102. Com quem você conversa sobre drogas na sua família?
103. Como você gostaria que a polícia atuasse no controle do uso e do tráfico de drogas?
104. Você acha que uma pessoa pode ser influenciada pelo seu namorado ou namorada a usar drogas? Por quê?
105. Você namoraria uma pessoa que usa drogas ilegais, como maconha ou cocaína? Por quê?
106. Você acredita que uma pessoa possa deixar de usar drogas por uma opção religiosa? Por quê?
107. O que leva uma pessoa a começar a fumar? E o que faz uma pessoa parar de fumar?
108. Por que algumas drogas (como cigarro e álcool) podem ser vendidas e outras são proibidas de serem comercializadas?
109. Você acha que os pais educam as filhas diferente dos filhos? Como?
110. Você tem medo de que?
111. Na sua opinião as mulheres e os homens tem as mesmas necessidades sexuais? Por quê?
112. Na sua opinião os motivos que levam os homens a usar drogas são diferentes dos motivos das mulheres? Por quê?
113. Na sua opinião o fácil acesso às drogas incentiva o consumo?
114. Meninos e meninas usam as mesmas drogas? Por quê?
115. O que você acha da atitude dos pais que oferecem bebidas alcoólicas aos seus filhos?

sse que seu namorado ou namorada usa drogas

117. Meninos e meninas recém a mesma educação dos pais? Por que?
118. Qual o principal desafio dos jovens hoje em dia?
119. Você deixaria de ser amigo de uma pessoa se descobrisse que ela usa drogas ilegais? Por quê?
120. Você transaria com alguém que tivesse sob o efeito de uma droga?
121. Existe diferença entre uma mulher bêbada e um homem bêbado? Por quê?
122. Você acha que o consumo de drogas varia de acordo com a idade? Por quê?
123. Você já sentiu vontade de fumar ou beber ao ver seus pais fazendo o mesmo?
124. Você acha que existe um momento ideal para ter filhos? Por quê?
125. Você acha que seus pais perderia a confiança em você se soubesse que você usa drogas? Por quê?
126. Você acha que existe um momento certo para ter a primeira transa? Por quê?
127. Você já foi pressionado por algum amigo para usar drogas?
128. Que situações estimulam o uso de drogas?
129. Você contaria a seus pais sobre a sua primeira transa?
130. Você acha que as pessoas tem medo de amar?
131. A quem cabe a responsabilidade de prevenir uma gravidez?

Mensagem: Filho não é feito sozinho! Os cuidados com a prevenção da gravidez devem ser tomadas pelos dois. O casal deve conversar com um médico e decidir qual o melhor método a ser usado. Na escolha do método deve-se levar em conta a prevenção do HIV/AIDS.

132. Um jovem pode ajudar o seu namorado ou a sua namorada a parar de usar drogas? Como?

Mensagem: Abandonar um vício não é fácil, na maioria das vezes reque o apoio da família e de profissionais especializados. Em alguns casos, um namoro pode levar a pessoa a querer para ou então diminuir o consumo de drogas.

uma experiência boa. O parceiro pode não ser legal ou a gente pode não se sentir a vontade. Não precisa ter pressa. Escolha a pessoa e o momento que você achar melhor e não se esqueça de usar métodos de prevenção, como a camisinha.

134. Quais os riscos e prazeres do uso de drogas?

Mensagem: Muitas vezes procuramos as drogas para obter prazer. Não podemos esquecer que corremos o risco de perder o controle da situação, fazer bobagem e/ou passar a consumir a droga de forma abusiva, podendo até ficar dependente.

135. Na sua opinião existem pessoas que diante da dificuldade de assumir uma responsabilidade no campo profissional consomem drogas?

Mensagem: O processo de escolha profissional pode trazer ansiedade e insegurança e motivar o uso abusivo de drogas. Procure trabalhar numa atividade que você se sinta estimulado e satisfeito. Lembre-se que esta escolha pode não ser definitiva.

136. O uso de drogas aumenta o prazer sexual. Por quê?

Mensagem: O prazer sexual varia de pessoa para pessoa e não depende do consumo de drogas.

137. O que leva uma pessoa a se envolver no crime organizado?

Mensagem: A possibilidade de ganhar dinheiro, ter bens de consumo (roupa e tênis de marca), armas de fogo e impor respeito. Por outro lado, o risco de vida, o medo de ser preso, as possibilidades de trabalho e o apoio familiar podem afastar o jovem desse mundo.

138. O que você acha da gravidez na adolescência?

Mensagem: Se as vezes já é difícil cuidar da vida da gente, imagine ter que tomar conta da vida de outra pessoa. Ser pai ou mãe nesta fase da vida pode adiar estudos e projetos,

gente entender o processo e os meios para evitar a
ocidir a melhor época.

139. Existem mais mulheres ou homens envolvidos no crime organizado? Por quê?

Mensagem: O comércio ilegal de drogas é dominado por homens, mas o número de mulheres envolvidas nesse tipo de atividade está crescendo.

140. Todos os meses Fabrício e Ângela ficam tensos, preocupados com uma possível gravidez e torcem para que não ocorra um atraso menstrual. O que você pensa sobre isso?

Mensagem: Às vezes os adolescentes querem usar um método contraceptivo, mas têm medo de que os outros venham a descobrir que eles transam. Não é preciso que a vida sexual esteja vinculada ao medo e à tensão de uma gravidez, pois existem várias formas de evita-la, como por exemplo com o uso da camisinha.

141. O que são métodos contraceptivos? E qual é o melhor para o adolescente?

Mensagem: são recursos utilizados por homens e por mulheres para evitar que uma relação sexual resulte numa gravidez. Eles podem ser comportamentais (tabela, muco, cervical, coito interrompido), de barreira (condom, camisinha feminina, diafragma, espermicida), hormonais (pílulas e injetáveis), DIU e esterilização. Não existe método 100% seguro. O melhor método é aquele que dê, à mulher e ao homem, conforto e segurança. Para o casal de adolescentes é especialmente importante que não tenha contra-indicações.

142. Fabiana não esperava ficar grávida e está na dúvida se quer ou não ter o bebê. O que você levaria em conta nessa decisão?

Mensagem: Esta não é uma decisão fácil de ser tomada. Ela envolve questões pessoais, morais, religiosas, legais, emocionais, materiais e de saúde. O pai da família ou ainda o desejo da mulher (ou do casal) em relação à maternidade influenciam a tomada de decisão. Qualquer atitude terá consequências na vida da adolescente.

e religioso não existe consenso sobre o assunto. Em termos legais o aborto só é permitido por lei em caso de estupro e de risco para a vida da gestante. Mas são raros os serviços de saúde preparados para realizarem o aborto legal.

144. Você sabe reconhecer uma Doença Sexualmente Transmissível?

Mensagem: Observar o próprio corpo e suas alterações (Ex. coceira, verruga e vermelhidão) ajuda a reconhecer os sinais e sintomas de algumas doenças. Tratar de uma DST indica atividade sexual e pode ser um problema para o adolescente, mas é possível fazer exames e tratamentos confidenciais para a DST e infecção pelo HIV com indicação médica.

145. O que fazer quando se tem uma DST?